Título Original: Récits d'un pèlerin Russe a son père spirituel
Éditions de La Baconnière, Neuchâtel, Suíça, 1963

Capa e Edição por Gustavo Galdini
Fonte: ortodoxia.pt

Sumário

Primeira Parte 1
Prefácio 1
Introdução 3
Primeiro Relato: Aprendizado da Oração 11
Segundo Relato: Através da Sibéria 23
A oração de Jesus 24
O peregrino é atacado por ladrões 25
História do capitão 28
Solidão orante 32
História de um guarda florestal 33
Trabalhos espirituais 37
Ataque do lobo 41
A moça da aldeia 45
Curas maravilhosas 52
Chegada a Irkutsk 57
Terceiro Relato: Apresentação do Peregrino 59
Quarto Relato: A Caminho de Jerusalém 63
O provérbio russo 63
Uma família ortodoxa 66
O camponês cego 84
A casa do correio 89
Um padre na zona rural 92
Na estrada de Kazan 95
Segunda Parte 99
Prólogo 100
Quinto Relato 104
Sexto Relato 146

O segredo da salvação revelado pela oração contínua 152
Sobre o poder da oração 169
Sétimo Relato 177

Primeira Parte

Prefácio

"Quando um peregrino vem nos visitar, prostremo-nos ante ele. Não ante o homem, mas, ante Deus". Se for desta forma, e é de autoridade quem o pronunciou, eu diria, o é de modo eminente pelo que se refere ao protagonista, como também relator, da obra que nos ocupa. Pela porta que abriremos para acolher este peregrino solitário, irá penetrar de algum modo a presença de Deus; viva presença que iluminará nossa alma na medida de nossas necessidades e de nossos anseios.

Exortação magnífica e poderosa à vida espiritual, como que um guia, estímulo e consolo, este "pequeno clássico" da espiritualidade, pequeno por sua simplicidade e humildade, e "clássico" por sua extraordinária difusão e acolhida, é obra, sem dúvida, de um perito guia de almas, capaz de ordenar em uma sequência gradual, não segundo uma ordenação lógica ou, para o caso, teológica, mas especificamente espiritual uma série de relatos que, a primeira vista, podem parecer desprovidos de uma ligação e intenção determinadas.

O caminho que percorremos com o peregrino é simultaneamente um itinerário espiritual em sua concreta vivência, configurada pela sucessão de acontecimentos exteriores, como também, e fundamentalmente, um ensino específico contido em cada um deles, que nos aprofunda progressivamente na via espiritual, tal como é concebida pela tradição hesicasta em particular. Nos relatos, descrevem-se todas as etapas do Caminho, da inicial inquietação da alma, que desperta à chamada do alto, até a chegada à hesychia, o "santo silêncio", passando pelas suas fases de purificação e iluminação prévias.

Este "testamento" do hesicasmo, como eu gostaria de qualificar esta

obra, constitui um testemunho inapreciável, "o ramo mais direto e mais intacto da iniciação crística… Que desde os Padres do deserto até o peregrino russo representa indiscutivelmente o patrimônio mais inalterado da espiritualidade cristã primitiva, quer dizer, propriamente crística, e sua expressão mais pura e profunda", a qual não será certamente correto supor já praticamente extinta, pelo menos no que se refere à sua manifestação visível.

Os dois pilares da via, a doutrina e o método, são reiteradamente expostos e comentados pelos seus diversos ângulos. A primeira, recolhida na Filocalia, "tesouro da sabedoria espiritual", como a qualifica seu editor, Nicodemo o Hagiorita; e o segundo, sintetizado na "oração de Jesus", invocação do Nome divino, ato que constitui a "lembrança" de Deus por excelência, satisfazendo assim ao mandamento que engloba a todos, conforme afirma, entre outros, Gregório o Sinaita, figura central no desenvolvimento histórico do hesicasmo: "acima dos mandamentos há o mandamento que contém a todos: a lembrança de Deus: lembra-te do Senhor teu Deus a todo momento (Dt., VIII, 18). É por causa deste que outros foram violados, e é por este que se guardam os demais. O esquecimento, na origem, destruiu a lembrança de Deus, obscureceu os mandamentos e descobriu a nudez ao homem".

A obra não frustrará, pois, o buscador disposto a mergulhar até o fundo, até a raiz de nossa situação atual de esquecimento de Deus e a repará-la na medida de suas possibilidades e dos intuitos da Providência, levando-se em conta o caráter total de uma via que, como a hesicasta, tem por meta a união da alma com Deus, em total identificação de sua essência. Mas a obra pode ser abordada a partir de uma perspectiva menos radical, pois oferece igualmente, e eu diria necessariamente, elementos que podem ficar circunscritos à esfera moral apenas, oferecendo um mosaico de virtudes exemplares que possibilitam mover a alma piedosa às imitar, e a dar à alma tíbia estímulo suficiente ao ardor.

E do mesmo modo, em outra ordem paralela de coisas, a obra constitui, em nível histórico, uma pincelada que nos delineia o perfil espiritual da Santa Rússia nos anos imediatamente anteriores ao arranque implacável da Besta, que a ia converter na Sinistra Rússia. Não vamos estender estas considerações gerais sobre a obra. É por si mesma o bastante explícita para não necessitar de apresentações. De qualquer modo, no que se refere ao complemento erudito, a introdução e as notas da primeira parte provêem um material suficiente, e no que faz referência ao seu valor espiritual, o prólogo da segunda parte falará melhor que estas linhas.

Para esta edição, completa por incluir em sua segunda parte três relatos, que apareceram posteriormente mas que são indissociáveis dos primeiros, partiu-se, para sua primeira parte, da tradução francesa de Jean Gauvain (pseudônimo de Jean Laloy), a mais difundida das versões ocidentais, na qual se respeitaram a introdução e as notas, salvo pequenas alterações que se consideraram oportunas; e, para a segunda, da tradução inglesa de R. M. French, que oferece, em geral, maiores acentos de rigor e exatidão do que a francesa da Abadia de Bellefontaine, a que, não obstante, teve-se igualmente presente. Para esta segunda parte, contamos com a colaboração de M. Charles Krafft, grande conhecedor do assunto, e que teve a gentileza de escrever um prólogo especialmente para a edição espanhola, o qual reproduzimos nesta edição.

Introdução

A Pierre Pascal

Foi na Biblioteca das Línguas Orientais, em Paris, que eu descobri este livro, graças a uma pequena nota de Nicolas Berdiaev. Apesar da pressa por causa do período de exames, eu não larguei dele até à noite. De fato, mais que muitos romances, estudos e ensaios, ele revela o mistério do povo russo naquilo que há de mais secreto: suas crenças e

sua fé.

Não é de espantar a obscuridade em que permaneceram os Relatos de um Peregrino quando se pensa em que condições foram publicados. Apareceram pela primeira vez em Kazan, por volta de 1865, sob uma forma primitiva, com muitos erros. Foi somente em 1884 que se estabeleceu uma edição correta e acessível. Em pleno movimento socialista e naturalista, essa edição não poderia ter muita repercussão.

Somente após 1920, quando o coração de certos emigrados russos sentiu a nostalgia da pátria, surgiu a necessidade de uma nova edição. O livro foi reimpresso por iniciativa do professor Vycheslavtsev. A presente tradução foi feita a partir desse texto.

Os Relatos foram publicados sem nome do autor. De acordo com o prefácio da edição de 1884, o padre Païsius, abade do mosteiro de São Miguel Arcanjo, em Kazan, teria copiado o texto de um monge russo de Athos, cujo nome ignoramos. Numerosos indícios nos fazem crer que os relatos foram redigidos por um religioso depois de suas entrevistas com o peregrino. Esta hipótese, porém, não afeta o caráter de autenticidade do livro. O peregrino, simples camponês de trinta e três anos, só está familiarizado com o estilo oral. A redação de suas aventuras lhe teria custado imensos esforços; expressões convencionais teriam substituído a linguagem arcaica e simples que faz o encanto de seus relatos.

Por outro lado, um confidente inteligente terá podido reencontrar exatamente o tom do peregrino e transmitir ao leitor as suas palavras. Muitos místicos só comunicaram sua experiência espiritual com a ajuda de um cronista, cuja suprema arte consiste em apagar-se diante dos mistérios que revela. Este personagem talvez seja o eremita de Athos, ou talvez ainda o padre Ambrósio, o grande solitário de Optina - mestre de Ivan Kireevski, amigo de Dostoiévski, de Tolstói e Leontiev - em cujos manuscritos foram encontrados três outros relatos de tom mais didático, publicados em 1911.

Os Relatos estariam assim relacionados ao movimento literário russo do século XIX, naquilo que tem de mais sereno e puro. Em meio ao tumulto dos escritos poéticos, romanescos, revolucionários, em que se chocam com violência as tendências radicais do caráter russo, faltava essa nota inocente e cristalina que é, sem dúvida, a tônica secreta.

O peregrino faz o leitor penetrar no coração da vida russa, pouco depois da guerra da Criméia e antes da abolição da escravatura, ou seja, entre 1856 e 1861. Por ele passam todos os personagens do romance russo: o príncipe que procura expiar sua vida dissipada, o chefe do correio, beberrão e briguento, o escrivão da província, incrédulo e liberal. Os forçados partem, em penosas etapas, para a Sibéria; os correios imperiais extenuam seus cavalos na planície imensa; os desertores rondam pelas florestas longínquas; nobres, camponeses, funcionários, membros das seitas, professores e padres, toda essa antiga Rússia de estrutura rural ressuscita com seus defeitos - dos quais a embriaguez não é certamente o menor - e suas qualidades, entre as quais a mais bela é a caridade, o amor espiritual ao próximo, iluminado pelo amor de Deus.

Ao redor, é a terra russa, planície imensa a perder de vista, florestas desertas, hospedarias à beira das estradas, igrejas pintadinhas de novo, com sinos que cintilam. Entretanto, o camponês não se detém jamais para descrever as aparências sensíveis. Cristão ortodoxo, ele está à procura da perfeição, sua única preocupação é o absoluto.

Para guiá-lo em sua busca, o peregrino tem apenas dois livros: a Bíblia e uma coletânea de textos patrísticos, a Filocalia. Este nome é o único meio de se definir a escola à qual ele está ligado. Russo do século XIX, ele é um hesicasta (de "FLP4": palavra que significa: calma, silêncio, contemplação). O hesicasmo remonta aos primeiros séculos cristãos. Tem suas origens no Monte Sinai e no deserto do Egito. Na Igreja Oriental, aparece como a corrente mística que se opõe à tradição puramente ascética, originária de São Basílio, que dominou por muito tempo, após a condenação

da doutrina de Orígenes nos séculos V e VI.

A mística oriental, inspirada em Orígenes e Gregório de Nisa, atribui à alma humana, como sua finalidade, a deificação. A natureza humana é boa, mas deformada pelo pecado. O caminho da salvação consiste em devolvê-la à sua virtude primitiva, restabelecer no homem - que é a imagem de Deus - a semelhança divina, obra da graça. Sob a ação da graça, o espírito - libertado das paixões pela ascese - se eleva para contemplar as razões das coisas criadas e chega, às vezes, até a chamada "nuvem luminosa": a contemplação obscura da Santíssima Trindade.

Tal é a meta à qual se consagram os solitários e os grandes místicos dos dez primeiros séculos do cristianismo. Para fixar o espírito nas realidades invisíveis, alguns deles foram levados a adotar processos técnicos como a repetição frequente de uma curta oração: o Kyrie Eleison. Os católicos, que estão familiarizados com a recitação do terço, não se admirariam por isso. A ideia de uma participação do corpo na vida espiritual, que está ligada ao dogma da ressurreição futura, é em si mesma profundamente ortodoxa. Foi assim que, pouco a pouco, se desenvolveu, através de controvérsias acirradas, a doutrina que será qualificada como hesicasmo.

A partir do século XI, essa doutrina tende a corromper-se. Sob a influência indireta de São Simeão, o Novo Teólogo, um valor exagerado é atribuído às visões e revelações sensíveis. Ninguém poderá ser considerado cristão se não tiver conhecido e experimentado concretamente a graça. Esta é uma teologia inquietante, à qual se opõem as palavras de Joana d'Arc aos doutores que lhe perguntavam se ela estava em estado de graça: - Se não estou, que Deus nele me coloque e, se nele estou, que Deus nele me conservei Além disso, o cristão não pode ir sem perigo. A ação de Deus na alma é essencialmente misteriosa, "transpsicológica", para retomar a expressão de Stolz.

A procura das iluminações, com efeito, leva a desprezar a prática

ascética e a buscar meios considerados mais eficazes para chegar às visões. Trata-se do perigo do "meio curto" e do quietismo, onde a alma se arrisca a ser fulminada. Por uma evolução paralela, dá-se uma atenção demasiada aos processos corporais, à postura do corpo, ao papel do coração na oração. O hesicasta do século XIV, que espera chegar à salvação "sem esforço e sem dor", esquece que, na vida espiritual, tudo é graça e que ninguém pode dizer: Jesus é Senhor, a não ser no Espírito Santo (1 Cor 12,3).

É essa doutrina que, apesar das controvérsias do século XIV, é transmitida à Rússia pelo staretz ou monge Nil Sorski (1433-1508), uma das figuras mais puras do monaquismo russo, aquele que queria proibir aos conventos a posse de bens materiais. Ela caiu no esquecimento, mas foi restaurada por um outro monge, Païsius Velitchkovski, no fim do século XVIII. Os textos hesicastas, que ele reúne e publica em 1794, vão guiar os solitários e os místicos russos do século XIX.

Comprometido na monótona cadeia de gerações, o peregrino encontra a doutrina do hesicasmo tal qual a deformaram os longos séculos de história. Mas sua espiritualidade é pura. Se, por momentos, ele parece acreditar que a prática da oração basta para levá-lo a conhecer "como o Senhor é bom", seu amor de Deus é grande demais para não ser de origem sobrenatural. O ascetismo quase espontâneo da sua vida não deixa também de servir-lhe de guarda. Andando sempre de um lugar para outro, não tendo sequer uma pedra onde repousar a cabeça, a oração perpétua é para ele, antes de tudo, um meio para fixar a atenção sobre o mistério da fé e fazer a alma voltar-se para si mesma. Seu espírito permanece sempre ativo e sua fé é iluminada por uma busca ardente e sincera.

A fé do peregrino não é uma respeitosa emoção diante de mistérios de poesia, ela se alimenta de ensinamentos teológicos. Aos que se lhe dirigem, oferece conselhos técnicos e explicações da doutrina, e não exortações generosas e vagas. Conhecendo o homem à luz de Deus, ele conhece também seu lugar e seu papel no universo.

A moral do peregrino não é um conjunto de regras que um dia aprendeu. Não é também apenas uma higiene interior. Todas as suas ações são orientadas pelo desejo de perfeição espiritual. O ascetismo é condição de contemplação. Não tem sentido em si mesmo. Assim, a vida espiritual retoma sua unidade. Da fé procedem as obras, mas, sem as obras não há fé. Vindo do mundo da queda, da ignorância e da fraqueza, o peregrino caminha para a nova Jerusalém, na qual entrará por inteiro, corpo e alma, na consumação dos séculos. Reunindo todas as forças de seu espírito para contemplar o Ser Absoluto, ele recebe, às vezes, de Cristo, o novo Adão, alguns dos privilégios do primeiro Adão.

Ele chega a ignorar o frio, a fome, a dor; até a própria natureza lhe parece transfigurada: "Árvores, ervas, pássaros, terra, ar, luz, tudo me dizia que tudo existe para o homem, que tudo testemunha o amor de Deus pelo homem, tudo reza, tudo canta a glória de Deus".

Esse otimismo que liberta não é um privilegio cristão. É a tendência profunda do cristianismo. Que a criação seja boa e que, depois da queda, ela deva ser englobada inteiramente na via da salvação, disto Santo Agostinho e, depois dele, os grandes doutores medievais, não duvidam mais que São Gregório de Nisa. Se a Idade Média no Ocidente está mais ligada sobretudo ao mistério do pecado e da Cruz, é porque as maravilhosas implicações da Encarnação já foram reveladas à consciência cristã pelos Padres da Igreja. Foram somente as crises e as rupturas do mundo moderno que obscureceram esse senso "cósmico" da teologia patrística, sem o qual não se pode compreender o pensamento dos grandes doutores do Ocidente.

É a essas perspectivas tão amplas que o peregrino pode levar aqueles que o escutam com sinceridade. Será isso roubar-lhe seu caráter russo? De maneira alguma, ao contrário. Pois ele é um perfeito tipo da piedade russa. Esta não formou uma escola de pensamento, uma doutrina própria. Como um ícone de Novgorod, de cores vivas e fortes, que renova

os modelos recebidos de Bizâncio, a piedade russa deu, às doutrinas do Oriente cristão, um tom original e novo.

O senso inato do mistério do homem, a compaixão, a piedade diante da dor e do pecado, a simplicidade de coração que purifica espontaneamente as doutrinas da Idade Média bizantina, a imitação direta e a quase mímica da vida de Cristo e das verdades evangélicas - tais são os traços fundamentais da piedade russa.

Existe assim na Rússia um imenso potencial religioso, uma poderosa força popular que não chegou a exprimir-se em uma doutrina própria. Até ao século XIX não existe uma teologia russa: tudo é traduzido, decalcado do grego ou, secundariamente, do latim. Com exceção talvez da Idade Média russa, a fusão, a síntese entre o pensamento religioso e a corrente da piedade popular só aconteceu em casos individuais, de que o peregrino é um exemplo. Na vida da Igreja, essa ausência de unidade confere à ideia religiosa russa seu caráter trágico, fonte de crises violentas. Abandonada a si mesma, a Igreja russa logo veio a conhecer a ingerência do Estado. Por falta de apoio, ela sucumbiu, o cisma despedaçou-a, ela se desfez pouco a pouco. Nas florestas em que se erguera a meditação solitária de Nil Sorski, acendem-se no século XVII as trágicas fogueiras dos Velhos-Crentes. A torça espiritual se refugia nos eremitérios, nos monastérios junto aos monges; ela se irradia às vezes para o povo, mas a unidade orgânica está esfacelada. Os gigantescos esforços dos leigos para criar, no século XVIII, uma doutrina religiosa russa, se apoiam apenas em uma realidade difusa, falta-lhes solidez e permanecem isolados. De certo a alma russa permanece sobretudo religiosa. Mas à fé sucede a religiosidade sobre a qual nascem terríveis abscessos de fanatismo obscuro, de niilismo total, de ateísmo militante, potência das trevas!

Voltado para o absoluto, por uma misteriosa vocação, o povo russo - como todos os povos da Europa - falhou à sua missão histórica, a de uma civilização progressivamente impregnada pela Verdade, em um equilíbrio

ativo entre os abismos do pecado e a infinita graça divina. A visão de uma Rússia que reconciliaria o Oriente com o Ocidente, por um instante entrevista por Soloviev, parece ter desaparecido para sempre. Mas um bem infinito pode nascer de um mal radical. É no temor e no tremor que se prepara a ressurreição. "Chora, chora, povo miserável", canta o Inocente de Mussorgski, esse irmão do peregrino, "chora, povo faminto, Deus terá pena de ti".

Genebra, Festa da Ressurreição do Senhor, 25 de abril de 1943

— Jean Gauvain

Primeiro Relato: Aprendizado da Oração

Pela graça de Deus, sou homem e cristão; pelas ações, grande pecador; por estado, peregrino sem abrigo, da mais baixa condição, sempre vagando de déu em déu. De meu, tenho às costas uma sacola de pão seco, na minha camisa a santa Bíblia, e eis tudo.

No vigésimo quarto domingo depois da Trindade, eu entrei na igreja para rezar durante o ofício estavam lendo a Epístola do Apóstolo aos Tessalonicenses, na passagem que diz: Rezai sem cessar. Estas palavras penetraram profundamente em meu espírito e eu me perguntei como era possível rezar sem cessar quando cada um de nós tem de ocupar-se de muitos trabalhos para seu próprio sustento. Procurei na Bíblia e li com meus próprios olhos aquilo que ouvira: - É preciso rezar sem cessar (1 Ts 5,17), rezar em todo tempo, no Espírito (Ef 6,18), erguendo em todo lugar mãos santas (1 Tm 2,8). Por mais que refletisse, não sabia o que decidir.

— O que fazer? Pensava. Onde achar alguém que possa explicar-me essas palavras? Eu irei às igrejas onde pregam homens de renome e aí talvez eu ache o que procuro.

E me pus a caminho. Ouvi belos sermões sobre a oração. Mas todos eles instruíam sobre a oração em geral: o que é a oração, porque é necessário rezar, quais são os frutos da oração. Mas, como chegar a rezar verdadeiramente - sobre isso não falavam nada. Ouvi um sermão sobre a oração em espírito e sobre a oração perpétua, mas não explicavam como chegar até lá. Assim, a frequência aos sermões não me dera o que eu desejava. Deixei, portanto, de ir às pregações e decidi sair, com a ajuda de Deus, à procura de um homem sábio e experimentado que me explicasse esse mistério, pois era isso que atraía irresistivelmente o meu espírito.

Caminhei por longo tempo. Lia a Bíblia e perguntava se não existia em algum lugar um mestre espiritual ou um guia sábio e cheio de experiência. Disseram-me certa vez que, em uma aldeia, vivia há muito tempo um

senhor que se dedicava exclusivamente à sua salvação: tinha uma capela em sua casa, nunca se mexia, rezava sem parar a Deus e lia livros espirituais. Ao ouvir tais palavras, em vez de andar, eu saí correndo em direção à aldeia; lá chegando, fui à casa do tal senhor.

— O que desejas de mim? perguntou ele.

— Eu soube que o senhor é um homem piedoso e sábio; é por isso que lhe peço, em nome de Deus, que me explique o que quer dizer esta palavra do Apóstolo: Rezai sem cessar e como é possível rezar assim. Eis o que quero compreender e, no entanto, não o consigo.

O senhor ficou em silêncio, olhou-me atentamente e disse:

— A oração interior perpétua é o esforço permanente do espírito humano para atingir a Deus. Para ter êxito nesse exercício benfazejo, convém pedir muitas vezes ao Senhor que nos ensine a rezar sem cessar. Reza mais e com maior zelo; a oração por si mesma te fará compreender como ela pode tornar-se perpétua; isso leva muito tempo.

Tendo dito essas palavras, ele mandou dar-me de comer, deu-me alguma coisa para a viagem e me deixou. Mas ele nada tinha explicado.

Retomei meu caminho; eu pensava, lia, refletia como eu podia, sobre o que me dissera o senhor e, entretanto, não conseguia entender. Mas tinha tamanha vontade de entender que não podia dormir à noite. Depois de ter percorrido duzentas verstas, cheguei a uma comarca do governo. Vi que aí havia um mosteiro. Na hospedaria me disseram que nesse mosteiro vivia um superior piedoso, hospitaleiro e caridoso. Fui procurá-lo. Ele me recebeu com bondade, fez-me sentar e me ofereceu comida.

— Meu santo pai, disse eu, não preciso de uma refeição, mas queria que o senhor me desse um ensinamento espiritual: como chegar à salvação?

— Como chegar à salvação? Pois bem! Vive segundo os mandamentos,

reza a Deus e tu serás salvo!

— Eu aprendi que é preciso rezar sem cessar, mas não sei como rezar sem cessar, nem posso compreender o que significa a oração perpétua. Eu vos peço, meu pai, que me explique isso.

— Meu irmão, não sei como te explicar melhor. Espera aí! Eu tenho um livrinho que tem tudo isso. E ele me deu a Instrução espiritual do homem interior, de São Dimitri. - Toma, lê esta página. Eu comecei a ler o que se segue: "Estas palavras do Apóstolo: - É preciso rezar sem cessar, se aplicam à oração feita pela inteligência; com efeito, a inteligência pode estar sempre mergulhada em Deus e rezar sem cessar".

— Explicai-me de que maneira a inteligência pode estar sempre mergulhada em Deus, sem distrações, e rezar sem parar.

— Isso é coisa muito difícil, se Deus não conceder esse dom, disse o superior. Mas, ele não tinha explicado nada. Passei a noite no mosteiro e, agradecendo-lhe de manhã a sua acolhida cordial, retomei meu caminho sem saber bem aonde iria. Eu estava triste por não conseguir compreender e, para me consolar, lia a santa Bíblia. Andei assim pela estrada durante cinco dias. Finalmente, uma tarde, encontrei um velhinho que parecia ser um religioso. À minha pergunta, ele me respondeu que era um monge e que o mosteiro onde ele vivia com alguns irmãos, ficava a 10 quilômetros da estrada; convidou-me a fazer lá uma parada.

— Em nossa casa, me disse, recebemos os peregrinos, cuidamos deles e lhes damos alimento na hospedaria.

Eu não estava com a mínima vontade de ir até lá e lhe disse:

— Meu descanso não depende de um alojamento, mas de um ensinamento espiritual; não é alimento que estou procurando. Tenho bastante pão seco na minha sacola.

— Mas, que tipo de ensinamento tu procuras e o que é que desejas

compreender melhor? Vem, vem conosco, meu irmão! Nós temos monges experimentados que podem dar-te uma orientação espiritual e guiar-te no caminho verdadeiro, à luz da Palavra de Deus e dos ensinamentos dos Padres

— Vede, meu pai, faz mais ou menos um ano que, estando no ofício, eu ouvi este mandamento do Apóstolo: - Rezai sem cessar. Não sabendo como entender essas palavras, eu me pus a ler a Bíblia. E nela encontrei, em muitas passagens, o mandamento de Deus: é preciso rezar sem parar, sempre, em todo lugar, em toda ocasião, não somente durante os trabalhos cotidianos, não somente quando acordados, mas também durante o sono: Eu durmo, mas meu coração vigia (Ct 5,2). Isso me espantou muito e não posso compreender como se pode fazer tal coisa e quais são os meios de chegar lá; um desejo violento e a curiosidade despertaram em mim: de noite e de dia essas palavras não saem mais da minha cabeça. Então comecei a frequentar as igrejas - ouvi sermões sobre a oração; mas, por mais que eu escutasse sermão e mais sermão, eu nunca aprendi como rezar sem cessar; falavam sempre da preparação para a oração e de seus frutos, sem ensinar como rezar sem parar e o que significa tal oração. Eu li muitas vezes a Bíblia e nela encontrei o que tinha ouvido; entretanto, não consegui compreender o que desejo. E desde então, sinto-me inseguro e inquieto.

O monge fez o sinal-da-cruz e tomou a palavra:

— Agradece a Deus, irmão querido, porque Ele te revelou uma atração invencível em ti para a oração interior perpétua. Reconhece nisso o apelo de Deus e acalma-te pensando que assim a concordância da tua vontade com a palavra divina já foi devidamente provada; foi-te dado compreender que não é a sabedoria do mundo nem um vão desejo de conhecimentos que conduzem à luz celestial - a oração interior perpétua - mas, ao contrário, a pobreza do espírito e a experiência ativa na simplicidade do coração.

Por isso, não é de espantar que tu nada tenhas ouvido de mais profundo sobre o ato de rezar e que não tenhas podido aprender como chegar a essa atividade perpétua. Na verdade, prega-se muito sobre a oração e sobre esse assunto há numerosos trabalhos recentes, mas todos os critérios de seus autores se fundamentam sobre a especulação intelectual, sobre os conceitos da razão natural e não sobre a experiência alimentada pela ação; eles falam mais dos acessórios da oração do que de sua própria essência. Um explica muito bem porque é necessário rezar; outro fala do poder e dos efeitos benfazejos da oração; um terceiro, das condições necessárias para rezar bem, isto é, do zelo, da atenção, do calor do coração, da pureza de espírito, da humildade, do arrependimento, que é necessário possuir para se pôr em oração. Mas, o que é a oração e como aprender a rezar - a essas questões, entretanto, essenciais e fundamentais - é raro encontrar uma resposta nos pregadores de nosso tempo; pois são muito mais difíceis que todas as suas explicações e exigem, não um conhecimento escolástico, mas um conhecimento místico. E, coisa mais triste ainda, essa sabedoria elementar e vã conduz a medir a Deus com uma medida humana. Muitos cometem um grande erro quando pensam que os meios de preparação e as boas ações geram a oração, quando na realidade é a oração que é a fonte das boas obras e das virtudes. Eles consideram erroneamente os frutos ou as consequências da oração como meios de chegar até ela e assim diminuem a sua força. Trata-se de um ponto de vista completamente oposto à Escritura, pois o Apóstolo Paulo assim fala da oração: Eu vos recomendo antes de tudo rezar (1 Tm 2,1).

Assim o Apóstolo coloca a oração acima de tudo: Eu vos recomendo antes de tudo rezar. Muitas boas obras são pedidas ao cristão, mas a obra da oração está acima de todas as outras, pois, sem ela, nenhum bem pode ser feito. Sem a oração frequente, não se pode achar o caminho que conduz ao Senhor, conhecer a Verdade, crucificar a carne com as suas paixões e desejos, ser iluminado no coração pela luz de Cristo e unir-se a Ele na

salvação.

Eu digo frequente, pois a perfeição e a correção de nossa prece não dependem de nós, como diz ainda o Apóstolo Paulo: Nós não sabemos o que pedir como convém (Rm 8,26). Somente a frequência foi deixada em nosso poder como meio de atingir a pureza da oração, que é a mãe de todo bem espiritual. Adquire a mãe e tu terás uma descendência, diz Santo Isaac, o Sírio, ensinando que, em primeiro lugar, é preciso adquirir a oração para poder pôr em prática todas as virtudes. Mas eles conhecem mal essas questões e delas falam pouco, os que não estão familiarizados com a prática e os ensinamentos dos Padres da Igreja.

Conversando dessa maneira, sem perceber, tínhamos chegado ao convento. Para não me separar do sábio ancião e satisfazer mais cedo o meu desejo, apressei-me a dizer-lhe:

— Eu vos peço, venerável pai, explicai-me o que é a oração interior perpétua e como se pode aprender: vejo que tendes dessa oração uma experiência profunda e segura.

O monge acolheu meu pedido com bondade e me convidou a entrar:

— Vem a minha casa, eu te darei um livro dos Padres que permitirá que compreendas claramente o que é a oração e venhas a aprendê-la com a ajuda de Deus. Entramos em sua cela e o monge me dirigiu as seguintes palavras:

— A interior e constante oração de Jesus é a invocação contínua e ininterrupta do nome de Jesus, com os lábios, com o coração e com a inteligência, no sentimento de sua presença, em todo tempo, em todo lugar, mesmo durante o sono. Essa oração se exprime pelas palavras: - Senhor Jesus Cristo, tende piedade de mim!

Aquele que se habitua a essa invocação sente uma grande consolação e a necessidade de rezar sempre essa oração; depois de algum tempo, ele não pode passar sem ela e por si mesma a oração brota nele. Compreendes

agora o que é a oração perpétua?

— Compreendo perfeitamente, meu pai! Em nome de Deus, ensinai-me agora como chegar até lá, exclamei, cheio de alegria.

— Como se aprende a oração, nós vamos ver neste livro. Chama-se Filocalia. Contém a ciência completa e detalhada da oração interior perpétua, explicada por vinte e cinco Padres; é tão útil e perfeito que é considerado como o guia essencial da vida contemplativa e, como diz o bem-aventurado Nicéforo, "ele conduz à salvação sem cansaço nem dor".

— Então ele é mais importante que a santa Bíblia? perguntei.

— Não, não é mais importante nem mais santo que a Bíblia, mas contém explicações luminosas sobre tudo o que ainda parece misterioso na Bíblia, por causa da fraqueza de nosso espírito, cujos olhos não chegam a essas alturas. Eis uma comparação: o sol é um astro majestoso, brilhante e grandioso; mas não se pode olhar para ele a olho nu. Para contemplar o rei dos astros e suportar seus raios inflamados, é preciso usar um vidro artificial, infinitamente menor e mais frágil do que o sol. Pois bem. A Escritura é este sol resplandecente e a Filocalia é o pedaço de vidro. Escuta, agora eu vou ler para ti como se exercer na oração interior perpétua.

O monge abriu a Filocalia, escolheu uma passagem de São Simeão, o Novo Teólogo e começou:

"Permanece sentado no silêncio e na solidão, inclina a cabeça, fecha os olhos; respira mais devagar, olha, pela imaginação, para o interior de teu coração, concentra tua inteligência, isto é, teu pensamento, da tua cabeça para teu coração. Dize, ao ritmo da respiração: "Senhor Jesus Cristo, tende piedade de mim", em voz baixa, ou simplesmente em espírito. Esforça-te para afastar todos os pensamentos, sê paciente e repete muitas vezes esse exercício".

Em seguida o monge me explicou tudo isso com exemplos, e nós ainda lemos na Filocalia as palavras de São Gregório, o Sinaita e dos bem-

aventurados Calisto e Inácio. Tudo o que nós líamos, o monge me explicava com suas próprias palavras. Eu escutava com atenção e encantamento e me esforçava para fixar todas essas palavras na minha memória com a maior exatidão. Assim passamos a noite inteira e fomos às Matinas sem ter dormido.

Ao mandar-me embora, o monge me abençoou e me disse para voltar a falar com ele durante o meu estudo da oração, para confessar-me com franqueza e simplicidade de coração, pois é vão lançar-se à obra espiritual sem um guia.

Na igreja, eu senti um zelo ardente que me levava a estudar cuidadosamente a oração interior perpétua e pedia a Deus que me ajudasse. Depois, pensei que seria difícil ir visitar o monge para me confessar ou pedir-lhe conselho; na hospedaria, não me deixariam ficar mais do que três dias e, perto do convento, não há alojamento… Felizmente, soube que, a quatro quilômetros dali, havia uma aldeia. Fui até lá para procurar um lugar e, para minha felicidade, Deus me favoreceu. Pude ficar como guardião na casa de um camponês, sob a condição de passar o verão sozinho em uma cabana, no fundo da horta. Graças a Deus, eu tinha encontrado um lugar tranquilo. Foi assim que comecei a viver e estudar, pelos meios indicados, a oração interior, indo muitas vezes consultar o monge. Durante uma semana, eu me exercitei, na solidão do meu jardim, no estudo da oração interior, seguindo pontualmente os conselhos do monge. No começo, tudo parecia correr bem. Depois eu senti um grande peso, preguiça, aborrecimento, um sono irresistível e os pensamentos caíram sobre mim como nuvens. Fui falar com o monge, cheio de tristeza, e lhe expus o meu estado. Ele me recebeu com bondade e me disse:

— Irmão bem-amado, é a luta que o mundo obscuro está travando contra ti, pois não há nada que o mundo tema tanto como a oração do coração. Ele tenta te atrapalhar e te causar desgosto pela oração. Mas o inimigo só age de acordo com a vontade e a permissão de Deus, na medida

em que isso nos é necessário. Sem dúvida, é preciso que tua humildade seja provada: é cedo demais para atingir o fundo do teu coração por um zelo excessivo, pois arriscarias cair na avareza espiritual. Eu vou ler para ti o que diz a Filocalia a esse respeito.

Meu mestre procurou nos ensinamentos do monge Nicéforo e leu:

— "Meu irmão, se, apesar dos teus esforços, tu não consegues entrar no fundo do coração, como te recomendei, faze o que te digo e, com a ajuda de Deus, encontrarás o que procuras. Sabes que a razão do homem está no seu peito… Retira, pois, dessa razão todo pensamento (tu podes fazer isso, se queres), e dá-lhe o "Senhor Jesus Cristo, tende piedade de mim". Esforça-te para substituir por essa invocação interior qualquer outro pensamento e, com o tempo, isso te abrirá certamente o fundo do coração; isso é um fato comprovado pela experiência".

— Vês o que ensinam os Padres nesse caso, disse-me o monge. É por isso que deves aceitar esse mandamento com confiança e recitar a oração de Jesus o mais que puderes. Eis um rosário com o qual poderás, no começo, recitar três mil orações por dia. De pé, sentado, deitado ou andando, diz incessantemente: - Senhor Jesus Cristo, tende piedade de mim! docemente e sem pressa. E recita exatamente três mil orações por dia, sem acrescentar nem diminuir nada. É assim que chegarás à atividade perpétua do coração.

Eu ouvi com alegria essas palavras e voltei para casa. Comecei a fazer exata e fielmente o que ele me tinha ensinado. Durante dois dias, senti certa dificuldade, depois isso se tornou tão fácil que, quando eu não rezava a oração, sentia necessidade de recomeçá-la e ela brotava fácil e suavemente, sem o constrangimento do começo. Contei isso ao monge, que me ordenou de rezar seis mil orações por dia e me disse:

— Fica calmo e esforça-te apenas para manteres fielmente o número de orações que te é prescrito: Deus te fará misericórdia. Durante a semana

inteira, eu permaneci na minha cabana solitária a recitar diariamente minhas seis mil orações, sem me preocupar com mais nada e sem ter de lutar contra os pensamentos; eu procurava apenas observar exatamente a ordem do monge. O que aconteceu? Eu me acostumei tão bem à oração que, se eu parava um instantinho, sentia um vazio como se tivesse perdido alguma coisa. Assim que eu recomeçava a rezar, sentia-me de novo leve e feliz. Se eu encontrava alguém, não tinha mais vontade de falar; queria apenas ficar na minha solidão e recitar a oração, a tal ponto me habituara no fim de uma semana.

O monge que não tinha estado comigo havia dez dias, veio pessoalmente saber de mim. Expliquei-lhe o que estava acontecendo comigo. Depois de me escutar, ele disse:

— Já estás habituado à oração. Vê, é preciso agora conservar esse hábito e fortificá-lo: não percas tempo e, com o auxílio de Deus, toma a resolução de recitar doze mil orações por dia; permanece na solidão, levanta-te um pouco mais cedo, deita-te um pouco mais tarde e vem me visitar duas vezes por mês.

Eu obedeci às suas ordens e, no primeiro dia, quase não consegui recitar minhas doze mil orações que só terminei bem tarde da noite. No dia seguinte, consegui fazê-lo com mais facilidade e com gosto. No começo, senti cansaço, certo endurecimento da minha língua e das minhas maxilas, mas sem nada de desagradável; depois senti o céu-da-boca um pouco dolorido e também o meu dedo polegar da mão esquerda que desfiava o rosário, ao passo que meu braço ficava quente até o cotovelo, produzindo em mim uma deliciosa sensação. Isso me estimulava a rezar ainda melhor. Durante cinco dias, eu cumpri fielmente a tarefa das doze mil orações e assim, ao mesmo tempo, eu adquiri o hábito, o atrativo e o gosto pela oração.

Um dia, bem cedinho, eu acordei, ou melhor, fui acordado pela oração.

Comecei a recitar as orações da manhã. Mas minha língua emperrava e eu só tinha vontade de rezar a oração de Jesus. Comecei então a rezá-la. Senti-me logo muito feliz; meus lábios se moviam espontaneamente e sem esforço. Passei o dia todo muito alegre. Eu me sentia como que afastado de tudo e em um outro mundo. Acabei minhas doze mil orações sem dificuldade alguma, antes do fim do dia. Eu tinha muita vontade de continuar, mas não ousava ultrapassar o número de orações indicado pelo monge. Nos dias seguintes, continuei a invocar o nome de Jesus Cristo com facilidade e sem me cansar nunca. Fui visitar o monge e lhe contei tudo, em detalhes.

Quando acabei, ele me disse: - Deus te deu o desejo de rezar e a possibilidade de fazê-lo sem dificuldade. Trata-se de um efeito natural, produzido pelo exercício e pela aplicação constante, da mesma forma que uma máquina: quando se roda a direção, ela continua girando sozinha; mas, para que continue rodando, é preciso colocar óleo e dar-lhe novamente impulso. Agora vês que faculdades maravilhosas nosso Deus, amigo dos homens, deu à natureza humana que é sensível por si mesma; e conheceste as sensações extraordinárias que podem nascer até mesmo em uma alma pecadora, em uma natureza impura que ainda não foi iluminada pela graça. Porém, que grau de perfeição, de alegria e de felicidade não pode o homem atingir quando Deus se digna revelar-lhe a oração espiritual espontânea e purificar sua alma das paixões! É um estado inefável e a revelação desse mistério é uma antecipação das doçuras do céu. É o dom que recebem os que procuram o Senhor na simplicidade de um coração transbordante de amor! Doravante, permito que rezes quantas orações quiseres; experimenta passar todo o tempo da vigília em oração e invoca o nome de Jesus sem precisar contar, entregando-te humildemente à vontade de Deus e esperando no seu auxílio. Ele não te abandonará e dirigirá teu caminho.

Obedecendo a essa regra, eu passei o verão todo a rezar sem parar a

oração de Jesus e me senti totalmente tranquilo. Durante o sono, até sonhava que estava recitando a oração de Jesus. E durante o dia, quando me acontecia de encontrar alguém, todos me pareciam tão amáveis como se fossem da minha própria família. Os meus pensamentos se tinham apaziguado e eu só vivia com a oração. Inclinava meu espírito a escutar e, às vezes, meu coração sentia como que um calor e uma grande alegria. Quando me acontecia de entrar na igreja, o longo ofício do mosteiro me parecia curto e não me cansava como antes. Minha cabana solitária me parecia um magnífico palácio e eu não sabia como agradecer a Deus o ter mandado para mim, pobre pecador, um monge cujo ensinamento me fazia tanto bem.

Mas, não tive bastante tempo para aproveitar da direção do monge tão querido e sábio - ele morreu no fim do verão. Despedi-me dele com lágrimas, e, agradecendo-lhe seus ensinamentos paternais, pedi-lhe deixar comigo, como uma bênção, o rosário com o qual ele rezava sempre. Assim fiquei sozinho. O verão acabou, recolheram-se todos os frutos do jardim. Eu não tinha mais onde morar. O camponês me deu dois rublos de prata como salário, encheu de pão a minha sacola para a viagem e eu retomei minha vida errante; mas não estava mais tão necessitado como antes: a invocação do nome de Jesus Cristo me alegrava ao longo do caminho e todo mundo me tratava com bondade; parecia que todos gostavam de mim.

Um dia, fiquei me perguntando o que fazer com os rublos que o camponês me tinha dado. Para que me serviriam? Pois bem! Eu não tenho mais o monge nem ninguém para me orientar. Vou comprar uma Filocalia e nela vou aprender a oração interior. Cheguei a uma comarca e comecei a procurar nas lojas uma Filocalia; acabei achando uma, mas o comerciante queria que eu pagasse três rublos e eu só tinha dois. Eu pechinchei o mais que pude, mas ele não quis abaixar o preço. Finalmente me disse:

— Vai até à igreja, pede para o sacristão; ele tem um livro velho como este, que talvez possa ceder-te por dois rublos.

Eu fui até lá e, com efeito, consegui comprar por dois rublos uma Filocalia bem velha e bastante estragada. Fiquei tão feliz! Consertei o livro como pude, com pano, e coloquei-o na minha sacola junto com a Bíblia.

É assim que vou agora, rezando sem parar a oração de Jesus que me é mais doce e querida do que tudo no mundo. Às vezes, faço mais de setenta quilômetros por dia e não sinto que estou caminhando; sinto somente que rezo. Quando me pega um frio muito forte, eu rezo com mais atenção e logo me esquento. Se a fome aperta, eu invoco mais vezes o nome de Jesus Cristo e me esqueço que estava com fome. Se me sinto doente, com dor nas costas ou nas pernas, eu me concentro na oração e não sinto mais dor. Se alguém me ofende, eu só penso na oração de Jesus tão benfazeja; imediatamente desaparecem a raiva ou o sofrimento e me esqueço de tudo. Meu espírito se tornou muito simples. Não me preocupo com nada, não me prendem as coisas exteriores; eu gostaria de ficar sempre na solidão. Por hábito, só tenho agora uma necessidade: recitar a oração sem parar. E quando faço isso, me sinto alegre. Sabe Deus o que se passa comigo. Naturalmente, não são mais do que impressões sensíveis ou, como dizia o monge, o efeito da natureza e de um hábito adquirido; mas ainda não ouso começar a estudar a oração espiritual no interior do coração; eu sou indigno demais e estúpido. Espero a hora de Deus, contando com a proteção do falecido monge, meu mestre. Assim, ainda não cheguei à oração espiritual do coração, espontânea e perpétua; mas, graças a Deus, agora eu compreendo muito bem o que significa a palavra do Apóstolo que eu tinha ouvido faz tempo: "Orai sem cessar".

Segundo Relato: Através da Sibéria

A oração de Jesus

Durante muito tempo eu viajei pelos lugares mais diversos, sempre com a oração de Jesus que me fortalecia e consolava ao longo das estradas, em qualquer ocasião, em cada encontro. Finalmente me pareceu que faria bem parar em algum lugar para encontrar maior solidão e estudar a Filocalia que eu só podia ler à noite, nas paradas, ou durante o descanso do meio-dia. Tinha muita vontade de mergulhar longamente nessa leitura para tirar dela, com muita fé, a verdadeira doutrina sobre a salvação da alma pela oração do coração. Infelizmente, para satisfazer esse desejo, eu não conseguia me empregar em nenhum trabalho manual, pois não podia usar o meu braço esquerdo desde minha infância; assim, na impossibilidade de me fixar em algum lugar, dirigi-me às regiões da Sibéria, em direção a Santo Inocêncio de Irkutsk, pensando que, nas florestas e estepes de lá, encontraria mais silêncio e poderia dedicar-me mais facilmente à leitura e à oração. E lá fui eu, recitando sempre a oração.

Ao cabo de certo tempo, senti que a oração por si só passava para meu coração, isto é, que meu coração, ao bater regularmente, ia recitando as santas palavras no ritmo das batidas, por exemplo: 1 - Senhor, 2 - Jesus, 3 - Cristo, e assim por diante. Deixei de murmurar com os lábios e ficava muito atento para escutar o que dizia o meu coração, me lembrando que o monge sempre me dizia como isso era agradável. Depois, senti uma ligeira dor no coração e, no meu espírito, um tal amor por Jesus Cristo que me parecia que, se eu o visse, me lançaria aos seus pés, abraçando-os e lavando-os com minhas lágrimas. E lhe agradeceria o consolo que seu nome nos dá, em sua bondade e seu amor por sua criatura indigna e culpada.

Logo comecei a sentir um calor benfazejo no meu coração que se estendeu por todo o peito. Isso me levou a uma leitura muito atenta da

Filocalia para nela verificar essas sensações e estudar como se desenvolve a oração interior do coração. Sem esse controle, eu tinha medo de me iludir, de julgar as ações da natureza como se fossem da graça e de ficar orgulhoso por aprender tão rapidamente a oração, como me havia prevenido o monge. Por isso eu só caminhava à noite e passava o dia lendo a Filocalia, sentado na floresta, embaixo das árvores. Ah! Quantas coisas novas, profundas e ignoradas eu descobri nessa leitura! Assim ocupado, sentia uma felicidade tal, como jamais imaginara até então. Sem dúvida, algumas passagens do livro eram ainda incompreensíveis ao meu espírito tão limitado, mas os efeitos da oração do coração iluminavam e clareavam o que não compreendia. Além disso, eu via às vezes, em sonhos, meu amigo monge que me explicava as dificuldades e encaminhava cada vez mais para a humildade a minha alma lenta a entender. Passei dois longos meses de verão nessa felicidade perfeita. Eu viajava principalmente através dos bosques e pelos caminhos do campo; quando chegava a uma aldeia, pedia alguns pães, um punhado de sal, enchia de água minha cabaça e partia para mais cem quilômetros.

O peregrino é atacado por ladrões

CERTAMENTE por causa de meus pecados ou para o progresso de minha vida espiritual, apareceram as tentações quando o verão já acabava. Eis como: uma noite, quando eu tinha desembocado numa grande estrada, encontrei-me com dois homens com capacetes de soldados. Eles me pediram dinheiro. Quando lhes disse que não tinha um tostão, não quiseram acreditar e gritaram com brutalidade: - Tu mentes! Os peregrinos arranjam muito dinheiro! E um deles acrescentou: - Não adianta nada ficar falando com ele! E bateu-me na cabeça com seu grosso cajado. Eu caí sem sentidos. Não sei quanto tempo fiquei lá, mas quando voltei a mim, percebi que estava na floresta, perto da estrada. Eu estava todo rasgado e minha sacola tinha desaparecido. Só restaram pedaços

dos barbantes que a amarravam. Graças a Deus, eles não levaram minha carteira de identidade que eu guardava dentro do meu gorro para poder mostrá-la rapidamente, quando era necessário. Levantando-me, chorei amargamente, não tanto por causa das pancadas, mas pelos meus livros - a Bíblia e a minha Filocalia - que estavam dentro da sacola roubada. Durante o dia todo e a noite toda, chorei e me lastimei. Onde estaria a minha Bíblia que eu lia desde pequeno e que trazia sempre comigo? Onde estaria a minha Filocalia da qual tirava ensinamentos e consolação? Infeliz de mim! Tinha perdido o único tesouro da minha vida, sem ter podido aproveitar dele até o fim. Seria melhor morrer do que viver assim, sem alimento espiritual. Nunca poderia recuperar meus livros!

Dois dias inteiros, tanto me afligi que nem podia andar direito. No terceiro dia, exausto, caí junto de um arbusto e adormeci. Em sonhos, parecia-me que estava no mosteiro, na cela do monge, meu amigo, e lhe falava, chorando, da minha tristeza. Depois de me consolar, o monge me disse:

— Que isso te sirva de lição de desapego das coisas terrestres para encaminhar-te mais livremente para o céu. Essa provação te foi mandada para que não caias na volúpia espiritual. Deus quer que o cristão renuncie à sua vontade própria e a todo apego por ela, a fim de entregar-se inteiramente à vontade divina. Tudo o que Ele faz é para o bem e a salvação do homem. Ele quer que todos sejam salvos (1 Tm 2,4). Cria coragem, pois, e acredita que, com a tentação, o Senhor vos dará os meios de sair dela e a força para suportá-la (1 Cor 10,13). Logo receberás um consolo maior que tua dor. Com essas palavras, eu acordei e senti em meu corpo forças novas e na minha alma como que uma aurora e uma tranquilidade nova. - Seja feita a vontade de Deus! disse. Levantei-me, fiz o sinal-da-cruz e parti. A oração agia no meu coração como antes e assim, durante três dias, caminhei calmamente.

De repente, encontro na estrada uma tropa de homens condenados

a trabalhos forçados que eram conduzidos sob escolta. Ao chegar perto deles, reconheci os dois homens que me tinham roubado; como eles marchavam na primeira coluna, atirei-me a seus pés, suplicando que me dissessem onde estavam os meus livros. No começo, fingiram não me reconhecer. Depois, um deles me disse:

— Se nos deres alguma coisa, nós te diremos onde estão teus livros. Tens de nos dar um rublo de prata.

Jurei que lhes daria o dinheiro, de qualquer jeito, nem que tivesse de mendigar para consegui-lo.

— Tomem, se quiserem, minha carteira de identidade como penhor.

Daí eles me disseram que meus livros estavam nos carros juntamente com outros objetos que tinham roubado.

— Como posso obtê-los?

— Pede ao capitão da escolta.

Fui correndo falar com o capitão e lhe expliquei tudo em detalhes. Na conversa, ele me perguntou se eu sabia ler a Bíblia.

— Sei ler, sim, e também sei escrever disse; o senhor verá na capa da Bíblia uma inscrição que mostra que ela me pertence; e eis aqui minha carteira de identidade, com meu nome e sobrenome.

O capitão me disse:

— Esses salteadores são desertores. Viviam em uma cabana e roubavam os que passavam. Um cocheiro esperto conseguiu prendê-los ontem quando tentaram arrebatar-lhe seu grande trenó. Terei sumo prazer em devolver teus livros, se acaso estiverem aí. Mas tens de vir conosco até a próxima parada. Fica a quatro quilômetros somente e eu não posso parar todo o comboio por tua causa. Fui caminhando, feliz, ao lado do cavalo do capitão e conversava com ele. Vi que se tratava de um homem honesto e bom que já não era muito moço. Ele me perguntou quem era eu, de

onde vinha e para onde ia. Respondi-lhe com toda a franqueza. Assim chegamos à casa de pouso. Ele foi procurar meus livros e me devolveu, dizendo:

— Onde queres ir agora? Já é noite. Seria melhor que ficasses comigo. Eu fiquei. Estava tão feliz por ter recuperado meus livros que não sabia como agradecer a Deus; eu os apertava contra meu peito até me doerem os braços. Chorava de alegria e meu coração vibrava.

Olhando para mim, o capitão disse:

— Vejo que gostas de ler a Bíblia!

De tão feliz, eu nem podia falar. Só chorava. Ele continuou:

— Eu também, meu irmão, leio todos os dias o Evangelho. Assim falando, abriu seu uniforme e tirou de dentro um pequeno Evangelho de Kiev com capa de prata.

— Senta-te aqui e eu te contarei como adquiri esse hábito. Olá! Tragam-nos um jantar!

História do capitão

Sentamos à mesa. O capitão começou a contar:

— Desde minha mocidade, eu sempre servi no exército e nunca em uma guarnição. Eu conhecia bem o serviço e meus chefes me consideravam um modelo. Mas era moço e meus amigos também. Para minha desgraça, aprendi a beber e bebia tanto que fiquei doente. Quando não bebia, era um excelente oficial, mas bastava um copinho de nada e lá ficava eu seis semanas de cama. Durante muito tempo, me suportaram. Mas, um dia, bêbado, insultei meu chefe: fui rebaixado e condenado a servir três anos na guarnição. E se eu não largasse a bebida, pegaria um castigo mais severo ainda. Nessa situação miserável, fiz de tudo para me controlar, para tratar-

me; não consegui livrar-me do vício e então decidiram mandar-me para o batalhão da disciplina. Quando me comunicaram a decisão, não sabia mais o que seria de mim.

Um dia, estava sentado na caserna e pensava em tudo isso. Apareceu nesse momento um monge que pedia esmola para a igreja. Cada um dava o que podia. Chegando perto de mim, perguntou-me: - Por que estás tão triste? Conversei um pouco com ele e lhe contei minha desgraça. O monge, condoído com minha infelicidade, me disse:

— A mesma coisa aconteceu ao meu próprio irmão e escuta como ele saiu dessa: seu mestre espiritual lhe deu um Evangelho e ordenou-lhe que lesse um capítulo cada vez que tivesse vontade de beber. E se a vontade voltasse, ele devia ler o capítulo seguinte. Meu irmão pôs em prática o conselho e, em pouco tempo, o vício da bebida o deixou. Já faz quinze anos e nunca mais tomou bebida forte. Faze tu o mesmo e logo verás o benefício. Eu tenho um Evangelho; se quiseres, vou buscá-lo para ti.

A essas palavras, eu lhe disse:

— Que queres que eu faça de teu Evangelho, quando nem meus esforços, nem os remédios puderam me corrigir? (Eu falava assim porque nunca tinha lido o Evangelho).

— Não digas isso, respondeu o monge. Garanto que aproveitarás. No dia seguinte, com efeito, o monge me trouxe este Evangelho que está aqui. Eu abri, olhei, li algumas frases e lhe disse:

— Não quero saber disso; não compreendo nada. Não estou habituado a ler esses caracteres eclesiásticos.

O monge continuou a aconselhar-me, dizendo que as palavras do Evangelho tinham uma força benfazeja; pois foi o próprio Deus que falou aquelas palavras que ali estão impressas. - Não faz mal que não entendas. Lê apenas com atenção. Um santo já disse: - Se não compreendes a palavra de Deus, os demônios compreendem o que tu lês e tremem (Tg 2,19). E

certamente o desejo de beber é obra dos demônios. Digo-te ainda isto: João Crisóstomo escreve que até a casa onde está guardado o Evangelho assusta os espíritos das trevas e se torna um obstáculo a suas intrigas. Eu não me lembro bem - parece-me que dei alguma coisa ao monge - peguei o seu Evangelho e o enfiei no baú com minhas coisas. E o esqueci completamente. Algum tempo depois, chegou a hora de beber. Estava louco de vontade. Abri meu baú para pegar o dinheiro e correr ao botequim. Meus olhos bateram no Evangelho e me lembrei de tudo o que tinha dito o monge. Abri e comecei a ler o primeiro capítulo de Mateus. Li até o fim, sem compreender nada; mas me lembrei das explicações do monge:

— Não faz mal se nada compreendes. Lê com atenção. Então disse com meus botões: - Pois bem! Vamos tentar mais um capítulo. E a leitura então me pareceu mais compreensível. - Vejamos o terceiro capítulo, pensei. Nem tinha começado a ler ainda, quando tocou um sinal: era o toque da noite. Eu não podia mais sair da caserna. Assim, fiquei sem beber.

No dia seguinte, quando ia sair para buscar aguardente, disse comigo mesmo: - E se eu lesse um capítulo do Evangelho? Vamos ver. Eu o li e não arredei pé. Uma outra vez, senti vontade de tomar bebida alcoólica, mas comecei a ler e me senti aliviado. Fiquei muito reconfortado e assim, cada vez que me dava vontade de beber, eu atacava um capítulo do Evangelho. Quanto mais o tempo passava, mais certo ia dando. Quando terminei os quatro Evangelhos, meu vício pela bebida tinha desaparecido completamente; eu me tornara de gelo a esse respeito. E veja só: faz exatamente vinte anos que nunca mais tomei bebidas fortes.

Todo mundo se admirou com a minha mudança. Depois de três anos, fui readmitido no corpo de oficiais, fui promovido e cheguei a capitão. Casei-me com uma mulher excelente. Juntamos algumas posses e agora, com a graça de Deus, estamos bem. Ajudamos aos pobres como podemos e acolhemos os peregrinos. Tenho um filho que já é oficial, é um rapaz

ótimo. Pois bem, saibas tu que, depois de minha cura completa, prometi a mim mesmo que, durante minha vida inteira, eu leria cada dia um dos quatro Evangelhos inteiro, sem admitir impedimento algum. É assim que faço. Quando tenho trabalho demais e fico muito cansado, eu me deito e peço à minha mulher, ou ao meu filho, que leiam o Evangelho para mim; assim cumpro a regra. Em testemunho de gratidão e para a glória de Deus, mandei recobrir de prata este Evangelho e eu o guardo sempre sobre meu coração.

Eu escutava com prazer a história do capitão e lhe disse:

— Conheci um caso semelhante: em nossa aldeia, na fábrica, existia um excelente operário, que conhecia muito bem seu ofício. Mas, por desgraça, ele vivia sempre bêbado. Um homem piedoso aconselhou-o que, cada vez que tivesse vontade de beber aguardente, recitasse trinta e três orações de Jesus em honra da Santíssima Trindade e dos anos de vida terrestre de Jesus Cristo. Foi o que ele fez e logo deixou de beber. E isso não é tudo. Três anos depois, entrou em um mosteiro.

— E o que será que vale mais - perguntou o capitão - a oração de Jesus ou o Evangelho?

— É a mesma coisa, respondi. O Evangelho é como a oração de Jesus, pois o nome divino de Jesus Cristo traz em si todas as verdades evangélicas. Os Padres dizem que a oração de Jesus é o resumo de todo o Evangelho.

Em seguida, nós dois rezamos as orações; o capitão começou a ler desde o início do Evangelho de São Marcos e eu o escutei fazendo a oração do coração. Às duas horas da manhã, ele terminou a leitura e nós fomos dormir.

Conforme meu costume, levantei-me cedo; todos dormiam; apenas raiou o dia, eu mergulhei na leitura da minha querida Filocalia. Com que alegria eu a abri! Parecia-me que tinha reencontrado meu pai depois de longa ausência ou um amigo, ressuscitado dos mortos. Abracei meu livro

e agradeci a Deus o tê-lo de volta. Comecei a ler Teolepto de Filadélfia na segunda parte da Filocalia. Fiquei espantado ao ver que ele se propõe dedicar-se, ao mesmo tempo, a três atividades diferentes: - Sentado à mesa, diz ele, dá ao teu corpo o alimento, à tua mente a leitura, e ao teu coração a oração. Entretanto, a lembrança da noite passada tão proveitosa me explicava praticamente esse pensamento. Foi então que descobri a diferença entre o coração e a mente.

Quando o capitão se levantou, fui agradecer-lhe a sua bondade e me despedir. Ele me serviu chá, me deu um rublo de prata e então nos separamos. Retomei meu caminho repleto de alegria. Ao fim da primeira versta, eu me lembrei que tinha prometido aos soldados um rublo - que eu agora possuía. Seria preciso entregar-lhes a moeda, ou não? - De um lado, pensava eu, eles te bateram e te roubaram e como estão presos, nada podem fazer contra ti. Mas, de outro lado, lembra-te do que diz a Bíblia: Se teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer (Rm 12,20). E o próprio Jesus Cristo diz: - Amai os vossos inimigos (Mt 5,44) e ainda: - Se alguém quer tomar-te a túnica, deixa-lhe também a veste (Mt 5,40). Assim persuadido, voltei atrás e cheguei à casa de pouso no momento em que o comboio estava se formando para partir: corri até os dois malfeitores e lhes entreguei meu rublo, dizendo:

— Rezem e façam penitência; Jesus Cristo é amigo dos homens. Ele não os abandonará! Com essas palavras, afastei-me e retomei a estrada em outra direção.

Solidão orante

Depois de ter andado cinquenta verstas pela larga estrada, enveredei por caminhos do campo, mais solitários e mais propícios à leitura. Andava pelos bosques durante muito tempo; às vezes, encontrava uma pequena aldeia. Frequentemente me detinha na floresta o dia inteiro, lendo a Filocalia. Nela eu encontrava ensinamentos extra-

ordinários e profundos. Meu coração se inflamava de desejo de unir-se a Deus pela oração interior que eu me esforçava para estudar e aprender na Filocalia; ao mesmo tempo, estava triste por não encontrar um abrigo onde pudesse me dedicar à leitura em paz e sem interrupção.

Nessa época, eu também lia minha Bíblia e sentia que já começava a compreendê-la melhor; nela poucas passagens obscuras encontrava agora. Os Padres têm razão em dizer que a Filocalia é a chave que descobre os mistérios escondidos na Escritura. Guiado por ela, eu já começava a compreender o sentido oculto da Palavra de Deus; descobria o que significa: o homem interior, no fundo de seu coração (1 Pd 3,4), a oração verdadeira, a adoração em espírito (Jo 4,23), o Reino dentro de nós (Lc 17,21), a intercessão do Espírito Santo (Rm 8,26). Compreendia o sentido das frases: Vós estais em mim (Jo 15,4), dá-me teu coração (Pr 23,26), ser revestido de Cristo (Rm 13,14), o noivado do Espírito em nossos corações (Ap 22,17), a invocação: Abba! Pai! (Rm 8,15-16), e muitas outras. Quando, ao mesmo tempo, eu orava no fundo do coração, tudo o que me cercava tinha aspecto encantador: as árvores, as plantas, os passarinhos, a terra, o ar, a luz; tudo parecia dizer-me que eles existem por causa do homem, que testemunham o amor de Deus pelo homem; tudo rezava, tudo cantava louvores a Deus! Eu compreendia assim aquilo que a Filocalia chama de "conhecimento da linguagem da criação" e via como era possível conversar com as criaturas de Deus.

História de um guarda florestal

Viajei assim por muito tempo. Finalmente, cheguei a uma região tão perdida que passei três dias sem ver aldeia alguma. Meu pão tinha acabado e me perguntava, aflito, como não morrer de fome. Logo que comecei a rezar em meu coração, minha aflição desapareceu: entreguei-me à vontade de Deus, fiquei contente e tranquilo, Eu penetrava, pela estrada, através de uma imensa floresta, quando notei, na minha

frente, um cão de guarda que saía de lá. Chamei-o e ele veio, bonzinho, para que eu o agradasse. Alegrei-me e disse: - Eis a bondade de Deus! - há certamente um rebanho nesta floresta e este é o cão do pastor, ou, talvez, de um caçador que anda atrás de caça por aqui. De qualquer jeito, eu posso pedir pão, pois faz dois dias que não como. Posso também me informar se não existe alguma aldeia nas redondezas. O cachorro ficou me rodeando, mas, vendo que não havia nada para comer, fugiu para a floresta pela mesma senda por onde viera até à estrada. Eu o segui. Duzentos metros mais adiante, eu vi, através das árvores, o cão bem instalado numa toca: punha a cabeça para fora e latia.

Eu vi que se aproximava, por entre as árvores, um camponês magro e pálido, de meia idade. Perguntou-me como eu tinha chegado até aí. Eu lhe perguntei o que fazia nesse lugar longínquo. E trocamos palavras de amizade. O camponês me convidou a entrar na sua cabana e me explicou que era guarda florestal e tomava conta dessa floresta que deveria mais tarde ser derrubada. Ofereceu-me pão e sal e conversamos bastante.

— Eu te invejo essa vida solitária que levas, lhe disse eu. Não és como eu, sempre errante, e em contato com todo mundo que passa.

— Se tu desejas, me disse ele, podes muito bem viver aqui. Existe mais além uma cabana velha que serviu ao antigo guarda. Está um pouco destruída, mas dá para se arranjar no verão. Tens uma carteira de identidade. Há pão suficiente para nós dois. Eles me trazem pão da aldeia, uma vez por semana. E aqui há um riacho que nunca pára de correr. Quanto a mim, irmão, só me alimento de pão e água há dez anos. Só que, no outono, quando terminarem os trabalhos do campo, vão chegar duzentos homens para abater a floresta. Então nada mais terei a fazer aqui e eles não permitirão que continues na cabana.

A essas palavras, senti tal alegria que quase me lancei a seus pés. Não sabia como agradecer a Deus a sua bondade para comigo.

E foi assim que, de repente, consegui tudo que desejava e que me causava tanta preocupação. Até meados do outono, tenho ainda quatro meses e vou poder aproveitar, durante esse tempo, do silêncio e da paz para estudar a oração perpétua no interior do coração, com a ajuda da Filocalia. E me instalei na cabana que ele me indicara. Continuamos a conversar, e esse irmão me falou de sua vida e suas ideias.

— Na minha aldeia, disse, eu não era um João Ninguém. Tinha uma profissão: tingia os tecidos de vermelho e azul. Vivia livremente, mas não sem pecado. Eu enganava bastante meus fregueses e jurava à toa. Era grosseiro, beberrão e briguento.

Vivia na aldeia um velho cantador que tinha um livro muito antigo sobre o Juízo Final. Ele ia frequentemente à casa dos fiéis ortodoxos para ler esse livro. Davam-lhe sempre algum dinheiro. Ia também à minha casa. Geralmente ele recebia dez tostões e ficava lendo até o galo cantar. Uma vez, fiquei trabalhando enquanto ouvia sua leitura. Ele lia uma passagem sobre os tormentos do inferno e a ressurreição dos mortos: como Deus virá para julgar, como os Anjos tocarão as trombetas; como haverá fogo e piche e como os vermes vão devorar os pecadores.

De repente, fiquei morrendo de medo e disse a mim mesmo: - Não vou escapar desses tormentos! Ora veja! Vou tratar de salvar a minha alma e talvez consiga pagar os meus pecados. Refleti bastante e resolvi largar minha profissão. Vendi minha casa e, como eu vivia sozinho, me tornei guarda florestal, pedindo apenas como salário: pão, roupa e velas para acender durante minhas orações. Já faz mais de dez anos que vivo aqui. Só como uma vez por dia e apenas pão e água. À noite, me levanto quando o galo canta e até o dia raiar faço minhas genuflexões e inclinações até o chão. Quando rezo, acendo sete velas diante das imagens. Durante o dia, enquanto percorro a floresta, carrego no corpo cadeias muito pesadas. Não juro, não bebo nem cerveja nem álcool, não brigo com ninguém. Jamais tive relações com mulheres ou moças.

No começo eu até estava contente com essa vida, mas forçosamente me assaltam pensamentos que não consigo evitar. Sabe Deus se vou pagar os meus pecados, mas esta vida é bem dura. Além disso, será verdade tudo o que o livro descrevia? Como pode o homem ressuscitar? Os que morrem há cem anos ou mais, até sua poeira desapareceu. E quem sabe se o inferno existe mesmo, ou não? Em todo caso, nunca alguém voltou do outro mundo; quando o homem morre, apodrece e dele nada resta. Esse livro talvez tenha sido escrito pelos clérigos ou funcionários para nos meter medo, a nós, os imbecis, e para que sejamos mais submissos. Desse jeito, vivemos penosamente e sem consolo nesta terra e, no outro mundo, nada existirá! Então, para quê? Não será melhor aproveitar da vida desde já? - Essas ideias me perseguem, disse ele, e tenho medo de acabar voltando para minha antiga profissão. Eu estava com dó dele e me dizia: - Acham que somente os sábios e os intelectuais se tornam livres pensadores sem acreditar mais em nada! Entretanto, como nossos irmãos camponeses, tão simples, se tornam incrédulos! Certamente o mundo das trevas se acerca de todos e ataca mais facilmente ainda as pessoas simples. É preciso raciocinar o mais possível e fortificar-se contra o inimigo pela Palavra de Deus.

Assim, para amparar a esse irmão e fortalecer a sua fé, tirei da sacola a Filocalia e abri no capítulo 109 do bem-aventurado Hesíquio. Li para ele e lhe expliquei que somente o medo do castigo não nos impede de pecar, pois a alma só consegue libertar-se dos pensamentos pecaminosos pela vigilância do espírito e pela pureza do coração. Tudo isso adquirimos pela oração interior. Se alguém se lança na via ascética, não somente de medo dos tormentos do inferno, mas também por desejo do Reino do Céu, acrescentei, sua ação é comparada pelos Padres à de um mercenário. Dizem que o medo dos tormentos é o caminho dos escravos e o desejo da recompensa é o caminho dos mercenários. Mas Deus quer que cheguemos a Ele como filhos. Quer que o amor e o zelo nos levem a nos conduzir

dignamente e que gozemos da união perfeita com Ele na alma e no coração.

— Em vão te cansarás, te imporás privações e os mais duros castigos físicos; se não tiveres sempre Deus em tua mente e a oração de Jesus em teu coração, jamais estarás livre dos maus pensamentos; estarás disposto a pecar à menor ocasião. Portanto, meu irmão, que te ponhas logo a recitar incessantemente a oração de Jesus. Neste lugar retirado, isso te é fácil. Logo sentirás o proveito. Desaparecerão as ideias contra a fé, e te serão revelados o amor por Jesus Cristo e a fé verdadeira. Tu vais entender como os mortos podem ressuscitar e o Juízo Final vai te parecer o que é realmente. Teu coração se sentirá tão leve e contente que ficarás admirado; não mais ficarás cansado ou perturbado por tua vida de penitência!

Em seguida expliquei-lhe o melhor possível como recitar a oração de Jesus conforme o mandamento divino e o ensinamento dos Padres da Igreja. Ele parecia não querer outra coisa e sua inquietação diminuiu. Então, separando-me dele, entrei na velha cabana que ele me havia mostrado.

Trabalhos espirituais

Meu Deus! Que alegria, que consolação, que arrebatamento eu senti ao penetrar nesse recinto, ou melhor dizendo, nesse túmulo. Parecia-me um lindo palácio, cheio de alegrias e eu me disse: - Pois bem! Agora, nesta calma e neste silêncio, é preciso trabalhar seriamente e pedir ao Senhor que me esclareça o espírito. Comecei a ler a Filocalia do começo ao fim com muita atenção. Em pouco tempo terminei minha leitura e me dei conta da sabedoria, profundidade e santidade desse livro. Mas, como trata de numerosos assuntos, eu não podia compreender tudo nem concentrar as forças de minha mente apenas no ensinamento da oração interior a fim de atingir a oração espontânea e perpétua no interior do coração. Entretanto, tinha uma vontade louca de lá chegar de acordo com o mandamento divino transmitido pelo Apóstolo: Aspirai aos dons mais altos (1 Cor 12,31) e também: Não extingais o Espírito (1 Ts

5,19). Por mais que refletisse, eu não sabia o que fazer. Não tenho bastante inteligência nem compreensão e ninguém para me ajudar. Vou aborrecer o Senhor de tanto rezar e talvez Ele queira esclarecer meu espírito. Passei então um dia inteiro rezando sem parar um instante; meus pensamentos se acalmaram e eu adormeci. Eis que, no sonho, me vejo na cela do monge meu amigo e ele me explica a Filocalia, dizendo:

— Este santo livro está cheio de sabedoria. É um misterioso tesouro de ensinamentos sobre os desígnios secretos de Deus. Não é acessível em qualquer trecho e a qualquer pessoa. Contém lições na medida de cada um: profundas para os espíritos profundos e simples para os espíritos simples. É por isso que pessoas simples como tu não devem ler os livros dos Padres na sequência em que estão colocados aqui. Trata-se de uma disposição de acordo com a teologia. Mas aquele que não é instruído e deseja aprender a oração interior na Filocalia, deve lê-la na seguinte ordem: 1 - em primeiro lugar, ler o livro do monge Nicéforo (na 2ª parte); 2 - o livro de Gregório, o Sinaita, inteiro, exceto os capítulos pequenos; 3 - as três formas de oração de Simeão, o Novo Teólogo, e seu tratado da Fé; 4 - o livro de Calisto e Inácio. Nesses textos, acha-se o ensinamento completo da oração interior do coração, ao alcance de cada um. Se queres um texto ainda mais compreensível, toma o modelo abreviado de oração de Calisto, patriarca de Constantinopla, na quarta parte.

Tendo a Filocalia quase em mãos, eu procurava o trecho indicado sem conseguir achá-lo. Virando algumas páginas, o monge me disse: - Olha aqui! Vou marcar para ti! E, pegando no chão um pedaço de carvão, fez um traço ao lado da página indicando qual era a passagem. Eu escutei com atenção as palavras do monge e procurei fixá-las em minha memória firmemente e em detalhes. Acordei, e como ainda não tinha clareado o dia, fiquei deitado, lembrando tudo o que tinha visto em sonhos e repetindo o que o monge me tinha dito. Depois comecei a refletir: - Deus sabe se é a alma do meu monge falecido que me aparece assim ou se

são minhas próprias ideias que tomam essa forma, pois eu penso demais na Filocalia e no monge! Levantei-me nessa incerteza de espírito; o dia clareava. De repente, vejo, sobre a pedra que me servia de mesa, a Filocalia aberta na página indicada pelo monge e marcada com um risco de carvão, exatamente como no meu sonho. E o carvão ainda estava ao lado do livro. Fiquei espantado porque me lembrava bem que o livro não estava naquele lugar, na véspera. Antes de dormir, eu o tinha colocado, fechado, perto de mim e me lembrava de que não tinha nenhuma marca naquela página. Esse fato me fez acreditar na verdade da aparição e me tranquilizou a respeito da santidade da memória do monge. Assim recomecei a ler a Filocalia na ordem indicada. Li uma vez, depois mais uma e essa leitura inflamou meu zelo e meu desejo de comprovar em atos tudo o que tinha lido. Descobri com clareza o sentido da oração interior, os meios de chegar a ela e os seus efeitos; compreendi como essa oração alegra a alma e o coração e como se pode distinguir se essa felicidade vem de Deus, da natureza sadia ou da ilusão.

Antes de qualquer coisa, procurei descobrir o lugar do coração, conforme o ensinamento de São Simeão, o Novo Teólogo. Fechando os olhos, dirigi meu olhar para o coração, tentando imaginá-lo do jeito que ele está no lado esquerdo do peito e escutando com atenção as suas batidas. Pratiquei esse exercício no começo por meia hora, várias vezes por dia. As primeiras vezes, eu só via escuridão; logo apareceu meu coração e eu senti seu movimento em profundidade. Em seguida, consegui introduzir no meu coração a oração de Jesus e fazê-la sair no ritmo da respiração, como ensinam São Gregório, o Sinaita, Calisto e Inácio. Para isso, eu inspirava o ar e o conservava no peito, dizendo: - Senhor Jesus Cristo, e o soltava, dizendo: tende piedade de mim. Primeiro me exercitei durante uma ou duas horas, e depois me apliquei cada vez com maior frequência a esse exercício; finalmente, passava assim quase o dia todo. Quando me sentia entorpecido, cansado ou inquieto, lia imediatamente na Filocalia os tre-

chos que tratam da atividade do coração, e daí o desejo e o zelo pela oração renasciam em mim. Ao cabo de três semanas, senti uma dor no coração, depois uma sensação agradável, um sentimento de paz e consolação. Isso me deu forças para continuar a me exercitar na oração à qual se prendiam todos os meus pensamentos e começava a sentir uma grande alegria. A partir desse momento, experimentava, por vezes, diversas sensações novas no coração e no espírito. Às vezes, era como que um ardor e leveza, uma liberdade e alegria tão grandes que me transformava e me sentia em êxtase. Outras vezes, sentia um amor ardente por Jesus Cristo e por toda a criação divina. Acontecia também de me correrem lágrimas de gratidão para com o Senhor que tinha tido piedade de mim, pecador endurecido. Meu espírito limitado às vezes se iluminava de tal forma que eu compreendia com clareza o que antigamente nem poderia conceber. Outras vezes esse doce calor do coração se espalhava por todo meu ser e eu sentia a presença inefável do Senhor. Sentia ainda uma alegria forte e profunda ao invocar o nome de Jesus Cristo e então compreendia o que significa a expressão: - O Reino de Deus está dentro de vós (Lc 17,21).

Em meio a essas consolações benfazejas, eu notei que os efeitos da oração do coração se manifestavam de três maneiras: no espírito, nos sentidos e na inteligência. No espírito, por exemplo, a doçura do amor de Deus, a calma interior, o arrebatamento do espírito, a pureza dos pensamentos, o esplendor da ideia de Deus; nos sentidos, o agradável calor do coração, a plenitude de doçura nos membros, a exaltação de alegria no coração, a leveza, o vigor da vida, a insensibilidade às doenças e dores; na inteligência, a iluminação da razão, a compreensão da santa Escritura, o conhecimento da linguagem da criação, o desapego das vãs preocupações, a consciência da doçura da vida interior, a certeza da proximidade de Deus e de seu amor por nós.

Depois de cinco meses solitários nesses trabalhos e nessa felicidade, me habituei tanto à oração do coração que a praticava sem cessar e no fim

sentia que essa oração se fazia por si só, sem atividade alguma de minha parte. Ela brotava no meu espírito e no meu coração, não somente em estado de vigília, mas mesmo durante o sono e não se interrompia um minuto sequer. Minha alma agradecia ao Senhor e meu coração exultava de uma alegria incessante.

Chegou o tempo de derrubar a floresta. Os lenhadores se reuniram e eu tive de deixar minha morada silenciosa. Agradecendo ao guarda florestal e tendo recitado uma oração, eu beijei esse pedaço de terra onde Deus quis me manifestar sua bondade. Pus nos ombros a minha sacola e parti. Caminhei durante muito tempo e passei por muitas regiões antes de chegar a Irkutsk. A oração espontânea do coração foi meu consolo ao longo do caminho; nunca deixou de me alegrar, ainda que em graus diversos. Não me atrapalhou em lugar algum e em nenhum momento. Nada poderá enfraquecê-la jamais. Se estiver trabalhando, a oração age por si só no meu coração e meu trabalho rende mais; se estiver escutando ou lendo alguma coisa com atenção, a oração não pára e eu sinto ambas as coisas como se tivesse me desdobrado em dois ou como, se no meu corpo, houvesse duas almas. Meu Deus! Como o homem é misterioso!

Ataque do lobo

Ó Senhor, quão variadas são as vossas obras: tudo fizestes com sabedoria! (Sl 104, 24). Ao longo do meu caminho, encontrei casos espantosos. Se eu fosse contar todos esses casos, não acabaria tão cedo. Por exemplo: uma noite de inverno, atravessei sozinho uma floresta: queria dormir a dois quilômetros de lá, numa aldeia que tinha avistado. De repente, um enorme lobo pulou em cima de mim. Eu estava segurando na mão o rosário de lá do monge, meu mestre (eu o trazia sempre comigo). Afastei o lobo com ele. É de se acreditar? O rosário escapou de minha mão e se enroscou no pescoço do animal. O lobo se jogou para

trás e pulou os espinheiros. Suas patas traseiras se prenderam nos espinhos enquanto o rosário se enganchou em um ramo de árvore morta. O lobo se debatia com todas suas forças, mas não conseguia soltar-se, porque o rosário lhe apertava a garganta.

Eu me persignei com fé e me aproximei para desvencilhar o lobo. Foi principalmente porque temia que ele arrebentasse o meu rosário e fugisse levando esse objeto tão precioso para mim. Assim que cheguei perto e peguei no rosário, o lobo arrebentou-o de fato e fugiu sem mais delongas. Assim, agradecendo ao Senhor e honrando a memória do bem-aventurado monge, cheguei sem mais contratempos à aldeia. Fui à hospedaria e pedi para dormir. Entrei na casa. No canto, à mesa, achavam-se sentados dois viajantes: um já idoso, o outro de meia-idade e corpulento. Tomavam chá. Perguntei ao camponês que guardava os cavalos quem eram eles. Explicou-me que o velho era um professor e o outro, escrivão do juiz de paz, ambos de origem nobre:

— Eu os estou levando à feira, a vinte quilômetros daqui.

Depois de descansar um pouco, pedi à hospedeira uma agulha e uma linha. Aproximei-me da vela e comecei a consertar o meu rosário. O escrivão deu uma olhadela em minha direção e disse:

— Tu andaste fazendo muitas reverências para rasgares teu rosário desse jeito!

— Não fui eu que o estraguei, mas um lobo…

— Ora veja só! Os lobos também dizem suas orações, respondeu o escrivão, dando risadas. Contei-lhe o acontecido detalhadamente e expliquei o quanto esse rosário era precioso para mim. O escrivão recomeçou a rir e disse:

— Para os crédulos, sempre acontecem milagres! O que há de misterioso nesse episódio? Tu jogaste alguma coisa em cima dele; o lobo se assustou e fugiu. Os cães e os lobos têm medo dessas coisas, e se enroscar

nos galhos da floresta, isso não é difícil. Não é preciso acreditar que tudo o que acontece neste mundo é por milagre.

Daí o professor começou a discutir com ele:

— Não fale assim, meu senhor! Não entende do assunto… Quanto a mim, vejo na história desse camponês um duplo mistério, sensível e espiritual…

— Como assim? perguntou o escrivão.

— Veja: sem possuir uma instrução muito adiantada, o senhor assim mesmo estudou a história sagrada através de perguntas e respostas, em livro editado para as escolas. Deve lembrar-se de que, quando o primeiro homem, Adão, estava em estado de inocência, todos os animais lhe eram submissos. Aproximavam-se dele receosos e ele lhes dava os nomes. O monge ao qual pertencia esse rosário, era um santo. E o que é a santidade? Nada mais que a ressurreição, no homem pecador, do estado de inocência do primeiro homem, graças aos esforços e virtudes. A alma santifica o corpo. O rosário estava sempre nas mãos de um santo; logo, pelo contato constante com seu corpo, esse objeto foi tocado por uma força santa, a força do estado de inocência do primeiro homem. Eis o mistério da natureza espiritual! Essa força, naturalmente, todos os animais a sentem, principalmente pelo olfato, pois as narinas são o órgão principal dos sentidos para o animal. Eis o mistério da natureza sensível…

— Para os senhores, os sábios, só existem forças e histórias desse gênero; mas nós vemos as coisas de uma maneira mais simples: encher um copo e dar um trago, eis o que dá forças, disse o escrivão. E se dirigiu para o armário.

— O problema é seu, respondeu o professor, mas neste caso, deixe-nos com nossos conhecimentos mais sábios.

As palavras do professor me agradaram; aproximei-me dele e lhe disse:

— Permita que lhe conte ainda certas coisas a respeito do meu mestre. Então lhe expliquei como ele me tinha aparecido em sonhos e, depois de me ter ensinado, tinha deixado uma marca na minha Filocalia. O professor escutou o relato com atenção. Mas o escrivão, recostado em um banco, resmungava:

— É verdade que a gente acaba louca de tanto ficar fuçando na Bíblia. Basta olhar para esse aí! Que louco iria sujar teus livros à noite? Tu deixaste cair teu livro no chão, enquanto dormias, e ele rolou pelas cinzas… É esse o teu milagre! Ora, esses vagabundos: eu os conheço, meu velho, esses da tua confraria!

Depois de ter resmungado desse jeito, o escrivão virou-se para a parede e adormeceu.

Ao ouvir tais palavras, inclinei-me para o professor e disse:

— Se quiser, eu lhe mostrarei o livro que tem a marca e não manchas de cinza. Tirei a Filocalia da minha sacola e mostrei-a a ele, dizendo:

— Muito me espanta que uma alma incorpórea possa pegar um carvão e escrever…

O professor olhou bem o sinal de carvão no livro e disse:

— Este é o mistério dos espíritos. Vou te explicar. Quando os espíritos aparecem a um homem, sob numa forma corporal, seu corpo visível é feito de luz e de ar, com os elementos dos quais tinha sido tirado seu corpo mortal. E como o ar tem elasticidade, a alma dele revestida pode agir, escrever ou pegar objetos. Mas, que livro tens aí? Deixa-me ver.

Ele o abriu exatamente na página do discurso e do tratado de Simeão, o Novo Teólogo.

— Ah! Sem dúvida, trata-se de um livro de teologia, eu não o conheço…

— Esse livro, meu senhor, contém quase somente os ensinamentos

sobre a oração interior do coração em nome de Jesus Cristo; tudo está explicado aqui, em detalhes, por vinte e cinco dos Padres da Igreja.

— Ah! a oração interior! Eu sei o que é, disse o professor… Inclinei-me junto dele e lhe pedi para me dizer alguma coisa sobre a oração interior.

— Pois bem. No Novo Testamento se diz que o homem e toda a criação em expectativa anseia pela revelação dos filhos de Deus. Foi submetido à vaidade, não por seu querer - na esperança de ela também ser liberta da escravidão da corrupção para entrar na liberdade da glória dos filhos de Deus (Rm 8,19-20). Esse movimento misterioso da criação, esse desejo inato das almas, isto é a oração interior. Ela não pode ser aprendida, pois está em todos e em tudo!…

— Mas, como adquirir essa oração interior, descobri-la e experimentá-la dentro do coração? Como tomar consciência da oração e acolhê-la voluntariamente, conseguir que a oração possa agir ativamente, alegrando, iluminando e salvando a alma? perguntei eu.

— Não sei se os tratados de teologia falam da oração interior, respondeu o professor.

— Mas, aqui, aqui tudo está escrito! Exclamei.

O professor pegou um lápis, anotou o título da Filocalia e disse:

— Eu vou encomendar esse livro em Tobolsk e vou examinar tudo isso. E assim nos separamos. Fui embora e agradeci a Deus toda essa conversa com o professor e pedi a Deus que permitisse um dia ao escrivão ler a Filocalia e compreender seus ensinamentos para o bem de sua alma.

A moça da aldeia

Uma outra vez, na primavera, cheguei a um povoado e parei na casa do vigário. Era um homem excelente que morava sozinho. Fiquei aí três dias com ele. Depois de me ter observado durante

esse tempo, ele me disse:

— Fica comigo, eu te darei um salário. Estou precisando de um homem com quem possa contar. Reparaste que estão construindo uma nova igreja, de pedras, perto da antiga, que é de madeira. Não estou achando uma pessoa conscienciosa para vigiar os operários e permanecer na capela a fim de receber os donativos para a construção. Vejo que és um homem capaz e que essa vida te seria conveniente. Ficarias sozinho na capela, rezando a Deus. Existe lá um cômodo isolado onde se pode ficar. Fica, eu te peço, pelo menos até que a igreja fique pronta. Recusei bastante tempo, mas acabei por ceder ao pedido insistente do vigário. Fiquei então desde o verão até o outono e me instalei na capela. No começo, tive muito sossego e pude me exercitar na oração. Mas, principalmente nos dias de festa, aparecia muita gente: uns para rezar, outros para cochilar, outros ainda para passar a mão nas moedas que ficavam na bandeja. E como, às vezes, eu ficava lendo a Bíblia ou a Filocalia, alguns dos visitantes puxavam prosa comigo e outros me pediam para ler um pouco para eles.

Depois de algum tempo, eu notei que uma moça do lugar vinha frequentemente à capela e ficava aí bastante tempo a rezar. Prestei atenção ao que ela murmurava e descobri que eram orações estranhas, algumas completamente estropiadas. Eu lhe perguntei: - Quem te ensinou a rezar assim? Ela me disse que tinha sido sua mãe que era ortodoxa, ao passo que seu pai era cismático, da seita dos sem-sacerdotes. Achei triste essa situação e lhe aconselhei que recitasse corretamente as orações, conforme a tradição da santa Igreja. Ensinei-lhe o Pai-Nosso e a Ave Maria. Depois lhe disse: - Reza principalmente a oração de Jesus. Ela nos aproxima de Deus mais que todas as orações e com ela conseguirás a salvação de tua alma. A moça me ouviu com atenção e fez simplesmente como eu tinha aconselhado. E… acreditais? Algum tempo depois ela me anunciou que já se tinha habituado à oração de Jesus e que sentia vontade de repetir essa oração sem parar, se possível; quando rezava, sentia uma sensação agradável e,

finalmente, alegria, assim como o desejo de rezar mais. Rejubilei-me com isso e lhe aconselhei que continuasse rezando cada vez mais, invocando o Nome de Jesus Cristo.

Já estava acabando o verão. Muitos visitantes da capela vinham procurar-me, não somente para pedir um conselho ou um pouco de leitura, mas também para contar seus problemas caseiros e até para saber o que fazer para achar objetos perdidos. Era evidente que alguns pensavam que eu era um feiticeiro. Um dia finalmente a moça veio procurar-me, muito infeliz, para perguntar o que devia fazer. Seu pai queria que ela, contra sua vontade, se casasse com um cismático como ele e o celebrante do casamento fosse um simples camponês.

— Então isso é um casamento conforme a lei? exclamava ela. Isso é um deboche! Eu quero fugir para qualquer lugar!

Eu lhe disse:

— Para onde queres fugir? Logo te acharão. Nos tempos de hoje, não poderás te esconder em lugar algum sem documentos. Facilmente te encontrarão. É melhor rezar a Deus com zelo para que, por seus caminhos, Ele quebre essa decisão de teu pai e guarde tua alma do pecado e da heresia. É melhor do que fugir!

O tempo passava: o barulho e as distrações iam se tornando cada vez mais penosos para mim. Enfim, acabou-se o verão. Decidi abandonar a capela e retomar meu caminho como antes. Fui falar com o vigário e lhe disse:

— Padre, o senhor conhece as minhas disposições. Eu preciso de calma para dedicar-me à oração e aqui só encontro perturbações e distrações.

Cumpri o que o senhor me pediu, fiquei aqui durante todo esse longo verão. Agora, por favor, deixe-me ir e queira abençoar o meu caminho solitário.

O vigário não queria me largar e me pressionou com um sermão:

— O que te pode impedir de rezar aqui ? Nada tens a fazer senão ficar na capela e sempre receber teu pão. Se tu queres, podes ficar rezando noite e dia. Vive com Deus! Aqui és competente e útil, não falas bobagens com os visitantes, és honesto e fiel, e asseguras contribuições para a igreja de Deus. Isso é melhor aos olhos de Deus do que tua oração solitária. Por que ficar sempre a sós? Com outras pessoas, é mais alegre a gente rezar. Deus não criou o homem para que ele conhecesse somente a si próprio, mas para que cada um ajude a seu próximo, uns levando os outros à salvação, cada um conforme suas possibilidades. Olhe os santos e os doutores ecumênicos: eles estavam sempre em movimento, dia e noite, preocupados com a Igreja. Pregavam em todo lugar e não ficavam retirados,escondidos de seus irmãos.

— Cada um recebe de Deus o dom que lhe convém, padre. Muitos pregaram às multidões e muitos viveram na solidão. Cada qual agia conforme sua inclinação e achava que era esse o caminho da todas as dignidades e honras da Igreja e se tenham retirado no deserto para não serem tentados no mundo? Santo Isaac, o Sírio, abandonou assim seus fiéis e o bem-aventurado Atanásio, o Atônita, deixou seu mosteiro. Eles consideravam esses lugares como sedutores demais e acreditavam verdadeiramente na palavra de Jesus Cristo: - Que aproveitará ao homem, se ganhar o mundo inteiro, mas arruinar a sua vida? (Mt 16,26)

— Mas eles eram grandes santos, retorquiu o vigário.

— Se os santos se preservavam com tanto cuidado do contacto com os homens, respondi, o que não deve fazer um pobre pecador!

Enfim, disse adeus ao bom vigário e nos separamos afetuosamente.

Ao cabo de dez quilômetros, parei para passar a noite em uma aldeia. Havia aí um camponês às portas da morte. Eu aconselhei sua família a fazer com que recebesse os Santos Mistérios de Cristo e, de manhã, eles

mandaram buscar o padre da vila. Eu fiquei para reverenciar as santas Espécies e rezar durante esse grande sacramento. Eu estava sentado em um banco na frente da casa, à espera do padre. De repente, vejo encaminhar-se para mim aquela jovem que eu tinha visto rezando na capela.

— Como chegaste até aqui? disse-lhe eu.

— Na minha casa, tudo estava preparado para eu me casar com aquele cismático. Então fugi. E se lançando aos meus pés, ela suplicou:

— Oh, por piedade, me toma contigo e me leva a um convento: eu não quero me casar, quero viver no convento recitando a oração de Jesus. Eles te escutarão e me receberão.

— Ora veja, disse eu, onde queres que te leve? Não conheço nenhum convento por aqui e como te levar comigo sem documento de identidade? Não poderias parar em nenhum lugar. Logo te descobrirão. Serás levada de volta à tua casa e castigada por vagabundagem. É melhor que voltes para tua casa e rezes a Deus. E se não queres casar-te, finge que tens alguma incapacidade. Isso se chama um piedoso fingimento; foi assim que agiram a santa mãe de Clemente, a bem-aventurada Marina, que se salvou em um mosteiro de homens, e assim muitos outros.

Enquanto assim conversávamos, vimos quatro camponeses em uma carruagem que corria em nossa direção. Eles agarraram a moça, a colocaram na carroça e a despacharam em companhia de um deles. Os outros três homens me amarraram as mãos e me levaram para a aldeia onde eu tinha passado o verão. A todas minhas tentativas de explicação, eles respondiam gritando:

— Tudo bem, santo de pau oco, vamos te ensinar a seduzir donzelas!

À tarde, me levaram à prisão, me puseram correntes nos pés e me fecharam na cela para ser julgado no dia seguinte. O padre, ao saber que eu estava preso, veio visitar-me. Trouxe-me um jantar, consolou-me e disse que ele assumiria a minha defesa e, como confessor, ia declarar que

eu não tinha as más tendências que me atribuíam. Ele ficou um pouco comigo e foi-se embora.

Ao cair da noite, o juiz da província passou por lá. Contaram-lhe o acontecido. Ele mandou convocar a assembleia do município e levar-me a julgamento. Entramos e ficamos em pé, esperando. Nisso entrou o juiz, já muito animado; sentou-se à mesa, sem tirar o chapéu, e gritou:

— Então, Epifânio, essa jovem, tua filha, não levou nada de casa?

— Nada, meu senhor!

— Ela não fez alguma bobagem com esse idiota?

— Não, meu senhor!

— Então, o caso está julgado e nós decidimos: com tua filha, arranja-te como quiseres. Quanto a esse sujeito, nós o mandaremos embora amanhã, depois de o termos castigado exemplarmente para que nunca mais ponha os pés aqui. Caso encerrado!

A essas palavras, sem nada mais acrescentar, o juiz se levantou e se recolheu. Quanto a mim, levaram-me para a cadeia. No dia seguinte bem cedo, vieram dois agentes da polícia rural que me chicotearam e então fui solto. Fui-me embora agradecendo ao Senhor que tinha permitido que eu sofresse por causa de seu nome. Isso me consolava e me estimulava mais ainda à oração. Todos esses acontecimentos não me deixaram, porém, desgostoso. Era como se dissessem respeito a uma outra pessoa e que eu tivesse sido apenas um espectador. Mesmo enquanto me fustigavam, eu conseguia suportar: a oração que me alegrava o coração, não me deixava prestar atenção a outra coisa.

Depois de quatro quilômetros, encontrei a mãe daquela jovem que voltava do mercado. Ela parou e disse-me:

— O noivo nos abandonou. Ele se zangou com Akulka, veja só, porque ela fugiu de casa.

Ela me deu um pão e um bolo e eu retomei meu caminho. O tempo estava seco e eu não estava com vontade de dormir em uma aldeia. Avistei, na floresta, dois montes de feno e aí me instalei para passar a noite. Dormi e comecei a sonhar que ia caminhando pela estrada, lendo os capítulos de Santo Antão, o Grande, na Filocalia. De repente, aquele monge, meu mestre, veio ao meu encontro e me disse: - Não é esse trecho que deves ler! E ele me indicou o capítulo 35 de João de Cárpatos no qual está escrito: - Às vezes, o discípulo é desonrado e suporta provações por aqueles que ele ajudou espiritualmente. E me mostrou ainda o capítulo 41 onde se diz: - Todos os que se dedicam com ardor à oração, estão sujeitos a tentações terríveis e arrasadoras.

Em seguida, ele me disse:

— Coragem! Não te deixes abater! Lembra-te das palavras do Apóstolo: - Aquele que está em vós, é maior do que aquele que está no mundo (1 Jo 4,4). Agora conheceste pela experiência que não há tentação acima das forças do homem. Com a tentação Deus vos dará os meios de suportá-la e sairdes dela (1 Cor 10,13). Foi a esperança na ajuda do Senhor que sustentou os santos que, não somente passaram a vida a rezar, mas ainda, por amor, procuraram ensinar e esclarecer os outros. Eis o que diz a esse respeito São Gregório de Tessalônica: "Não nos é suficiente rezar sem cessar, conforme o mandamento divino, mas é necessário que saibamos expor esse ensinamento a todos: monges, leigos, inteligentes ou simples, homens, mulheres e crianças, a fim de despertar neles o zelo pela oração interior". O bem-aventurado Calisto Telicudas se exprime da mesma maneira: "A atividade espiritual (isto é, a oração interior)", diz ele, "o conhecimento contemplativo e os meios para elevar a alma não devem ser guardados só para si mesmo, mas é preciso comunicá-los por escrito ou por palavras para o bem e o amor de todos. E a palavra de Deus declara que um irmão, apoiado por outro irmão, é como uma cidade fortificada (Pr 18,19). É preciso apenas fugir da vaidade a qualquer custo e cuidar que

a boa semente do ensinamento divino não seja levada pelo vento". Ao acordar, senti no coração uma grande alegria e, na minha alma, uma força nova. E continuei meu caminho.

Curas maravilhosas

Muito tempo depois tive mais uma aventura. Se o senhor quiser, eu vou contar. Certo dia - era dia 24 de março - eu senti uma necessidade irresistível de comungar nos Santos Mistérios de Cristo no dia consagrado à Mãe de Deus, em memória de sua Anunciação. Perguntei se havia alguma igreja por lá. Disseram-me que havia uma a trinta quilômetros.

Caminhei o resto do dia e a noite inteira para chegar à hora das Matinas. O tempo estava muito ruim, ora neve, ora chuva e ainda um vento forte e o frio. A estrada atravessava um riacho: apenas dei alguns passos e o gelo se quebrou sob meus pés. Caí na água até à cintura. Cheguei ensopado às Matinas que eu acompanhei, assim como a missa, durante a qual Deus me permitiu comungar.

Para passar esse dia em paz, sem nada que perturbasse minha alegria espiritual, pedi ao guarda que me deixasse ficar até o dia seguinte, na guarita. Passei o dia todo numa alegria indescritível e com paz no coração. Estava espichado num banco, em um lugar não aquecido, como se estivesse repousando no seio de Abraão: a oração agia com força. O amor por Jesus Cristo e pela Mãe de Deus inundava meu coração em ondas benfazejas e fazia minha alma mergulhar em êxtase consolador. Ao anoitecer, senti de repente uma dor violenta nas pernas e me lembrei que estavam molhadas. Mas, afastando essa distração, mergulhei de novo na oração e não senti mais a dor. De manhã, quando quis me levantar, não conseguia mexer as pernas. Elas estavam sem força e tão moles quanto as tiras de um chicote. O guarda me arrastou para debaixo do banco e assim fiquei durante dois dias, sem me mexer. No terceiro dia, o guarda me expulsou de lá, dizendo:

- Se tu morreres aqui, ainda terei o trabalho de correr e ocupar-me de ti. Eu consegui me arrastar com as mãos até a escadaria da igreja, onde permaneci deitado. Aí fiquei uns dois dias. As pessoas que passavam, não prestavam a mínima atenção, nem a mim nem aos meus pedidos.

Finalmente, um camponês aproximou-se de mim e puxou prosa. Depois de algum tempo, ele disse: - O que me darás tu? Eu vou curar-te. Eu tive exatamente a mesma coisa e conheço um remédio. - Nada tenho para te dar, lhe respondi eu. - E o que tens aí na sacola? - Nada, a não ser pão seco e livros. - Pois bem, trabalharás para mim durante um verão, se eu te curar. - Eu também não posso trabalhar: vês que só tenho um braço válido. - Então, o que sabes fazer? - Nada, senão ler e escrever. - Ah! Escrever! Então ensinarás meu filho a escrever; ele já sabe ler um pouco e eu gostaria que ele escrevesse. Mas os professores cobram caro: vinte rublos para ensinar toda a escrita. Combinei tudo com ele e, com a ajuda do guarda, me transportaram para a casa do camponês, onde me colocaram num velho quarto de banhos, no fundo do quintal.

Ele começou então a me tratar: recolheu, nos campos, nos quintais e buracos de lixo, uma grande quantidade de velhos ossos de animais, e de pássaros de toda espécie. Lavou esses ossos, esfacelou-os com uma pedra e os colocou numa grande panela. Tapou-a com uma tampa que tinha um buraco e virou-a em cima de um vaso que tinha enfiado na terra. Recobriu com cuidado o fundo da panela com uma camada espessa de terra argilosa e pôs em cima achas de lenha que deixou queimar por mais de vinte e quatro horas. Ao revirar as achas, ele dizia: - Tudo isso vai fazer um alcatrão de ossos. No dia seguinte, ele desenterrou a panela que, pelo buraco da tampa, tinha deixado escorrer quase um litro de um líquido avermelhado, oleoso, cheirando a carne fresca. Os ossos que ficaram na panela, de escuros e apodrecidos que estavam, tinham agora uma cor tão branca e transparente como o nácar ou as pérolas. Cinco vezes por dia eu friccionava minhas pernas com esse líquido. E… acreditais? No dia

seguinte, senti que podia mexer os dedos. No terceiro dia, podia dobrar as pernas e, no quinto dia, eu já ficava em pé e caminhava no quintal, apoiado num bordão. Em uma semana, minhas pernas tinham voltado ao normal. Eu agradecia a Deus e dizia comigo mesmo: - A sabedoria de Deus aparece nas criaturas! Ossos desencarnados e apodrecidos, quase devolvidos à terra, conservam ainda uma força vital, uma cor e um cheiro. E exercem uma ação sobre os corpos vivos aos quais podem restituir a vida! É um penhor da Ressurreição futura.

Se eu pudesse dar conhecimento disso àquele guarda florestal em cuja cabana eu vivi e que duvidava da ressurreição dos corpos!

Assim curado, comecei a ocupar-me do menino. Escrevi como modelo a oração de Jesus e fiz com que ele a copiasse, mostrando-lhe como fazer uma letra bonita. Para mim, era muito repousante, porque ele trabalhava durante o dia na casa do intendente e só vinha procurar-me quando ele dormia, isto é, de manhã bem cedinho. O menino era esperto e logo já escrevia quase corretamente.

O intendente, vendo-o escrever, perguntou-lhe:

— Quem te está ensinando a escrever? O menino disse que era um peregrino manco que vivia em casa deles, no velho quarto de banhos. O intendente curioso - era polonês - veio ver-me e encontrou-me lendo a Filocalia. Conversou um pouco comigo e disse:

— O que estás lendo? Mostrei-lhe o livro.

— Ah! É a Filocalia, disse ele. Eu vi esse livro na casa do vigário quando eu morava em Vilna. Mas ouvi dizer que esse livro contém receitas estranhas e métodos de oração inventados pelos monges gregos, a exemplo dos fanáticos da Índia e de Boukhara, que enchem seus pulmões e acreditam tolamente, quando sentem um pouco de cócegas no coração, que esta sensação natural é uma oração concedida por Deus. É preciso rezar simplesmente para cumprir sua obrigação para com Deus.

Ao levantar, deve-se recitar o Pai-Nosso como Jesus Cristo ensinou. E isso basta para o dia todo. Mas, de tanto repetir o tempo todo a mesma coisa, corre-se o risco de enlouquecer e viciar o coração.

— Não fale assim desse santo livro, meu senhor. Não foram simples monges gregos que o escreveram, mas santos e antigos personagens que a vossa Igreja também venera, como Antônio, o Grande; Macário, o Grande; Marcos, o Asceta; João Crisóstomo e outros. Os monges da índia e de Boukhara tomaram emprestada deles a técnica da oração do coração, mas eles a desfiguraram e deturparam, conforme me explicou meu amigo monge. Na Filocalia, todos os ensinamentos sobre a oração interior são tirados da Palavra divina, da Bíblia, na qual Jesus Cristo, além de ordenar que se recite o Pai-Nosso, também afirmou que era necessário rezar sem cessar, dizendo: - Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração e de todo o teu espírito (Mt 22,37); orai e vigiai (Mc 13,33); permanecei em mim e Eu permanecerei em vós (Jo 15,4). E os Santos Padres, citando o testemunho do rei Davi nos salmos: Provai e vede como o Senhor é bom (Sl 34,9), o interpretam dizendo que o cristão deve fazer tudo para conhecer a doçura da oração, deve procurar incessantemente a consolação na oração e não se contentar em apenas recitar o Pai-Nosso uma vez por dia. Veja, eu vou ler para o senhor o que os Padres da Igreja dizem daqueles que nem tentam estudar a oração do coração, tão benfazeja. Declaram que cometem um pecado triplo porque: 1° - se colocam em contradição com as santas Escrituras; 2° - não admitem que exista para a alma um estado superior e perfeito: contentando-se com as virtudes exteriores, eles ignoram a fome e a sede de justiça e se privam da beatitude em Deus; 3° - considerando suas virtudes exteriores, eles caem no contentamento de si próprios e na vaidade.

— Lês aí algo de muito elevado, disse o intendente; mas, de que jeito, nós, os leigos, poderíamos seguir uma tal via?

— Veja, vou ler para o senhor de que maneira os homens de bem,

apesar de leigos, puderam aprender a oração incessante. Tomei na Filocalia o tratado de Simeão, o Novo Teólogo, sobre o jovem Jorge e pus-me a ler.

Essa leitura agradou ao intendente e ele me disse:

— Dá-me esse livro que eu vou ler nas minhas horas livres.

— Se o senhor quiser, eu lhe emprestarei por um dia apenas, não mais que isso, pois estou sempre lendo e não posso ficar sem esse livro.

— Mas tu podes, pelo menos, copiar-me esse trecho, eu te pagarei.

— Não preciso do seu dinheiro, mas vou copiar com gosto, esperando que Deus lhe dê o zelo pela oração.

Copiei imediatamente o trecho que tinha lido. Ele leu para sua mulher e ambos acharam muito bonito. A partir desse dia, eles mandavam buscar-me, uma vez ou outra. Eu ia com a Filocalia; enquanto eu lia, eles tomavam chá. Um dia, fizeram questão que eu ficasse para jantar. A mulher dele, uma senhora idosa e muito amável, estava conosco à mesa e comia peixe frito. De repente, ela engoliu uma espinha. Apesar de todos os nossos esforços, não conseguimos livrá-la da espinha. Ela sentia muita dor na garganta e, depois de duas horas, foi deitar-se. Mandaram buscar o médico a trinta quilômetros de lá e eu voltei para casa muito penalizado.

Durante a noite, enquanto dormia um sono leve, eu ouvi subitamente a voz do meu mestre, embora não visse ninguém. A voz me dizia:

— Teu patrão te curou e tu nada podes fazer pela mulher do intendente? Deus nos ordenou de partilhar as dores do próximo.

— Eu ajudarei com muito gosto, mas como? Não conheço remédio algum,

— Eis o que deves fazer: ela sempre teve horror a óleo de rícino. Basta o cheiro para ela sentir náuseas. Por isso tu lhe darás uma colherada de óleo de rícino: ela vai vomitar e o espinho sairá. O óleo aliviará o ferimento de sua garganta e ela vai ficar boa.

— E como vou conseguir que ela beba o óleo de rícino se ela o detesta?

— Pede ao intendente que segure a cabeça da senhora e tu derramarás o líquido, à força, em sua garganta.

Acordei e fui correndo à casa do intendente, a quem contei tudo detalhadamente. Ele me disse:

— Para que adiantará esse óleo? Ela já está com febre e delirando. A garganta está inchada. Mas, de fato, sempre se pode tentar: se o óleo não fizer bem, mal também não há de fazer. Ele despejou o óleo de rícino num vidrinho e conseguimos que ela o tomasse. Imediatamente, vomitou e cuspiu a espinha com um pouco de sangue; sentiu-se melhor e logo adormeceu profundamente.

No dia seguinte, cedo, eu fui saber notícias dela; já estava tomando chá com seu marido. Ambos estavam muito admirados com sua cura e de saber que, em sonhos, me tinham avisado de seu horror pelo óleo de rícino, porque eles nunca tinham comentado isso com ninguém. Nisso chegou o médico. O intendente lhe contou como a mulher tinha sido curada e eu também lhe expliquei de que maneira o camponês tinha curado as minhas pernas. O médico declarou:

— Esses dois casos não são surpreendentes: foi uma força da natureza que agiu as duas vezes. Mas vou anotá-los para guardar na memória.

Ele tirou um lápis do bolso e escreveu algumas anotações em uma caderneta. Logo se espalhou o boato de que eu era um adivinho, um curandeiro e um mágico. De todo lado vinham me ver para consultar-me; traziam-me presentes e começavam a venerar-me como a um santo. Passada uma semana, pus-me a pensar nisso tudo e fiquei com medo de deixar-me levar pela vaidade e pela dissipação. Na noite seguinte, deixei a aldeia secretamente.

Chegada a Irkutsk

Assim, adiantei-me novamente pela estrada solitária e me senti tão leve como se tivesse tirado uma montanha de meus ombros. A oração me dava cada vez mais consolações. Às vezes, meu coração ardia de um amor infinito para com Jesus Cristo e esse maravilhoso ardor em ondas benfazejas se espalhava por todo o meu ser. A imagem de Jesus Cristo estava tão bem gravada em meu espírito que, ao meditar os fatos do Evangelho, era como se estivesse vendo com meus próprios olhos aquelas cenas. Ficava comovido e chorava de alegria; às vezes, sentia no coração tal felicidade que nem sei descrevera. Outras vezes, passava três dias distante de toda habitação humana e, com êxtase, sentia-me sozinho sobre a terra, eu, pobre pecador diante do Deus misericordioso e amigo dos homens. Essa solidão me fazia feliz e mais sensível ainda à doçura da oração do que em contacto com os homens. Enfim, cheguei a Irkutsk. Depois de ter rezado diante das relíquias de Santo Inocêncio, eu me perguntava aonde iria agora. Não tinha vontade de ficar muito tempo na cidade porque era populosa demais. Fui andando pelas ruas a pensar. De repente, encontrei um mercador do lugar que me fez parar e me disse:

— És um peregrino? Por que não vens à minha casa? Chegamos à casa dele, uma rica mansão. Perguntou-me quem eu era e eu lhe contei de minha viagem. Ao ouvir meu relato, ele me disse:

— Deverias ir até a antiga Jerusalém. Lá se encontra uma santidade tal que não se iguala a nenhuma outra!

— Irei com muita alegria, respondi, mas não tenho como pagar a travessia, porque é preciso muito dinheiro.

— Se quiseres, eu te indicarei um jeito, disse o mercador. O ano passado, eu mandei para lá um ancião, nosso amigo.

Caí de joelhos a seus pés e ele me disse:

— Olha, eu te darei uma carta para meu filho que está em Odessa e faz comércio com Constantinopla. Ele tem navios e te fará chegar até Constantinopla. De lá a sua firma te pagará a viagem até Jerusalém. Não é tão caro assim.

A essas palavras, fiquei louco de alegria! Agradeci muito ao meu benfeitor e, sobretudo, agradeci a Deus que manifestava tanto amor paternal para comigo, pecador endurecido, que nada fazia de bom, nem para Deus nem para os outros, e ainda comia inutilmente o pão alheio. Fiquei três dias na casa desse mercador generoso. Ele me deu uma carta para seu filho. Agora vou para Odessa na esperança de chegar à cidade santa de Jerusalém. Mas não sei se o Senhor vai permitir que eu me incline diante de seu santo Sepulcro vivificante.

Terceiro Relato: Apresentação do Peregrino

Antes de partir de Irkutsk, voltei ao monge, meu mestre, com o qual eu costumava conversar e lhe disse:

— Parto logo a caminho de Jerusalém. Vim dizer adeus e agradecer-vos a vossa caridade para comigo, pobre peregrino.

Ele me disse:

— Que Deus abençoe teu caminho! Mas nada me contaste sobre ti mesmo. Quem és tu e de onde vens. Ouvi muitas histórias de tuas viagens. Agora gostaria de saber de tua origem e de tua existência até o momento em que começaste tua vida errante.

— Vou contar tudo com prazer, lhe disse. Não se trata de uma longa história. Nasci em uma aldeia da província de Orei. Depois da morte de nossos pais, ficamos nós dois, meu irmão mais velho e eu. Ele estava com dez anos. Eu tinha três. Nosso avô nos pegou para criar em casa dele. Era um velho honrado e de posses: tinha uma hospedaria à beira da estrada e, como era um homem bom, muitos viajantes ali pernoitavam. Viemos,

pois, morar com ele. Meu irmão era muito vivo, batia perna na rua por toda a aldeia. Eu, ao contrário, ficava mais em casa, junto de meu avô. Nos dias de festa, meu avô nos levava à igreja, e, em casa, sempre lia a Bíblia para nós - essa mesma que trago comigo. Meu irmão cresceu e deu em beberrão. Eu tinha apenas sete anos quando, um dia, dormimos juntos perto do fogão.

Ele me empurrou e me derrubou. Machuquei o braço esquerdo e, desde então, não posso mais me servir dele - ficou atrofiado.

Meu avô, vendo que eu nunca poderia me empregar para trabalhar no campo, decidiu ensinar-me a ler. Como não tínhamos o alfabeto, ele se servia desta Bíblia aqui: me mostrava as letras e me obrigava a soletrar as palavras e depois a copiar as letras. Assim, não sei bem como, de tanto repetir o que ele dizia, acabei aprendendo a ler. Mais tarde, quando meu avô já não enxergava direito, ele me fazia ler a Bíblia em voz alta e me corrigia. O escrivão parava muitas vezes em nossa casa. Ele tinha uma letra linda e eu gostava de vê-lo escrever. Por mim mesmo, eu começava a formar as palavras, escrevendo como ele. Aí ele começou a me mostrar como fazer, me deu papel e tinta e preparou as penas para mim. Assim eu também aprendi a escrever. Meu avô ficou muito contente e me dizia:

— Deus te concedeu saberes as letras. Tu serás um homem. Agradece ao Senhor e reza muitas vezes. Nós íamos à igreja para todos os serviços e em casa também rezávamos frequentemente. Faziam-me recitar: - Tende piedade de mim, Senhor - e meu avô e minha avó se inclinavam até o chão ou então ficavam de joelhos.

Cheguei assim à idade de dezessete anos. Minha avó morreu. Meu avô me disse:

— Eis-nos sem uma mulher para cuidar da casa. Como vamos fazer? Teu irmão mais velho não serve para nada. Eu vou te casar.

Eu recusei por causa do meu defeito no braço, mas meu avô insistiu e

me casou com uma moça muito boa e séria. Ela tinha vinte anos. Passou-se um ano. Meu avô adoeceu gravemente. Chamou-me, despediu-se de mim e disse:

— Eu te deixo a casa e tudo o que tenho. Vive como é teu dever, não enganes ninguém e reza a Deus mais do que tudo. É dele que tudo vem. Põe tua esperança somente em Deus, vai à igreja, lê a Bíblia e lembra-te de nós em tuas orações. Toma estes mil rublos em dinheiro, guarda bem essa quantia e não gastes à toa. Não sejas avarento, dá aos mendigos e às igrejas de Deus. Ele morreu e eu fiz seu enterro.

Meu irmão ficou com ciúme porque eu tinha recebido em herança a hospedaria: ele me causou vários problemas e o inimigo tanto o instigou que decidiu matar-me. Uma noite, quando dormíamos e não havia viajantes na hospedaria, ele entrou no depósito de provisões e pôs fogo em tudo, depois de ter retirado todo o dinheiro que estava no cofre. Nós acordamos quando a casa toda já estava em chamas e só tivemos tempo de pular pela janela, do jeito que estávamos.

Nós guardávamos a Bíblia embaixo do travesseiro e a carregamos conosco. Olhávamos a casa a arder e nos dizíamos: - Deus seja louvado! Salvamos a Bíblia, ao menos poderemos consolar-nos nesta desgraça. Assim, tudo o que tínhamos se queimou e meu irmão desapareceu da região. Mais tarde, certa vez que tinha bebido, ele se vangloriou de ter levado nosso dinheiro e ter incendiado a casa. E nós acabamos sabendo.

Ficamos nus e absolutamente sem nada, verdadeiros mendigos. Do jeito que pudemos e pedindo coisas emprestadas, conseguimos levantar uma cabana pequena e passamos a viver como pobres diabos. Minha mulher não tinha rival no trabalho de tecer, fiar e costurar. Ela aceitava encomendas das pessoas e trabalhava noite e dia para me sustentar. Por causa de meu braço defeituoso, eu não podia nem mesmo trançar as cascas de árvore para fazer calçados. A maior parte do tempo, ela fiava ou tecia e

eu, sentado ao seu lado, lia a Bíblia. Ela escutava e, às vezes, começava a chorar. Às vezes eu lhe perguntava:

— Por que choras? Graças a Deus, vamos tocando, apesar de tudo.

Ela respondia:

— Estou comovida porque, na Bíblia, tudo está tão bem escrito!

Nós nos lembrávamos também das recomendações de meu avô: jejuávamos frequentemente, líamos cada manhã o hino em honra da Virgem Maria e, à noite, fazíamos cada um mil saudações diante das imagens para não cair em tentação. Vivemos assim uma vida tranquila durante dois anos. Mas há uma coisa surpreendente: nós não conhecíamos nada sobre a oração interior, feita no fundo do coração; dela nunca tínhamos ouvido falar. Rezávamos somente com os lábios, fazíamos inclinações como uns patetas e, no entanto, o desejo de rezar lá estava; essa longa prece exterior não nos parecia difícil, nós a fazíamos com gosto. Sem dúvida, tinha razão aquele professor que me disse uma vez que, no interior do homem, existe uma oração misteriosa que ele mesmo não sabe como surgiu: mas ela impele cada pessoa a rezar como pode e como sabe.

Depois de dois anos vivendo assim, minha mulher apanhou uma febre muito forte e, no nonodepois de ter comungado, ela morreu. Fiquei sozinho, absolutamente sozinho e nada podia fazer. A única coisa que me restara, era sair mendigando pelo mundo afora. Mas eu tinha vergonha de pedir esmola. Além disso, me sentia tão infeliz lembrando minha mulher, que não sabia onde me enfiar. Quando entrava na cabana e via alguma de suas roupas ou seu lenço de cabeça, começava a soluçar e caía desmaiado. Vivendo assim naquela cabana, eu não aguentava a tristeza. Por isso vendi a cabana por vinte rublos e distribuí aos pobres as minhas roupas e as de minha mulher. Por causa de meu defeito físico, deram-me um documento de identidade perpétuo. Peguei a minha Bíblia e fui embora, caminhando ao acaso.

Ao chegar à estrada, me perguntei: - Para onde ir agora? Irei primeiro a Kiev, me inclinarei diante dos santos de Deus e lhes pedirei para me ajudarem em minha infelicidade. Desde que tomei essa decisão, me senti melhor e cheguei, aliviado, a Kiev. Já faz treze anos que caminho sem parar. Visitei muitas igrejas e mosteiros, mas atualmente eu ando sobretudo através dos campos e estepes. Não sei se o Senhor vai permitir que eu chegue até à cidade santa de Jerusalém. Se for da vontade de Deus, seria talvez já tempo de enterrar por lá meus ossos de pecador.

— E quantos anos tens?

— Trinta e três anos. A idade de Cristo!

Quarto Relato: A Caminho de Jerusalém

Na união com Deus está a minha felicidade.
Ponho minha esperança no Senhor (Sl 73,28).

O provérbio russo

Tem razão o provérbio russo, disse com meus botões, ao voltar à casa de meu mestre espiritual: - O homem põe e Deus dispõe. Eu estava certo de viajar hoje mesmo para a santa cidade de Jerusalém, mas tudo aconteceu de outra maneira: um fato inteiramente imprevisto me retém aqui por dois ou três dias ainda. Não pude deixar de vir ter convosco para comunicar esse imprevisto e pedir-vos conselho. Eis o que aconteceu:

Eu já me tinha despedido de todos e, com a ajuda de Deus, retomara meu caminho. Ia atravessar a barreira quando, à porta da última casa, vi um velho peregrino que não encontrava há mais de três anos. Nós nos cumprimentamos e ele me perguntou para onde eu ia. Respondi-lhe:

— Se Deus quiser, até a antiga cidade de Jerusalém.

— Ora veja só, retrucou ele, tenho um excelente companheiro para ti.

— Muito obrigado! Disse-lhe. Não sabes que eu nunca levo um companheiro e vou sempre sozinho?

— Sei sim, mas escuta: eu sei que esse companheiro te convém perfeitamente. Tudo vai dar certo para ele contigo, e para ti com ele. O pai do proprietário desta casa onde estou trabalhando como operário, fez voto de ir a Jerusalém. Não terás aborrecimentos com ele, é completamente surdo. Por mais que se grite, não ouve nada!

Quando alguém quer perguntar-lhe uma coisa, é preciso escrever num pedaço de papel. Ele fica sempre calado e não vai te aborrecer no caminho. Mas tu lhe serás indispensável durante todo o trajeto. Seu filho lhe dá um cavalo e uma carruagem que ele vai vender depois em Odessa. O velho quer caminhar a pé, mas sua bagagem vai na carruagem e também algumas dádivas para o Sepulcro do Senhor. Poderás colocar nela a tua sacola. Agora, pensa bem. Achas que se pode permitir que um velho assim, completamente surdo, faça sozinho tal viagem? Procuramos em todos os lugares um guia, mas eles cobram muito caro e, além disso, é perigoso deixar esse ancião viajar sozinho com um desconhecido, pois ele tem dinheiro e está levando objetos preciosos. Quanto a mim, eu serei teu fiador e meus patrões vão ficar encantados: são gente boa e gostam muito de mim. Já faz dois anos que trabalho para eles.

Depois de me ter dito tudo isso, à porta da casa, ele me fez entrar para falar com seu Patrão e vi que se tratava de uma família honrada: aceitei a proposta deles. Resolvemos viajar dois dias depois do Natal, se Deus quiser, depois de participar da santa liturgia. Eis os acontecimentos imprevistos que surgem pelos caminhos da vida! Mas sempre é Deus e sua Divina Providência que age através de nossas ações e nossas intenções, como está escrito: - É Deus quem, segundo o seu beneplácito, realiza em vós o querer e o executar (Fl 2,13).

Meu mestre espiritual me disse:

— Muito me alegro, meu querido irmão, por Deus ter permitido que eu te visse mais uma vez. E como estás livre, ficarei um pouco contigo e tu vais me contar alguns de teus encontros nessa tua vida errante. Pois tive muito gosto em ouvir teus relatos anteriores.

— Vou contar com muita alegria tudo o que aconteceu, respondi. E me pus a falar:

— Aconteceram coisas boas e coisas ruins, não dá para contar tudo. Muita coisa eu já esqueci, pois sempre me esforcei para guardar bem sobretudo as circunstâncias que levavam à oração minha alma preguiçosa. Quanto ao resto, eu raramente penso nisso, ou melhor, eu quis esquecer o passado, segundo o ensinamento do apóstolo Paulo que disse: - Prescindindo do passado, e me atirando ao que resta para frente, persigo o alvo (Fl 3,13). E o meu amigo monge me dizia que os obstáculos à oração podem vir da direita ou da esquerda, isto é, se o inimigo não consegue afastar a alma da oração através de pensamentos vãos ou imagens pecaminosas, ele faz reviver na memória lembranças edificantes ou belas ideias para arrancar nosso espírito da oração que ele não suporta. A isso chamamos de desvio da direita: a alma, desprezando a conversação com Deus, entra numa conversação deliciosa com ela mesma ou com as criaturas. Ele também me ensinou que, durante o tempo da oração, não se podia admitir no espírito nem mesmo o pensamento mais elevado e bonito. E se, no fim do dia, se percebe que se passou mais tempo na meditação e em colóquios edificantes do que na oração absoluta e pura, é preciso considerar esse fato como uma imprudência ou avidez espiritual egoísta, principalmente entre os principiantes, para quem o tempo dedicado à oração deve ser maior do que o tempo consagrado às outras atividades piedosas.

Mas a gente não consegue esquecer tudo. Algumas lembranças se gravam tão profundamente na memória que permanecem vivas sem que

sejam evocadas, como, por exemplo, a lembrança dessa santa família onde Deus permitiu que eu passasse alguns dias.

Uma família ortodoxa

Quando atravessava o território de Tobolsk, passei certo dia por uma cidadezinha. Eu quase não tinha mais pão, por isso entrei em uma casa para pedir. O dono da casa me disse:

— Chegas na hora certa: minha mulher acaba de retirar o pão do forno. Pega esse pãozinho quente e reza a Deus por nós.

Enquanto lhe agradecia, fui enfiando o pão na minha sacola. A dona da casa viu meu gesto e disse:

— Que sacola miserável tens aí, toda rasgada! Eu vou te dar uma outra. E me deu uma sacola forte e boa.

Agradeci a eles do fundo de meu coração e fui embora. À saída da cidade, pedi um pouco de sal na farmácia: o comerciante me deu um saco inteiro. Fiquei muito feliz e agradeci a Deus que me fez encontrar gente tão boa.

— Agora estou tranquilo a semana inteira, me dizia, vou poder dormir sem preocupações. Bendize, ó minha alma, ao Senhor! (Sl 103 e 104,1)

Já tinha feito cinco quilômetros adiante da cidade quando avistei uma aldeia insignificante, com uma modesta igreja de madeira. Entretanto, estava bem pintadinha por fora, e decorada com bom gosto. A estrada passava aí perto e eu fiquei com vontade de me inclinar diante do templo de Deus. Subi a escadaria e fiz uma oração. Na relva, ao lado da igreja, duas crianças brincavam: deviam ter de cinco a seis anos. Apesar de estarem bem vestidas, pensei logo que seriam filhos do padre. Terminada minha oração, fui embora. Não tinha dado nem dez passos quando ouvi que gritavam atrás de mim:

— Mendigo! Mendigo! Espera aí!

Eram as crianças que gritavam e corriam em minha direção - um menino e uma garotinha. Eu parei e eles, chegando mais perto, me pegaram pela mão.

— Vamos para a casa de mamãe, ela gosta dos mendigos.

— Não sou um mendigo, sou um andante.

— E para que essa sacola?

— É o meu pão para eu comer na estrada.

— Não faz mal, vem conosco, mamãe vai te dar dinheiro para tua viagem.

— E onde está vossa mãe? perguntei.

— Lá adiante, atrás da igreja, além das árvores.

Fizeram-me entrar em um esplêndido jardim que tinha no meio uma grande casa senhorial. Entramos no vestíbulo. Tudo limpinho e arrumado. Nisso chega a senhora que nos acolhe:

— Como estou contente! De onde Deus te manda para nós? Senta-te, senta-te, meu amigo! Ela mesma pegou minha sacola, colocou-a em cima de uma mesa e me fez sentar em uma cadeira bem confortável.

— Queres comer? Tomar chá? Precisas de alguma coisa?

— Eu lhe agradeço com humildade, respondi, tenho o que comer na minha sacola. O chá, posso tomar, mas sou um camponês e não estou habituado a tomar chá. Sua amabilidade e cortesia me valem mais que uma refeição! Vou pedir a Deus que abençoe a senhora por essa hospitalidade evangélica. Dizendo isso, eu sentia grande desejo de recolhimento, de ficar em silêncio. A oração irrompia no meu coração e eu precisava de calma e quietude para deixar essa chama subir livremente e para esconder um pouco os sinais exteriores da oração: lágrimas, suspiros, expressões do

rosto, murmúrios dos lábios.

Por isso me levantei e disse:

— Eu lhe peço perdão, mas preciso ir andando. Que o Senhor Jesus Cristo esteja com a senhora e com as suas encantadoras crianças.

— Ah! Não! Deus te guarde de ir embora, eu não te deixarei sair. Meu marido volta para casa à tardinha; ele é juiz do tribunal do distrito. Vai ficar feliz em te ver! Ele considera cada peregrino como um enviado de Deus. Além do mais, amanhã é domingo: rezarás conosco o ofício e tudo o que Deus mandar. Comeremos juntos. Aqui em casa, nas festas, recebemos pelo menos trinta pobres mendigos, irmãos de Cristo. Ainda não me contaste nada sobre ti mesmo, nem de onde vens nem para onde vais! Conta-me isso, eu gosto tanto de conversar com as pessoas que veneram o Senhor. Meus filhos, levem a sacola do peregrino para o quarto do oratório, é lá que ele vai passar a noite. A essa altura, muito espantado, eu me perguntei: - Será um ser humano ou uma aparição? Fiquei, pois, para esperar o senhor. Contei rapidamente a minha viagem e disse que ia a Irkutsk.

— Que bom! exclamou a senhora. Deves passar por Tobolsk onde minha mãe mora, no convento: ela é enclausurada. Nós te daremos uma carta e ela vai te receber. Muita gente vai com frequência pedir-lhe conselhos espirituais. Aliás, podes levar também um livro de João Clímaco que encomendamos para ela em Moscou. Tudo vai dar certo! Enfim, chegou a hora do almoço e fomos para a mesa. Havia ainda quatro senhoras que almoçaram conosco. Depois do primeiro prato, uma delas se levantou, se inclinou diante do santo, depois diante de nós, e foi buscar os outros pratos. Para o terceiro prato, uma outra senhora se levantou e a cena se repetiu. Vendo isso, eu perguntei à dona da casa:

— Posso perguntar se essas senhoras são da sua família?

— São, sim; são as minhas irmãs: a cozinheira, a mulher do cocheiro,

a costureira e a arrumadeira. Todas elas são casadas; nesta casa não há nenhuma moça solteira.

Depois de ver e ouvir tudo isso, mais espantado eu fiquei e agradeci a Deus o ter-me levado à casa de gente tão piedosa. Eu sentia que a oração brotava com força no fundo de meu coração. Assim, querendo ficar sozinho, levantei-me e disse à senhora:

— Certamente a senhora tem o costume de descansar depois do almoço, mas eu estou tão acostumado a caminhar que vou dar uma volta no jardim.

— Não, eu não vou descansar, disse a senhora. Vou contigo ao jardim e me contarás algo de instrutivo. Se fores sozinho, as crianças não te deixarão sossegado: não vão largar de ti, pois adoram os mendigos, irmãos de Cristo, e os peregrinos.

Não havia nada a fazer e fomos juntos para o jardim. Para permanecer em silêncio mais facilmente, inclinei-me diante da senhora e lhe disse:

— Eu lhe pergunto, minha senhora, em nome de Deus: faz tempo que a senhora leva uma vida tão santa? Conte-me como chegou a esse grau de bondade.

— É muito fácil, disse ela. Minha mãe é bisneta de São Josafá cujas relíquias se veneram em Belgorod. Nós tínhamos lá uma casa bem grande; uma de suas alas estava alugada a um senhor de pouca fortuna. Ele acabou morrendo e sua mulher também morreu ao dar à luz um menino. Minha mãe recolheu em sua casa esse recém-nascido órfão. No ano seguinte, eu nasci. Crescemos juntos, ele e eu, tivemos os mesmos professores, éramos como irmão e irmã. Quando morreu meu pai, minha mãe deixou a cidade e veio estabelecer-se nesta aldeia.

Quando chegamos ambos à idade adulta, minha mãe me casou com meu companheiro, seu afilhado, e nos deu em herança esta aldeia. Decidiu então entrar para o convento. Depois de nos dar a sua bênção,

recomendou-nos de viver como cristãos: rezar a Deus de todo o coração e observar sobretudo o mais importante dos mandamentos: o amor ao próximo, ajudando os pobres, irmãos de Cristo, e tratando nossos servos como irmãos. É assim que vivemos há dez anos neste lugar retirado, procurando obedecer aos conselhos de nossa mãe. Temos um asilo para os mendigos: neste momento estamos com mais de dez pessoas, inválidas ou doentes. Se quiseres, amanhã vamos ver o asilo.

Quando acabou seu relato, eu lhe perguntei:

— E onde está esse livro de João Clímaco que a senhora quer enviar à sua mãe?

— Vamos para casa, eu te mostrarei. Mal começávamos a ler, chegou o dono da casa. Nós nos abraçamos cristãmente, como irmãos. Ele me levou ao seu quarto, dizendo:

— Venha comigo ao escritório, meu irmão, abençoe a minha cela. Acho que minha mulher o aborreceu. Quando ela encontra um peregrino ou um doente, fica tão feliz que não larga dele nem de dia nem de noite! É um velho costume da família dela. Entramos no escritório. Quanto livro! E belíssimos ícones e uma grande cruz de tamanho natural; diante da cruz, um Evangelho. Eu me persignei e disse:

— Meu amigo, o senhor tem em seu quarto o paraíso de Deus! Olhe aqui o Senhor Jesus Cristo, sua Santa Mãe e seus santos servidores. Aqui, suas palavras e seus ensinamentos vivos e imortais. Acho que o senhor deve gostar de vir aqui muitas vezes para se entreter com os santos.

— Gosto sim, gosto muito de ler.

— Que gêneros de livros tem aí?

— Tenho muitos livros espirituais: olhe o Menólogo, as obras de João Crisóstomo, Basílio, o Grande, muitos trabalhos filosóficos ou teológicos e numerosos sermões de pregadores contemporâneos. Esta biblioteca me

custou cinco mil rublos.

— O senhor tem aí algum trabalho sobre a oração? indaguei.

— Gosto muito dos livros sobre a oração. Tenho - veja aqui - um opúsculo de um padre de Petersburgo.

Ele retirou um comentário sobre o Pai-Nosso que começamos a ler. Nisso chegou sua mulher com o chá e as crianças, trazendo uma cesta de prata cheia de pastéis e tortas, tais como eu nunca tinha comido.

O senhor pegou o livro, deu-o à mulher e disse:

— Ela vai ler para nós. Lê muito bem! Enquanto isso, refazemos nossas forças. A senhora começou a ler. Ao escutá-la, eu sentia que a oração brotava em meu coração. Quanto mais ela lia, mais a oração se intensificava em mim, causando-me muita alegria. De repente, vi passar rápido, no ar, um vulto que parecia ser do monge, meu mestre, já falecido. Fiz um movimento brusco e, para disfarçar, disse:

— Perdoe-me, eu cochilei.

Nesse momento tive a impressão de que o espírito do monge me iluminava: tudo ficou mais claro para mim a respeito da oração. Fiz o sinal-da-cruz e tratei de afastar essas ideias. A dona da casa acabou de ler e o marido me perguntou se eu tinha apreciado a leitura. Então conversamos muito sobre o assunto:

— Isso me agrada muito, disse. Aliás, o Pai-Nosso é a melhor e a mais preciosa dentre todas as orações escritas que nós temos: foi o próprio Senhor Jesus Cristo quem a ensinou. O comentário que foi lido é muito bom, mas está inteiramente voltado para a vida ativa do cristão, ao passo que, nos Padres da Igreja, eu li uma explicação que é sobretudo mística e orientada para a contemplação.

— Em que Padres tu achaste tal explicação ?

— Nos livros de Máximo, o Confessor por exemplo, e na Filocalia,

nos escritos de Pedro Damasceno.

— Tu ainda te lembras? Repete para nós, se for possível.

— Pois não! O começo da oração - Pai-Nosso que estais no céu - no livro que o senhor leu, dizem que essas palavras significam que é preciso amar fraternalmente ao nosso próximo, pois somos todos filhos de um mesmo Pai. Está certo. Mas, os Padres da Igreja acrescentam um comentário mais espiritual: dizem que, ao pronunciar essas palavras, deve-se erguer o espírito para o Pai Celestial e lembrar a obrigação de estar sempre na presença de Deus. As palavras - Santificado seja o vosso Nome - nesse livro são explicadas no sentido do cuidado que se deve ter para não invocar em vão o Nome do Senhor. Mas os comentaristas místicos vêem nessa passagem a súplica pela oração interior do coração, isto é: para que o nome de Deus seja santificado, é preciso que se grave dentro do coração e que, pela oração perpétua, ilumine e santifique todos os sentimentos e todas as forças da alma.

As palavras - Venha a nós o vosso Reino - são explicadas pelos Padres da seguinte maneira: que venham ao nosso coração a paz interior, o repouso e a alegria espiritual. No livro, comentam que a frase seguinte: O pão nosso de cada dia nos dai hoje - refere-se às necessidades de nossa vida corporal e a tudo o que é necessário para que possamos ajudar ao próximo. Máximo, o Confessor, entende, por pão quotidiano, o pão celeste que alimenta a alma, quer dizer, a Palavra de Deus e a união da alma com Deus pela contemplação e pela oração perpétua no interior do coração.

— Ah! A oração interior é uma tarefa difícil, quase impossível para aqueles que vivem no mundo, exclamou o meu interlocutor. Só para cumprir a oração habitual, sem preguiça, já nos é necessária toda a ajuda de Deus.

— Não fale assim, meu senhor. Se fosse uma tarefa acima das forças humanas, Deus não a teria ordenado para todos. Sua força se manifesta

na fraqueza (2 Cor 12,9). E os Padres da Igreja nos oferecem meios que facilitam o caminho para a oração interior.

— Nunca li nada de concreto a esse respeito, disse.

— Se o senhor quiser, posso ler agora algumas passagens da Filocalia.

Peguei o meu livro e procurei um trecho de Pedro Damasceno na terceira parte, página 48. E li para ele o seguinte:

— "É preciso exercitar-se a invocar o nome do Senhor, mais que a respiração, em todo tempo, em todo lugar e em toda ocasião. Diz o Apóstolo: - Rezai sem cessar. Com isso, quer ensinar que é preciso lembrar-se de Deus em todo tempo, em todo lugar e em todas as coisas. Se fabricas alguma coisa, deves pensar no Criador de tudo o que existe; se vês a luz do dia, lembra-te d'Aquele que criou a luz para ti; se olhas o céu, a terra e o mar e tudo o que eles contêm, admira, glorifica Aquele que tudo criou; se te vestes com uma roupa, pensa naquele de quem a recebeste e lhe agradece, a Ele que prove a tua existência. Em resumo, que todo movimento seja para ti um motivo para celebrar o Senhor: assim rezarás sem cessar e tua alma estará sempre alegre".

— Vejam, disse eu, como esse proceder é simples, fácil e acessível a todos aqueles que têm um pouco de sentimento humano.

O texto lhes agradou muito. O senhor me abraçou com entusiasmo, agradeceu-me, olhou para minha Filocalia e disse:

— É preciso que eu compre esse livro. Vou encomendá-lo em Petersburgo. Mas, para dele me lembrar melhor, vou copiar já essa passagem que leste. Dita para mim. E imediatamente transcreveu o texto com sua letra bonita e bem rápido. Em seguida, exclamou:

— Meu Deus! Eu tenho justamente um ícone de São Damasceno.

Abriu o caixilho e fixou embaixo do ícone o papel que acabara de copiar, dizendo:

— A palavra viva de um servidor de Deus, colocada sob sua imagem, vai me estimular frequentemente a pôr em prática esse conselho salutar. Logo fomos jantar. Todos estavam à mesa conosco - homens e mulheres. Que silêncio piedoso e que calma durante a refeição! Quando acabamos, rezamos juntos a oração, inclusive as crianças, e me fizeram ler o Hino ao Dulcíssimo Jesus. Os servos foram descansar e nós ficamos, os três, na sala. Então a senhora trouxe para mim uma camisa branca e meias. Inclinei-me profundamente e disse:

— Minha querida senhora, eu não posso colocar essas meias. Nunca usei meias. Nós usamos sempre faixas de pano.

Então ela saiu e voltou logo com uma velha blusa amarela, de seda fina, que cortou em faixas. E o marido, dizendo que meus sapatos não prestavam mais, trouxe para mim um par novinho em folha que ele calçava por baixo de suas botas.

— Entra nesse quarto, disse-me ele, aí não está ninguém. Tu poderás trocar de roupa. Fui trocar-me e voltei para junto deles. Fizeram-me sentar em uma cadeira e se puseram a me calçar: ele enrolava as faixas em meus pés e ela me enfiava os sapatos. No começo, eu não queria deixar que fizessem isso comigo. Mas eles me fizeram sentar, dizendo:

— Senta-te e cala-te, o Cristo lavou os pés de seus discípulos.

Não aguentei mais e comecei a chorar - e eles também choravam.

Então a senhora se retirou para passar a noite junto das crianças e eu, com seu marido, fomos ao jardim para conversar um pouco no quarto lá de fora. Ficamos muito tempo em vigília. Estávamos deitados no chão e conversávamos. De repente, o senhor se aproximou de mim e me disse:

— Responde-me em consciência e com sinceridade: Quem és tu? Deves ser de uma família nobre e te fazes de inocente. Tu pensas e falas corretamente, decerto não toste educado como um camponês.

— Eu lhes falei de coração puro, ao senhor e à sua esposa, e jamais pensei em mentir-lhes e enganá-los. E com que finalidade o faria? O que eu falo não vem de mim, mas daquele monge sábio e amigo, já falecido, ou dos Padres da Igreja que eu li. Quanto à oração interior que, acima de tudo, ilumina minha ignorância, não fui eu quem a inventou. Ela nasceu em meu coração pela misericórdia de Deus e graças aos ensinamentos do monge que foi meu mestre espiritual. Qualquer pessoa pode fazer a mesma coisa. Basta mergulhar mais silenciosamente no fundo do seu coração e invocar mais o nome de Jesus Cristo: imediatamente se descobre a luz interior, tudo fica mais claro e, nessa clareza, aparecem certos mistérios do Reino de Deus.

E já é um grande mistério quando o homem descobre essa capacidade de entrar em si mesmo, de se conhecer verdadeiramente, de chorar baixinho sua queda e sua vontade pervertida. Não é difícil pensar com sensatez e falar às pessoas. É uma coisa possível porque o espírito e o coração já existiam antes da ciência e da sabedoria humanas. Pode-se sempre cultivar o espírito pela ciência ou pela experiência, mas, lá onde não houver inteligência, de nada servirá a educação. Acontece que estamos longe de nós mesmos e não desejamos nos aproximar; fugimos sempre para não nos encontrarmos face a face com nós mesmos. Preferimos qualquer bagatela à verdade. E pensamos:

Bem que eu gostaria de ter uma vida espiritual, de ocupar-me com a oração, mas não tenho tempo: os negócios e as preocupações não me permitem dedicar-me inteiramente à oração. Mas, o que é mais importante e mais necessário: a vida eterna da alma santificada ou a vida passageira do corpo pela qual tanto nos sacrificamos? É assim que as pessoas podem chegar, seja à sabedoria, seja à tolice.

— Desculpa, meu querido irmão, não falei por simples curiosidade, mas de boa vontade e por sentimento cristão. E, além disso, porque encontrei um caso muito curioso há dois anos. Um dia, apareceu aqui

em casa um velho mendigo, muito fraquinho. Tinha documento de identidade de soldado que já deu baixa no exército e era tão pobre que estava quase nu. Falava pouco e se expressava como um camponês. Nós o recolhemos no asilo. Depois de cinco dias, adoeceu; nós o transportamos para o quarto lá do fundo e minha mulher e eu cuidamos dele o tempo todo. Quando se percebeu que ele ia morrer, nosso vigário o confessou, lhe deu a comunhão e os últimos sacramentos. Na véspera de sua morte, ele se levantou, me pediu papel e pena para escrever. Daí insistiu para que a porta ficasse fechada e que ninguém entrasse enquanto ele ia escrever o seu testamento que eu deveria fazer chegar às mãos de seu filho, em Petersburgo.

Eu fiquei bobo quando vi que ele escrevia com perfeição e que suas frases eram corretas, elegantes e cheias de ternura. Amanhã eu vou te mostrar esse testamento, do qual guardei uma cópia. Fiquei tão admirado que, louco de curiosidade, lhe pedi para me contar sua origem e a história de sua vida. Ele me fez jurar que, antes de sua morte, eu nada diria a ninguém. Então, para a maior glória de Deus, me fez o seguinte relato:

— Eu era um príncipe e muito rico. Minha vida era a mais dissipada, a mais brilhante e a mais luxuosa que possa existir. Minha mulher tinha morrido e eu vivia com meu filho que era capitão da Guarda. Uma noite, quando me preparava para ir a um baile, fiquei furioso com meu criado de quarto. Na minha impaciência, bati com força na cabeça dele e dei ordem que o mandassem embora para a aldeia. Isso aconteceu à noite. No dia seguinte cedo, o criado morreu de uma inflamação no cérebro. Mas ninguém deu importância ao fato e, apesar de lastimar minha violência, eu mesmo acabei esquecendo o episódio.

Seis semanas depois, o meu criado de quarto começou a me aparecer em sonhos. Toda noite ele vinha me importunar e me censurar, repetindo sem parar: - Homem sem consciência! Tu me assassinaste! Com o correr do tempo, mesmo acordado, eu o via. Essa aparição foi se tornando cada

vez mais frequente e, por fim, ele não me deixava um instante sequer. Enfim, além do meu criado, comecei a ver outros mortos: homens que eu tinha ofendido brutalmente, mulheres que eu tinha seduzido. Todos me censuravam e não me davam mais sossego, a tal ponto que não podia mais nem dormir nem comer nem fazer nada. Eu estava exausto e só pele e osso. Os esforços dos melhores médicos não obtinham resultado algum.

Viajei para me tratar no Exterior, mas, depois de seis meses de tratamento, não havia melhora alguma. As terríveis aparições, porém, aumentavam cada vez mais. Trouxeram-me de volta, mais morto que vivo. Minha alma, antes de se separar do corpo, conheceu então plenamente os tormentos do inferno. Desde essa ocasião, eu acreditei no inferno e fiquei sabendo o que é o inferno. Em meio a tantas aflições, compreendi finalmente a minha infâmia. Arrependi-me, confessei-me, libertei todos os meus servos e fiz voto de passar o resto de minha vida nos mais duros trabalhos e de me esconder sob a aparência de um mendigo, a fim de ser o mais humilde servidor das pessoas da mais humilde condição. Mal tinha eu tomado essa decisão, sumiram as aparições.

Minha reconciliação com Deus me causava uma tal alegria, um tal sentimento de reconforto que realmente eu não posso exprimir. Compreendi então, também por experiência, o que é o paraíso e como o Reino de Deus está dentro de nossos corações.

Fiquei logo completamente restabelecido e tratei de pôr em prática meu projeto. Munido de documento de identidade de um antigo soldado, eu deixei secretamente o lugar onde nasci.

Já faz agora quinze anos que ando errante através da Sibéria. Algumas vezes fui contratado por camponeses para trabalhos de acordo com minhas forças. Outras vezes, eu mendiguei em nome de Cristo! Ah! No meio de tantas privações, que felicidade eu senti! Que felicidade, que paz de consciência! Só pode compreender isso alguém que a misericórdia divina

arrancou de um inferno de dores para transportá-lo ao paraíso de Deus".

Dito isso, ele me entregou seu testamento para enviá-lo a seu filho. No dia seguinte, morreu.

— Veja! Na minha Bíblia que está dentro da minha sacola, tenho uma cópia do testamento do velho mendigo. Se queres ler, eu te mostrarei. Aqui está!

Eu desdobrei o papel e li:

"Em nome de Deus glorificado na Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo".

"Meu amado filho!"

"Já faz quinze anos que não vês teu pai, mas, na sua obscuridade, ele recebia às vezes notícias tuas e alimentava por ti um amor paternal. É esse amor que leva agora teu pai a te enviar estas últimas palavras para que te sirvam de lição na vida. Sabes o quanto sofri para resgatar minha vida culposa e leviana. Mas não sabes a felicidade que me proporcionaram, durante minha vida obscura e errante, os frutos do meu arrependimento".

Eu morro em paz na casa de meu benfeitor, que é teu benfeitor também. Pois os benefícios concedidos ao pai devem atingir o filho carinhoso. Queira exprimir a ele minha gratidão por todos os meios ao teu alcance.

Ao te deixar a minha bênção paterna, eu te peço que te lembres de Deus e de obedecer à tua consciência: sê bom, prudente e sensato. Trata com benevolência todos os teus subalternos e não desprezes os mendigos e os peregrinos, recordando-te que somente o despojamento e a vida errante permitiram que teu pai encontrasse o repouso para sua alma. Pedindo a Deus que te conceda a sua graça, eu fecho os olhos tranquilamente, na esperança da vida eterna pela misericórdia do Redentor dos homens, Jesus Cristo".

Foi assim que conversamos, aquele senhor tão bom e eu. Subitamente,

eu lhe disse:

— Meu querido amigo, fico pensando que o senhor deve ter muitas vezes aborrecimentos com o asilo. Há tantos irmãos nossos que se fazem peregrinos só por indolência ou por preguiça: fazem malandragens pelas estradas, como eu mesmo vi com frequência.

— Não, respondeu ele, esses aí têm sido bastante raros. Em geral, só encontramos autênticos peregrinos. Mas, quando eles não parecem ser gente séria, somos ainda mais atenciosos e os conservamos mais tempo no asilo. Em contacto com os pobres, irmãos de Jesus, eles muitas vezes se corrigem e vão embora com um coração humilde e bom. Há pouco tempo ainda, tive disso um exemplo.

Um comerciante de nossa cidade tinha caído tão baixo que o expulsavam com pauladas e ninguém lhe queria dar um pedaço de pão. Ele era bêbado, violento, briguento e, ainda por cima, roubava. Foi assim que, um belo dia, esse homem chegou aqui em casa, impelido pela fome. Pediu pão e aguardente, pois gostava muito de beber. Nós o recebemos amavelmente e lhe dissemos:

— Fica conosco, tu terás quanta aguardente quiseres, mas, sob uma condição: depois de beber, tu irás deitar-te e, se fizeres o menor escândalo, te expulsaremos para sempre e eu ainda pedirei ao juiz para te meter atrás das grades por vagabundagem.

Ele aceitou e ficou conosco. Durante uma semana ou mais, ele bebeu realmente o quanto quis. Mas, cada vez, conforme tinha prometido e porque tinha medo de ser privado do álcool, ia deitar-se em sua cama ou esticar-se silenciosamente no fundo do jardim.

Quando passava a bebedeira, nossos irmãos do asilo lhe falavam e o aconselhavam a controlar-se, pelo menos um pouco mais. Daí ele foi bebendo cada vez menos e em três meses já era um homem totalmente sóbrio. Ele agora trabalha por aí e não vive mais do pão alheio.

— Que sabedoria nessa disciplina guiada pela caridade, pensei, e exclamei: Bendito seja Deus, cuja misericórdia age dentro das paredes desta casa!

Depois de todas essas conversas, cochilamos um pouco e, ao ouvir o sino tocar para o ofício da manhã, fomos à igreja onde já se achava a senhora com as crianças. Assistimos ao ofício ,e, em seguida, à divina liturgia. Estávamos no. coro com o senhor e seu filhinho.

A senhora e a menina estavam na abertura da iconóstase para ver a elevação dos Santos Dons. Meu Deus! Como todos rezavam e derramavam lágrimas de alegria! Seus semblantes estavam a tal ponto iluminados que, de tanto olhar para eles, comecei a chorar.

Ao terminar o ofício, os mestres, o padre, os servidores e todos os mendigos vieram para casa conosco e se sentaram à mesa. Estavam ali certamente uns quarenta mendigos, doentes, inválidos, crianças. Que silêncio e que paz ao redor da mesa! Criando coragem, eu disse baixinho, ao dono da casa:

— Nos mosteiros costuma-se ler a vida dos santos durante as refeições. Aqui poderíamos fazer a mesma coisa, já que o senhor tem o livro dos santos, o Menólogo, completo.

Ele virou-se para sua mulher e disse:

— É verdade, Maria, é preciso instituir esse costume. Vai ser ótimo para todos nós. Eu vou ler na primeira refeição, depois serás tu, em seguida nosso vigário e nossos irmãos, cada qual por sua vez e de acordo com o que sabe.

O padre parou de comer e disse:

— Escutar, isso é um prazer, mas para ler - meu amigo! Eu não tenho um só instante livre. Mal ponho os pés na minha casa, não sei mais por onde me virar. Só trabalhos e preocupações: falta isso, falta aquilo, e um

monte de crianças! O gado espalhado pelo campo. O dia todo se passa em bobagens e não tenho um minuto para ler e para me instruir. Tudo o que aprendi no seminário, há muito tempo esqueci.

Ao ouvir tais palavras, eu estremeci, mas a senhora me tomou pelo braço e me disse:

— O padre fala assim por humildade. Ele se rebaixa a si mesmo, mas é um homem excelente e piedoso. É viúvo há vinte anos e cria todos os seus netos. Além disso, está sempre celebrando os ofícios na igreja.

Essas palavras me lembraram uma sentença de Nicetas Stéthatos na Filocalia:

— "É de acordo com a disposição interior da alma que se aprecia a natureza dos objetos", quer dizer: cada qual se faz uma ideia dos outros conforme aquilo que ele mesmo é. E mais adiante diz ainda: "Aquele que chegou à oração e ao verdadeiro amor, não distingue mais os objetos, não distingue mais o justo do pecador, mas ama igualmente a todos os homens e não os condena, do mesmo modo que Deus faz nascer o sol igualmente sobre maus e bons e cair a chuva sobre justos e injustos (Mt 5,45). De novo se fez silêncio. Diante de mim estava sentado um mendigo do asilo, completamente cego. O dono da casa o fazia comer, dividia com ele o seu peixe, lhe estendia a colher e enchia seu copo. Eu o observava atentamente e notei que, em sua boca sempre entreaberta, a língua se movia continuamente. Perguntei-me se ele não estaria recitando a oração e olhei para ele com mais atenção ainda. Quando a refeição acabou, uma mulher idosa começou a sentir-se mal. Faltava-lhe o ar e ela gemia. Os donos da casa a levaram para seu quarto de dormir e a deitaram sobre a cama. A senhora ficou para cuidar dela, o padre foi buscar os Santos Dons e o senhor mandou atrelar uma parelha de cavalos para ir a galope buscar o doutor na aldeia. Todo mundo se dispersou.

Eu sentia em mim como que uma fome de oração: sentia uma von-

tade louca de deixar que ela brotasse. Já fazia dois dias que eu não tinha tranquilidade nem silêncio. Sentia como que uma onda prestes a transbordar em meu coração e a espalhar-se em todos os membros do meu corpo. Como eu tentasse contê-la, senti uma dor violenta no coração - porém, uma dor benfazeja que me impelia somente à oração e ao silêncio.

Compreendi então porque os verdadeiros adeptos da oração perpétua fugiam do mundo e se escondiam longe de todos. Compreendi também porque o bem-aventurado Hesíquio diz que a mais elevada conversa é apenas tagarelice se ela se prolonga demais. Lembrei-me das palavras de Santo Efrém, o Sírio "Um bom discurso é de prata, mas o silêncio é de ouro puro".

Pensando em tudo isso, eu cheguei ao asilo. Aí todos dormiam depois do almoço. Subi ao sótão, me acalmei, descansei e rezei um pouco. Quando os pobres acordaram, eu fui procurar o cego e o levei para o jardim. Nós nos sentamos a um canto isolado e começamos a conversar:

— Dize-me, em nome de Deus e para o bem de minha alma: tu recitas a oração de Jesus ?

— Já faz muito tempo que eu a repito sem parar.

— Que efeitos sentes?

— Somente um efeito: nem de dia nem de noite, não passo sem essa oração.

— De que maneira Deus te revelou essa atividade? Conta-me tudo com detalhes, meu querido irmão.

— Pois bem: eu sou um artesão daqui. Ganhava meu pão como alfaiate. Eu ia para outras comarcas, pelas cidades, e fazia o traje camponês. Em certa cidade, aconteceu que fiquei muito tempo na casa de um camponês a fim de vestir toda a sua família. Um dia de festa, em que não havia nada para fazer, prosseguiu o cego, eu descobri três livros velhos em cima da

prancheta que se coloca sob os ícones. Perguntei às pessoas da casa:

— Existe alguém nesta casa que saiba ler?

Eles me responderam:

— Ninguém. Esses livros aí vêm do tio. Ele sabia ler e escrever.

Peguei um dos livros e o abri ao acaso. Li então as palavras seguintes de que me recordo ainda: "A oração perpétua consiste em invocar incessantemente o nome do Senhor. Sentado ou em pé, à mesa ou no trabalho, em toda e qualquer oportunidade, em todo lugar e tempo, é preciso invocar o nome do Senhor".

Refleti naquilo que eu tinha lido e achei que isso tudo me convinha muito bem. Assim, enquanto costurava, me pus a repetir baixinho a oração e fiquei muito feliz. As pessoas que viviam comigo na isbá perceberam o que acontecia e caçoaram de mim:

— És feiticeiro, tu que falas entre os dentes, sem parar? Ou então fazes truques de magia? Para esconder-me, deixei de mexer com os lábios e comecei a recitar a oração mexendo apenas a língua. Em resumo, me habituei de tal forma a isso que a minha língua recita a oração de Jesus dia e noite e isso me faz bem.

Continuei a trabalhar ainda por muito tempo; depois, de repente, fiquei completamente cego. Na minha casa, em minha família, quase todos nós temos a água escura no fundo dos olhos. Como sou muito pobre, a municipalidade me arranjou um lugar no asilo de Tobolsk. É para lá que eu vou. Mas os donos desta casa me retiveram aqui porque querem me dar uma carruagem para eu ir até lá.

— Como se chamava o livro que leste? Não foi a Filocalia?

— Palavra que não sei. Não reparei no título.

Fui buscar a minha Filocalia. Encontrei, na quarta parte do livro, as palavras do patriarca Calisto que o cego tinha repetido de cor para mim.

E comecei a ler para ele.

— É isso mesmo, gritou. Lê, meu irmão, lê, pois isso é mesmo muito bom. Quando cheguei à passagem onde se diz: - É preciso rezar com o coração - ele me perguntou o que queria dizer isso e como se podia praticar. Disse-lhe que todos os ensinamentos sobre a oração do coração estavam expostos com detalhes nesse livro, a Filocalia. Ele me pediu então insistentemente que lesse para ele tudo o que se referia ao assunto.

— Veja o que vamos fazer, lhe disse. Quando pensas partir para Tobolsk?

— Até imediatamente, se queres, respondeu ele.

— Então, olha! Eu queria ir embora amanhã: é só partirmos juntos que, no caminho, eu vou ler para ti tudo o que se refere à oração do coração e vou te ensinar como descobrir teu coração e nele penetrar.

— E a carruagem? perguntou.

— Ora! Deixa para lá essa carruagem! Daqui a Tobolsk são apenas cento e cinquenta quilômetros; nós vamos bem devagar; é gostoso caminhar ambos em silêncio. E enquanto caminhamos, estamos mais à vontade para ler e falar sobre a oração. Assim entramos em acordo. À noite, o senhor veio pessoalmente nos chamar para o jantar e, depois de termos comido, nós lhe comunicamos que estávamos pensando em partir e não precisávamos de carruagem. Queríamos caminhar lendo a Filocalia. A essa altura, o senhor disse:

— A Filocalia me agradou muito. Eu já escrevi a carta e preparei o dinheiro. Amanhã, quando eu for ao tribunal, vou mandar tudo para Petersburgo a fim de receber a Filocalia pelo primeiro correio. No dia seguinte, pois, de manhã, nos pusemos a caminho, depois de ter agradecido muito a essas pessoas tão boas a sua caridade e sua mansidão exemplares. Eles dois - o marido e a mulher - nos acompanharam por um quilômetro e então nos despedimos.

O camponês cego

Caminhamos bem devagarzinho, o cego e eu; não fazíamos mais que dez a quinze quilômetros por dia. Todo o resto do tempo, ficávamos sentados em lugares solitários e líamos a Filocalia. Li para ele tudo o que se relacionava com a oração do coração, seguindo a ordem que meu amigo monge me tinha ensinado, isto é, começando pelos livros de Nicéforo, o Monge, de Gregório, o Sinaita, e assim por diante. Com que atenção e entusiasmo o cego escutava tudo! Como ficava feliz e emocionado! Em seguida começou a me fazer tais perguntas sobre a oração que meu espírito não conseguia resolvê-las.

Depois de ouvir a minha leitura, pediu-me para ensinar-lhe um meio prático de localizar seu coração pelo espírito, de nele introduzir o nome divino de Jesus Cristo e assim rezar interiormente com o coração.

Eu lhe disse:

— É certo que tu nada vês, mas com a inteligência podes representar para ti mesmo o que viste outrora: um homem, um objeto ou um de teus membros: teu braço ou tua perna. Podes tu imaginá-lo com tanta precisão como se o estivesses vendo? Podes tu, apesar de cego, dirigir teu olhar para esse homem, esse objeto ou para teu braço ou tua perna?

— Posso sim, respondeu o cego.

— Então representa assim, para ti mesmo, o teu coração. Volta teus olhos como se estivesses olhando através do peito e escuta atenciosamente como teu coração bate uma batida depois da outra. Quando conseguires fazer isso, esforça-te para ajustar cada batida de teu coração, sem perdê-lo de vista, às palavras da oração.

Com a primeira batida dize ou pensa: Senhor, com a segunda: Jesus, com a terceira: Cristo, com a quarta: tende piedade, com a quinta: de mim. E repete muitas vezes esse exercício. Isso vai ser fácil para ti, pois já

estás preparado para a oração do coração.

Mais tarde, quando já estiveres habituado a essa atividade, começa a introduzir no teu coração a oração de Jesus e a fazê-la sair ao mesmo tempo que a respiração. Isto é, ao inspirar o ar, dize ou pensa: Senhor Jesus Cristo, e, ao expirar o ar: tende piedade de mim! Se fizeres assim com bastante frequência e durante muito tempo, sentirás logo uma leve dor no coração. Em seguida, pouco a pouco, nascerá nele um calor benfazejo. Com a ajuda de Deus, chegarás dessa maneira à ação constante da oração no interior do coração. Mas, principalmente, guarda-te de toda e qualquer representação ou imagem que possa nascer em teu espírito enquanto rezas. Afasta todas as imaginações, pois os Padres da Igreja nos ordenam de conservar o espírito vazio de todas as formas durante a oração, a fim de não cair na ilusão.

O cego, que me tinha escutado com atenção, se exercitou com zelo conforme eu lhe dissera e, à noite, na parada de descanso, se dedicava à oração por muito tempo. Ao cabo de cinco dias, ele sentiu no coração um forte calor e uma felicidade indizível. Além disso, tinha muita vontade de dedicar-se incessantemente à oração que lhe revelava o amor que tinha por Jesus Cristo.

Às vezes, via uma luz, mas sem que aparecesse objeto algum; quando penetrava no próprio coração, lhe parecia ver surgir a chama brilhante de uma vela bem grande que, brilhando ao redor, o iluminava inteirinho. E essa chama lhe permitia ainda ver os objetos distantes, como lhe aconteceu certa vez. Nós atravessávamos uma floresta; ele estava silencioso, imerso na oração. De repente, me disse:

— Que desgraça! A igreja está ardendo e o campanário acaba de desabar!

— Pára de evocar essas imagens vãs, lhe disse, é uma tentação. É preciso afastar o mais depressa possível toda espécie de fantasias. De que maneira

vês o que está acontecendo na cidade? Dista ainda doze quilômetros daqui.

Ele me obedeceu e, recomeçando a rezar, calou-se. À tardinha, chegamos à cidade e, de fato, vi muitas casas incendiadas e um campanário em escombros. Tinha sido construído sobre suportes de madeira. Ao redor, as pessoas discutiam e se admiravam de que, ao tombar, o campanário não tivesse esmagado ninguém. Pelo que pude entender, a desgraça tinha acontecido no momento exato em que o cego me falara disso na floresta. Nisso ouço que ele diz:

— Na tua opinião, minha visão era vã; entretanto, foi o que aconteceu. Como não agradecer ao Senhor Jesus Cristo e não amá-lo: Ele revela sua graça aos pecadores, aos cegos e aos insensatos! Obrigado a ti também, que me ensinaste a oração do coração!

Respondi-lhe:

— Se queres amar a Jesus Cristo, ama-o; se queres agradecer a Ele, agradece-lhe; mas guarda-te de tomar quaisquer visões como revelações diretas da graça, pois isso acontece muitas vezes naturalmente, dentro da ordem das coisas. A alma humana não está inteiramente ligada à matéria. Pode ver na obscuridade tanto os objetos distantes como os que estão mais próximos. Nós não cultivamos, porém, essa faculdade da alma; nós a sobrecarregamos com o peso de nosso corpo ou a confusão de nossos pensamentos distraídos e levianos. Quando nos concentramos em nós mesmos, nos abstraímos de tudo o que nos envolve e aguçamos nosso espírito; então a alma volta-se completamente para si mesma, age com toda a sua potencialidade, e isso é uma ação natural. O monge, meu mestre, já falecido, me disse que, não apenas os homens de oração, mas também as pessoas doentes ou especialmente dotadas, quando se acham em um quarto escuro, vêem a luz que emana de cada objeto, sentem a presença das coisas e penetram nos pensamentos das outras pessoas. Os efeitos diretos

da graça de Deus durante a oração do coração são tão deliciosos que não há língua que possa descrevê-los. É impossível comparar esses efeitos a algo material. O mundo sensível é baixo em comparação às sensações que a graça desperta no coração. Meu companheiro cego escutou com atenção essas palavras e se tornou ainda mais humilde. Em seu coração, a oração se intensificava cada vez mais e isso o alegrava de maneira indizível. Minha alma estava feliz com isso e eu agradecia ao Senhor que me fez conhecer uma tal piedade de um de seus servidores. Até que enfim chegamos a Tobolsk. Levei o cego ao asilo e, depois de me despedir afetuosamente dele, retomei meu caminho solitário.

O mês inteiro caminhei bem devagar e sentia o quanto são úteis e benfazejos os exemplos autênticos. Lia frequentemente a Filocalia e nela verificava tudo o que dissera ao camponês cego. O seu exemplo inflamava meu zelo, minha dedicação e meu amor ao Senhor. A oração do coração me deixava tão feliz como jamais pensara que alguém pudesse ser feliz aqui na terra, e me perguntava como as delícias do Reino dos Céus poderiam ser maiores do que essas. Essa felicidade não iluminava apenas o interior de minha alma. Também o mundo exterior me aparecia sob um aspecto deslumbrante - tudo me convidava a amar e louvar a Deus: os homens, as árvores, as plantas, os animais, tudo se tornava familiar para mim e em toda parte eu encontrava a imagem do nome de Jesus Cristo.

Às vezes me sentia tão leve que acreditava não ter mais um corpo e flutuar suavemente no ar. Outras vezes, mergulhava fundo em mim mesmo. Via claramente o meu interior e apreciava o admirável edifício do corpo humano. Por vezes, sentia uma alegria tão grande como se eu me tivesse tornado rei. Em meio a todas essas consolações, desejava que Deus me deixasse morrer logo para eu fazer transbordar minha gratidão a seus pés, no mundo dos espíritos. Decerto, gozei de tais sensações além da conta, ou então, talvez Deus assim tenha decidido: passado algum tempo, senti em meu coração um certo medo e tremor.

— Será que vai acontecer comigo mais uma desgraça ou atribulação, me perguntei, como aquela que sofri por causa da moça a quem ensinei a oração de Jesus lá na capela?

Os pensamentos me oprimiam como nuvens sombrias e me recordei das palavras do bem-aventurado João de Cárpatos; ele diz que muitas vezes o mestre é entregue à desonra, suporta tentações e atribulações por aqueles que ajudou espiritualmente. Depois de lutar contra esses pensamentos sombrios, mergulhei na oração e eles desapareceram completamente. Eu me senti mais forte e disse a mim mesmo:

— Seja feita a vontade de Deus! Estou pronto a suportar tudo o que Jesus Cristo me enviar, a fim de expiar meu endurecimento e meu orgulho. Aliás, aqueles a quem recentemente revelei o mistério da oração interior, já tinham sido preparados pela própria ação misteriosa de Deus, antes mesmo de me encontrarem.

Esse pensamento me acalmou de vez e eu caminhava na oração e na alegria, mais feliz do que antes. Choveu durante dois dias e a estrada era uma lama só: não se podia sair daquele atoleiro. Atravessei pela estepe e, ao longo de quinze quilômetros, não encontrei lugar algum habitado. Finalmente, à tardinha, enxerguei um albergue na beira da estrada. Fiquei contente pensando que, ao menos lá, eu poderia descansar e pernoitar. E quanto ao dia seguinte, seja o que Deus quiser. Quem sabe o tempo vai melhorar!

A casa do correio

Ao me aproximar do albergue, avistei um velho que trajava um capote de soldado. Estava sentado em cima do barranco e parecia embriagado. Eu o cumprimentei e disse:

— Posso pedir licença a alguém para passar a noite aqui?

— Quem pode te deixar entrar senão eu? gritou o velho. Eu sou o

chefe aqui! Sou o responsável do correio e é aqui que se trocam os cavalos.

— Pois bem, meu amigo, me deixa passar a noite em sua casa?

— Mas, tu tens documentos? Mostra teus papéis!

Dei-lhe meu documento de identidade. E quando o tinha já em mãos, pôs-se a gritar:

— Onde está teu documento?

— Nas suas mãos, respondi.

— Está certo. Vamos entrar.

O chefe do correio pôs os óculos, examinou meu documento de identidade e disse:

— Tudo me parece em ordem, podes ficar aqui. Tu vês que sou boa gente. Vamos, vou te trazer um copo de aguardente.

— Eu nunca bebo, disse.

— Ora essa, não faz mal! Mas está bem. Janta conosco pelo menos.

Ele sentou-se à mesa com a cozinheira - uma mulher ainda moça que também tinha bebido bastante - e eu me instalei à mesa com ambos. Durante toda a refeição, eles não pararam de discutir ou de censurar-se mutuamente e, no fim, foi uma briga daquelas! O chefe do correio foi dormir na despensa e a cozinheira ficou lavando as tigelas e as colheres, sem parar de resmungar contra seu homem. Eu estava sentado e, vendo que ela estava longe de se acalmar, lhe disse:

— Onde eu poderia dormir, comadre? Estou cansadíssimo da estrada.

— Já vou te arrumar uma cama, compadre.

Ela instalou um banco junto de outro, que ficava embaixo da janela da frente, e estendeu sobre ele uma coberta de feltro com um travesseiro. Eu me espichei e fechei os olhos, fingindo dormir. A cozinheira ficou

mexendo por lá ainda durante muito tempo. Até que finalmente acabou seu serviço, apagou a luz e se aproximou de mim. De repente a janela da frente se quebrou com um estrondo de fazer medo! Os caixilhos, as vidraças, os batentes, tudo voou pelos ares. Ao mesmo tempo, do lado de fora, ouviam-se gemidos, gritos e um barulho de luta. A mulher, apavorada, fugiu para o meio ao cômodo e caiu desacordada no chão. Eu pulei do meu banco, pensando que a terra se abria debaixo de meus pés. Nisso vi dois postilhões que traziam para a isbá um homem coberto de sangue. Nem se podia ver o rosto dele. Esse detalhe aumentou ainda mais a minha aflição. Era um correio do governo que devia trocar seus cavalos naquele lugar. O postilhão tinha feito mal a curva para entrar e o timão da carruagem foi contra a janela. Como existia um fosso, porém, diante da isbá, a carruagem virou e o correio feriu-se na cabeça em uma estaca pontuda que escorava o barranco. O homem pediu água e álcool para lavar sua ferida. Umedeceu-a com aguardente, depois tomou um trago e gritou:

— Os cavalos! Quero os cavalos! Cheguei perto dele e disse:

— Como vai viajar com uma ferida tão grande, meu amigo?

— Um correio não tem tempo de ficar doente, retrucou ele, e sumiu. Os postilhões arrastaram a cozinheira para um canto perto do fogo e a cobriram com uma esteira, dizendo:

— Foi de medo que ela ficou assim!

O chefe do correio tomou um gole de aguardente e foi dormir de novo. Fiquei sozinho. A mulher logo se levantou e se pôs a andar de um lado para o outro, como uma sonâmbula, até que saiu da casa. Eu rezei por ela e, sentindo-me fraco, adormeci um pouco antes do dia clarear. De manhã, me despedi do chefe do correio e, caminhando pela estrada, fazia subir minha oração com fé, esperança e gratidão ao Pai de misericórdia e de toda consolação que tinha desviado de mim uma desgraça iminente.

Seis anos depois desse fato ter acontecido, ao passar diante de um convento feminino, entrei na igreja para rezar.

A abadessa me recebeu muito amavelmente em sua sala, depois do ofício, e me fez tomar chá. Nesse momento anunciaram hóspedes de passagem. Ela foi ao encontro deles e me deixou com as religiosas que a serviam. Ao ver uma delas me servir o chá com tanta humildade, tive a curiosidade de perguntar-lhe:

— Já faz tempo, Irmã, que a senhora está neste convento?

— Cinco anos, me respondeu ela. Quando me trouxeram para cá, eu estava completamente desorientada. Mas Deus teve pena de mim. A Madre Abadessa me colocou perto dela, em sua cela, e me fez pronunciar os votos.

— E por que motivo a senhora tinha perdido a cabeça?

— De medo, de pavor. Eu trabalhava em um albergue do correio. Certa noite, enquanto eu dormia, os cavalos arrebentaram a janela. De tanto medo, eu enlouqueci. Durante um ano inteiro, meus pais me levaram para rezar nos santuários. Pois bem. Foi só aqui que eu fiquei boa. Ao ouvir essas palavras, alegrei-me do fundo da alma e glorifiquei a Deus, cuja sabedoria faz com que tudo reverta em nosso benefício.

Um padre da zona rural

ONVERSANDO com meu mestre espiritual, eu lhe disse:

— Tive ainda muitas outras aventuras. Se eu contasse tudo, de enfiada, três dias não bastariam. Mas, se quiserdes, vou contar mais uma ainda. Um belo dia de verão, avistei, a certa distância de meu caminho, um cemitério. Ou melhor, uma comunidade paroquial com a igreja, as casas dos que servem ao culto e um cemitério. Os sinos tocavam para o ofício. Apertei o passo em direção à igreja. As pessoas das redondezas para lá também se

dirigiam. Mas muitos se sentavam na relva antes de chegar à igreja. Ao ver que eu me apressava, me diziam:

— Não vás tão depressa assim, tens muito tempo. Aqui o serviço é muito vagaroso, o padre é doente e, além disso, tão preguiçoso! De fato, a liturgia não era rápida. O padre, moço, mas pálido e magro, celebrava muito devagar, com piedade e sentimento. Ao fim da Missa, pronunciou um belo sermão sobre os meios de adquirir o amor de Deus.

Ele me convidou a comer em sua casa. Durante a refeição, eu lhe disse:

— O senhor diz o ofício com muita piedade, padre, mas também tão devagar!

— É verdade, respondeu, isso não agrada nem um pouco aos meus paroquianos e eles reclamam. Mas não há jeito. Eu gosto de meditar e pesar cada palavra antes de cantá-la. Sem esse sentimento interior, as palavras não têm valor algum, nem para mim nem para os outros. Tudo se resume na vida interior e na oração atenta. Ah! Como as pessoas se dedicam pouco à atividade interior! acrescentou ele. É porque não querem, não se preocupam com a iluminação espiritual interior.

Perguntei de novo:

— Mas como chegar até lá? É muito difícil!

— De jeito algum; para receber a iluminação espiritual e tornar-se um homem interior, é preciso apenas tomar qualquer texto da Sagrada Escritura e nele concentrar toda a atenção o maior tempo possível. É assim que se descobre a luz da inteligência. Para rezar, é necessário fazer a mesma coisa: se queres que tua oração seja pura, reta e benfazeja, é preciso escolher uma oração curta, feita com palavras curtas, mas fortes, e repetir essa oração durante muito tempo e muitas vezes. É assim que se toma gosto pela oração.

Esse ensinamento do padre me agradou muito porque era prático e

simples e, ao mesmo tempo, profundo e sábio. Agradeci a Deus porque me fez conhecer um verdadeiro pastor de sua Igreja. Quando acabamos de almoçar, o padre me disse:

— Vai descansar um pouco, tenho de ler a Palavra de Deus e preparar meu sermão de amanhã. Fui para a cozinha. Não tinha ninguém por aí, a não ser uma cozinheira bem velhinha, sentada em um canto, toda encurvada e tossindo. Eu me sentei debaixo de uma fresta do telhado, tirei da minha sacola a Filocalia e comecei a ler em voz baixa. Depois de algum tempo, notei que a velhinha, em seu canto, recitava sem parar a oração de Jesus. Fiquei feliz por ouvir invocar assim o santo Nome do Senhor e lhe disse:

— Como é bom, comadre, recitar assim a oração! É a melhor obra que possamos fazer e a mais cristã!

— É sim, compadre, no fim da minha vida é este o meu gosto, que Deus me perdoe!

— Faz tempo que rezas assim?

— Desde a minha meninice, compadre, e sem isso eu não poderia viver: foi a oração de Jesus que me salvou da desgraça e da morte.

— Como assim? Conta-me, eu te peço, para a glória de Deus e em honra da poderosa oração de Jesus.

Guardei a Filocalia dentro da minha sacola, e me sentei ao seu lado. Daí ela começou o seu relato:

— Eu era uma moça bem jovem e bonita. Meus pais contrataram meu noivado. Mas, na véspera do casamento, quando meu noivo ia entrando em casa - já estava pertinho - caiu morto, duro! Isso me assustou tanto que resolvi permanecer virgem e peregrinar pelos santuários, fazendo preces a Deus. Entretanto, eu tinha medo de ir-me embora completamente sozinha, estrada afora. Por ser tão jovem, homens maldosos poderiam me

atacar.

Uma mulher idosa que, há tempos, levava uma vida assim errante, me ensinou que eu deveria recitar sem parar a oração de Jesus. Assegurou-me ter certeza de que essa oração me preservaria de todos os perigos na estrada. Eu acreditei no que ela dizia e nunca me aconteceu nada, mesmo nas regiões mais afastadas. Meus pais me davam dinheiro para eu viajar. Passaram-se muitos anos. Eu fiquei velha e doente. Felizmente o padre daqui me dá comida e cuida de mim por bondade.

Escutei com alegria esse relato e não sabia como agradecer a Deus mais esse dia que me fez conhecer exemplos tão edificantes. Um pouco mais tarde, pedi a bênção ao padre tão bom e tão santo e retomei meu caminho, todo contente.

Na estrada de Kazan

Eu vede: não faz muito tempo, quando eu atravessava a comarca de Kazan para vir até aqui, ainda tive a oportunidade de conhecer melhor os efeitos da oração de Jesus. Mesmo para aqueles que a praticam inconscientemente, essa oração é na verdade o meio mais certo e rápido para se atingirem os bens espirituais.

Certa noite tive de parar em uma aldeia tártara. Ao entrar pela rua, avistei, diante de uma casa, uma carruagem e um cocheiro russo. Os cavalos estavam desatrelados e pastavam perto da carruagem.

Muito contente, resolvi pedir para dormir naquela casa onde, pelo menos, encontraria cristãos. Aproximei-me e perguntei ao cocheiro quem ele conduzia. Respondeu-me que seu senhor viajava de Kazan para a Criméia. Enquanto conversava com o cocheiro, o senhor afastou a cortina de couro da portinhola da carruagem, olhou para mim e disse:

— Vou passar a noite aqui, mas não entro na casa dos tártaros porque aí tem muita sujeira; decidi dormir na carruagem.

Pouco mais tarde, o senhor saiu para dar umas voltas - estava uma noite linda! - e começamos a conversar. Trocamos ideias e ele me fez o seguinte relato:

— Até os sessenta e cinco anos de idade, servi na esquadra como capitão de navio. Depois que envelheci, fui atacado de gota e me aposentei na Criméia, em uma propriedade de minha mulher. Estava quase sempre doente. Minha mulher gostava de recepções e adorava jogar baralho. Ela acabou por cansar-se de viver sempre ao lado de um doente: foi-se embora para Kazan, para a casa de nossa filha que se casou com um funcionário. Minha mulher levou tudo com ela, mesmo os servos domésticos, e me deixou apenas com um garoto de oito anos, meu afilhado. Fiquei assim completamente só durante três anos. Meu garoto era muito esperto: arrumava meu quarto, acendia o fogo, fazia minha sopa de aveia e esquentava o meu samovar. Mas, ao mesmo tempo, ele era muito brusco, um verdadeiro moleque. Corria, gritava, brincava, dava encontrão em tudo e me atrapalhava muito.

Por causa da minha doença e da rotina, eu gostava demais de ler autores espirituais. Possuía um excelente livro de Gregório Palamas sobre a oração de Jesus. Eu o lia quase sem parar e recitava um pouco essa oração. A barulheira do menino me incomodava muito; nenhuma medida, nenhum castigo, porém, podia impedir que ele fizesse asneiras. Acabei por encontrar um jeito: eu o obrigava a sentar- se no meu quarto, em um banquinho, e a repetir sem cessar a oração de Jesus. No começo, ele detestava e, para escapar, ficava caladinho.

Então, para forçar o moleque a executar minha ordem, eu peguei umas varas' comigo. Quando ele recitava a oração, eu lia tranquilamente ou escutava o que ele dizia. Mas, assim que ele se calava, eu lhe mostrava as varas: morrendo de medo, ele recomeçava a oração. Isso me fazia muito bem, pois até que enfim a calma começava a reinar em minha casa.

Depois de certo tempo, percebi que as varas não eram mais necessárias: o menino obedecia à minha ordem com mais gosto e zelo. Mais tarde, seu temperamento mudou completamente: ele se tornou acomodado e silencioso e fazia muito melhor os serviços domésticos. Fiquei tão contente que lhe dei mais liberdade. E o resultado, qual foi? Pois bem. O garoto se habituou tão bem à oração, que ele a repetia sem parar e sem nenhuma insistência da minha parte. Quando eu lhe falei sobre isso, respondeu-me que sentia um desejo louco de recitar a oração.

— E o que sentes?

— Nada de especial, mas me sinto bem enquanto estou repetindo a oração de Jesus.

— Mas como?

— Não sei explicar.

— Tu te sentes alegre?

— Me sinto sim, muito alegre.

Ele estava com doze anos quando arrebentou a guerra da Criméia. Eu fui para Kazan e o levei para a casa de minha filha. Aí nós o pusemos na cozinha, com os outros domésticos. O menino se sentia infeliz porque eles passavam o tempo todo a se divertir e a brincar entre eles e também caçoavam dele; não o deixavam dedicar-se à oração. Três meses depois, ele me procurou e disse:

— Vou-me embora para casa. Não aguento essa vida aqui com tanto barulho!

Eu disse-lhe:

— De que jeito queres ir para tão longe, sozinho, e em pleno inverno? Espera que eu parta novamente e te levarei comigo.

No dia seguinte, meu garoto tinha sumido. Foram procurá-lo por

todos os lados, mas… Impossível achá-lo! Finalmente, um dia eu recebi uma carta da Criméia. Os guardas de lá me comunicavam que, no dia 4 de abril, dia seguinte à Páscoa, haviam encontrado o menino morto em nossa casa. Estava deitado no chão, no meu quarto, com as mãos cruzadas sobre o peito, o boné debaixo da cabeça e com aquela roupinha de nada que ele usava sempre e com a qual tinha fugido. Foi enterrado no meu jardim. Ao receber essa notícia, me espantei com a rapidez com que o menino tinha chegado lá. Ele havia partido no dia 26 de fevereiro e foi encontrado morto no dia 4 de abril.

Três mil quilômetros em um mês, nem mesmo a cavalo quase não daria para chegar: são cem quilômetros por dia. E, além do mais, com roupas tão leves, sem documento e sem dinheiro. Admitamos que ele tenha conseguido uma carruagem para viajar. Mesmo assim, isso não aconteceria sem a intervenção divina. Foi assim que o meu pequeno servo experimentou e saboreou os frutos da oração, disse o ex-capitão ao terminar. E eu, no fim da minha vida, ainda não cheguei a um nível tão alto de oração…

A essa altura, eu disse ao meu interlocutor:

— Esse livro tão bom de São Gregório Palamas, que o senhor leu, eu o conheço. Mas considera principalmente a oração vocal. O senhor deveria ler este livro aqui - que se chama a Filocalia. Nele vai encontrar os ensinamentos completos sobre a oração de Jesus no espírito e no coração.

E, ao mesmo tempo, lhe mostrei a minha Filocalia. Ele apreciou muito o meu conselho e declarou que ia arranjar logo o livro.

— Meu Deus! pensava eu. Que maravilhosos efeitos do poder divino se descobrem através dessa oração! Que relato edificante e profundo; as varas ensinaram esse garoto a rezar e lhe deram a felicidade! As desgraças e as tristezas que nós encontramos no caminho da oração não são as varas de Deus? Então, por que temer, se é a mão de nosso Pai Celestial que

acena com elas para nós? Ele tem um amor infinito por nós: essas varas nos ensinam a rezar de maneira mais ativa e nos proporcionam alegrias inefáveis. Quando terminei esses relatos, disse a meu mestre espiritual:

— Perdoe-me, em nome de Deus. Eu tagarelei demais e os Padres da Igreja declaram que uma conversa, mesmo que seja sobre assuntos espirituais, se se prolongar excessivamente - é só vaidade. Já é tempo de eu ir ao encontro daquele que deve acompanhar-me a Jerusalém. Reze por mim, pobre pecador, e que o Senhor em sua misericórdia faça com que essa viagem seja para meu bem.

— Eu o desejo de todo o coração, meu amado irmão no Senhor, respondeu o meu mestre. Que a graça superabundante de Deus ilumine teus passos e caminhe contigo, como o anjo Rafael com Tobias.

Nas isbás, a estufa é um importante edifício de tijolos que se mantém sempre quente. No inverno sobretudo, os camponeses colocam sua cama na parte superior. Os anciões passam geralmente o dia inteiro nela. Leon Tolstói havia descrito este costume em seu célebre relato Três Mortes.

É um hino ou ofício em honra à Virgem Maria e se canta de pé. Composto em memória da milagrosa vitória alcançada pelo imperador Heráclio contra os escitas e os persas que se sitiavam em Bizâncio no ano 626. Um súbito furacão dispersou a frota inimiga que veio a se estatelar perto da igreja da Virgem de Blachernas.

O hino contém vinte e quatro estrofes em ordem alfabética, entre as quais se intercalam aleluias e ladainhas. Nele se vão narrando os principais passos da vida da Virgem Maria, em termos de uma profunda e bela poesia: Deus te salve, diz a ladainha depois da estrofe da anunciação: Deus te salve, a ti por quem a sorte vai brilhar no mundo! Deus te salve, a ti por quem o mal vai terminar! Deus te salve, tu que ergues o Adão decaído! Redenção das lágrimas de Eva! (…)

Segunda Parte

Prólogo

Para muitos de nossos contemporâneos a pergunta tradicional: "Dizei-me como posso salvar-me", deixou de ter sentido. Do que teria de se salvar um homem naturalmente bom ou "normalmente anormal"? As únicas atitudes que se oferecem ao "homem de hoje" são um otimismo desmentido, não obstante, pela realidade cotidiana, um pessimismo desenganado, desesperado e desesperador, ou a espera utópica em um dia em que os homens imperfeitos criem, por fim, uma sociedade perfeita que lhes faça perfeitos por um passe de mágica, triunfando a razão por si só sobre as baixezas e as paixões.

Entretanto, nossos contemporâneos sentem frequentemente no fundo de si mesmos, a par dos homens de todos os tempos, uma profunda necessidade de verdade absoluta, de beleza perfeita e de beatitude infinita. Ocorre então que lhes chega, como ao peregrino russo e frequentemente graças a ele, o chamado de São Paulo: Orai sem cessar!, e seu coração se pergunta: O que significa este chamamento? O que é a oração? por que terei que rezar? Como se pode rezar sem cessar? Responde a oração a esta necessidade de verdade, de beleza e de beatitude que se sente como uma saudade, como um misterioso chamado?

Para muitos também, a história da Igreja não revela, no fundo, mais que erros, ilusões e fracassos; estes não conhecem do cristianismo mais que algumas deformações ou arremedos, e estão fartos de calúnias que lhes impedem desejar ver por si mesmos se não haverá acaso na Igreja uma realidade desconhecida. Eles desconhecem, e frequentemente, até mesmo os cristãos praticantes, a história dos

Santos, a resposta dada pelos místicos aos chamamentos frequentes e constantes da Bíblia à oração e à prática dos mandamentos, ao conheci-

mento da Verdade e à união com nosso Pai que está nos céus. Os Relatos de um peregrino russo nos colocam em presença, em um contexto não habitual para o europeu ocidental, de uma tradição que remonta a Cristo e aos Apóstolos, e que é a da oração contínua, da oração do coração; da Igreja primitiva até a Rússia, passando pelo monte Sinai, o deserto do Egito e o monte Athos, toda uma experiência precisa, saborosa, luminosa, santificante da oração e, por ela, do Amor misericordioso, salvador e unificador de Deus que se transmitiu, ensinada pelo mestre experiente a seu discípulo, vivida por religiosos ou leigos. Uma ilustração relativamente recente desta tradição se encontra na pessoa, na vida e no ensino de São Serafim de Sarov, que muitos no Ocidente conhecem, e nos célebres startsi ou monges de Optino, o grande convento russo.

Nos quatro primeiros Relatos de um peregrino russo, o leitor pôde conhecer o próprio peregrino, sua vocação, suas experiências espirituais nutridas da Bíblia e da Filocalia, que é uma recompilação de textos patrísticos que tratam da oração espiritual e a guarda do coração. antes de adentrar-se no Caminho, o peregrino recebeu de seu monge uma bênção que o ajudará a viver das graças conferidas pelos sacramentos, e a evitar os perigos do individualismo orgulhoso ou caprichoso pela submissão humilde e fervorosa a um mestre, que encarna para seu discípulo a Vontade de Deus. Os três relatos que aparecem nesta parte permitem tornar a encontrar o peregrino. Foram achados entre os papéis do staretz Ambrosio do Optino e publicados na Rússia em 1911. O quinto relato mostra o caráter tenebroso e irracional da natureza deixada a cargo de si mesma, e a

Surgente necessidade da oração para escapar misericordiosamente da atração que arrasta ao homem ao abismo; fala da Providência, do Amor de Deus, da intercessão da Santa Virgem Maria, da proteção que assegura a oração. Seguem conselhos diretos e práticos sobre a confissão, considerações sobre a excelência e a grandeza da fórmula Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tende piedade de mim, pecador, que constitui o

que se chama a "Oração do Jesus"; é ela a que, na Ortodoxia, e às vezes com uma forma simplificada, constitui o "suporte" da oração contínua do início de sua aprendizagem. Em seguida, o relato fala dos dons do Espírito Santo, do amor ao próximo; responde aos temores dos que não se atrevem a recorrer à oração, e dá por último um método evangélico de oração, mostrando no Santo Evangelho um ensino progressivo sobre a oração e seus frutos.

O sexto relato fala da função dos Evangelhos; dá, apoiando-se no ensino dos Santos, o segredo da salvação, revelado pela oração contínua: "Estar nele (Cristo) quer dizer sentir continuamente Sua presença, invocar continuamente Seu Nome"; aqui se trata da gravidade e poder da oração, da possibilidade de rezar em meio de ocupações absorventes ou em companhia, da preguiça ou da avidez de gozo espiritual; por último, um breve resumo volta a examinar alguns pontos importantes.

O sétimo relato fala do eremitismo, da função do monge ou staretz, dos perigos da imaginação, do desalento, e mostra, para terminar, como rezar por outros. Estes relatos contêm instruções precisas, apoiadas na Tradição e ilustradas por pequenas anedotas. Trata-se, em particular, da frequência da oração, que é "o único método de chegar à oração pura e verdadeira… Para lhes convencer definitivamente da necessidade e da fecundidade da oração frequente, reparem em: - Que todo desejo e todo pensamento de orar é obra do Espírito Santo e a voz de nosso anjo protetor. - Que o nome do Jesus Cristo invocado na oração contém em si mesmo um poder salvador que existe e atua por si mesmo…".

Este caráter da invocação do Nome do Jesus tem origem bíblica; os Apóstolos falam dele, depois de terem sido convidados por Jesus Cristo a orar em Seu Nome e recordando as palavras do Pater Noster: Seja santificado Vosso Nome e do Magnificat: Santo é Vosso Nome. A Santa Virgem conhecia evidentemente o sentido do Nome do Jesus, que é: Deus salvador, e ela invocou este Nome que resume toda a misericordiosa Revelação

do Pai em Seu Filho e toda a história da salvação; os Apóstolos o invocaram, a sua vez, como o mostram os textos bíblicos e a maravilhosa história do discípulo de São João, Santo Inácio de Antioquia, a quem invocava continuamente o Nome do Jesus e até o tinha inscrito em letras de ouro em seu coração. A "Oração do Jesus" da qual fala o peregrino russo mostra a continuidade desta invocação através dos tempos, associada com uma chamada explícita à Misericórdia. Mas os Nomes de "Pai" e de "Maria" foram também invocados com frequência, igualmente aos de "Deus" ou de "Senhor".

A prática da invocação de um Nome divino pode apoiar-se, por exemplo, nestas passagens dos Salmos: Mas eu invoquei o Nome do Senhor; Senhor salvai minha alma; Sacrificarei uma hóstia de louvor e invocarei o Nome do Senhor; Bem-aventurados os que amam Seu Nome. O santo bispo Inácio Brianchaninov escrevia no século passado: "O Nome, por sua forma exterior, é limitado, mas representa um objeto ilimitado, Deus, de quem recebe um valor infinito, divino, o poder e as propriedades de Deus". É a doutrina da Tradição.

Os católicos se perguntarão acaso se podem encontrar em sua Igreja um ensino parecido com a que encontramos nos Relatos de um peregrino russo. Não é lugar aqui de responder atentamente a esta pergunta; digamos simplesmente que se a Igreja ortodoxa tem desenvolvido e continua ensinando uma doutrina particularmente precisa da invocação do Nome do Jesus e da oração contínua, a Igreja católica também respondeu à exortação de São Paulo: Orai sem cessar!, e prega a devoção ao Santo Nome.

Por um lado, o cristianismo dos Santos da Igreja do Oriente é de uma autenticidade tal que seu ensino corresponde a todos os que querem ser realmente cristãos; por outra parte, as obras de um São Bernardo de Claraval, de um São Boaventura, de um São Bernardino de Siena ou de um São Alfonso Maria de Ligório, que são Santos do Ocidente, contêm

igualmente ensinos sobre a invocação do santo Nome do Jesus assim como o de Maria, do qual Santo Efrén escrevera: "O Nome de Maria é a chave que abre as portas do céu". E um Frère Laurent da Ressurreição, por exemplo, tem escrito magistralmente sobre A experiência da presença de Deus.

Se é difícil encontrar atualmente no Ocidente um staretz, um mestre da vida de oração, há de se pedir o auxílio do Espírito Santo. Ele supre a ausência de mestre humano ou pode dar ocasião a encontrar um, pois Ele mesmo é o Mestre por excelência e todo mestre humano, qualquer que seja seu grau de santidade, não é mais em certo modo que Seu representante e Sua encarnação. Como o ensina o monge no sexto relato: "Todo desejo e todo pensamento de orar é obra do Espírito Santo". Que este mesmo Espírito guie os passos do que procuram o Caminho, a Verdade e a Vida! Na festa do Santo Nome do Jesus.

— Charles Krafft

Quinto Relato

O staretz: Um ano tinha decorrido, desde a última vez que eu vira o peregrino, quando, finalmente, um toque discreto à porta e uma voz suplicante anunciavam a chegada deste irmão cheio de fervor.

— Entre, caro irmão. Agradeçamos juntos a Deus porque abençoou o teu caminho e te trouxe de volta.

O peregrino: Glória e ação de graças ao Pai Santíssimo, pela sua bondade em todas as coisas por ele coordenadas como melhor lhe parece, mas sempre para o nosso bem, nós que somos peregrinos e estrangeiros em terra estrangeira. Eis-me aqui, pecador, que vos deixou no ano passado e que, pela graça de Deus, julgou conveniente voltar para vos ver, e ouvir vossa acolhida cordial. Sem dúvida, esperais de mim uma descrição com-

pleta da santa Cidade de Deus, Jerusalém, pela qual minha alma aspirava e para onde eu tinha firme intenção de ir. Nem sempre, porém, nossos desejos se realizam e foi o que aconteceu no meu caso. Não é de admirar; pecador que sou, como poderia considerar-me digno de palmilhar aquele solo sagrado onde os pés divinos de nosso Senhor Jesus Cristo deixaram sua marca?

Deveis lembrar-vos, meu Pai, que deixei esta região no ano passado, acompanhado por um velho amigo. Tinha eu, comigo, uma carta de um negociante de Irkutsk para seu filho em Odessa, pedindo-lhe que me encaminhasse para Jerusalém. Pois bem, chegamos sem dificuldade a Odessa em, relativamente, pouco tempo. Sem tardar, meu companheiro reservou uma passagem num navio para Constantinopla e partiu. Quanto a mim, pus-me a procurar o filho do negociante, conforme c endereço escrito na carta. Sem dificuldade encontrei a casa, mas fui surpreendido e muito me entristeci ao saber que meu benfeitor não vivia mais. Morrera três semanas antes, após breve enfermidade. O fato muito me abateu; entretanto, confiei-me ao poder de Deus.

Toda a família estava submersa na dor e a viúva que ficara com três filhos pequeninos, achava-se em tal estado de tristeza que chorava sem interrupção e, diversas vezes por dia, perdia os sentidos. Seu abatimento era tão grande que tudo fazia crer também ela não ter vida por muito tempo. Entretanto, no meio de todo este quadro doloroso, recebeu-me amavelmente, mas, nas condições em que os negócios ainda se encontravam, não pôde mandar-me a Jerusalém. Pediu-me que ali permanecesse por uns quinze dias pelo menos, até que seu sogro viesse a Odessa, conforme prometera, para pôr em ordem. os negócios da infeliz família. Fiquei, pois. Uma semana passou, um mês, mais outro. Em vez de vir, o negociante escreveu, a dizer que seus próprios negócios não lhe permitiam sair naquela ocasião e lhe aconselhava a despedir seus funcionários e ir imediatamente para sua casa em Irkutsk. Confusão e alvoroço começaram, pois,

e como percebi que minha presença não lhes interessava mais, agradeci a hospitalidade e despedi-me. Mais uma vez parti, caminhando a esmo pela Rússia.

Muito pensava e refletia. Para onde iria eu agora? Pensei em Kiev aonde há anos não ia, e pus-me logo a caminho. Naturalmente, no princípio, muito me aborreci por não ter cumprido meu voto de ir a Jerusalém, mas depois cheguei à conclusão de que tal fato não teria acontecido sem a intervenção providencial de Deus, e tranquilizei-me, esperando que Ele, que tanto ama os homens, aceitaria a intenção como um ato e não deixaria minha viagem interrompida, sem um benefício espiritual. E foi o que aconteceu: encontrei pessoas que me revelaram muitas coisas que não sabia e que, para minha salvação, iluminaram minha alma pouco esclarecida. Se a necessidade não me tivesse obrigado a tal viagem, não teria encontrado esses benfeitores espirituais. Caminhava, pois, durante o dia com a Oração e à tardinha, quando me abrigava para a noite, lia a Filocalia para fortalecer minha alma em sua luta contra os inimigos invisíveis da salvação.

Prosseguindo o meu caminhar, a setenta verstas de Odessa presenciei um fato surpreendente. Havia uma fila de umas trinta carroças, repletas de mercadorias. Passei por elas. O primeiro carroceiro, aquele que conduzia a fila, andava ao lado de seu cavalo e os outros seguiam em grupo, a alguma distância dele. A estrada margeava um pequeno lago onde desaguava um riacho, e o gelo, liquefazendo-se com a primavera, rolava e acumulava-se nas margens. De repente, esse condutor da fila, rapaz jovem, fez parar seu cavalo e todos os que o seguiam pararam também. Correram em direção a ele e viram-no começar a despir-se. Perguntaram-lhe o motivo. Ele respondeu que sentia um irreprimível desejo de banhar-se no lago. Alguns, admirados, zombavam dele; outros, procuravam dissuadi-lo, chamando-o de insensato, e o mais velho, seu próprio irmão, tentou impedi-lo, empurrando-o, para que continuasse a caminhada. Ele

se defendia e recusava-se a ouvir o que lhe diziam. Alguns dos jovens carroceiros, pegando a água do lago, com seus baldes que serviam para banhar os cavalos, lançaram, por brincadeira, jatos de água ha cabeça e nas costas do rapaz, dizendo: "Pronto! Nós nos incumbimos de te banhar!" Assim que a água lhe atingiu o corpo, ele exclamou: "Ah! que delícia!" Sentou-se no chão e eles continuaram a jogar-lhe água pelo corpo. De repente, estirou-se no chão, e morreu. Todos ficaram impressionados e temerosos, não sabendo por que tal coisa sucedera.

Fiquei com eles durante uma hora, aproximadamente. A umas cinco verstas adiante, entrei numa cidade pela estrada principal e encontrei um velho sacerdote que caminhava pela rua. Tive vontade de contar-lhe o que acabara de presenciar, a fim de saber o que pensava do fato. O sacerdote levou-me a sua casa, contei-lhe o sucedido, e pedi-lhe que me explicasse o porquê do fato.

— Nada posso dizer-te, querido irmão, a não ser o seguinte: há, na natureza, muitas coisas extraordinárias que não podemos compreender. Deus assim dispõe, penso eu, para mostrar mais claramente aos homens o seu poder e sua intervenção providencial na natureza, produzindo, algumas vezes, nas leis dessa natureza, transformações incomuns e inesperadas. Eu mesmo sou testemunha de um caso semelhante. Perto de nossa aldeia, há um despenhadeiro bem fundo e abrupto, não muito largo, mas de umas dez braças de profundidade. Atemoriza olhar-lhe o fundo escuro. Construíram uma espécie de passarela para atravessá-lo. Um campônio de minha paróquia, respeitável pai de família, foi subitamente tomado, sem qualquer explicação, de um irresistível desejo de atirar-se da passarela no profundo abismo. Lutou contra aquela ideia e resistiu ao impulso durante toda uma semana. No fim, porém, não conseguiu dominar-se mais. Certa manhã, levantou-se muito cedo, saiu precipitadamente e atirou-se no vácuo. Depressa ouviram seus gemidos e, com muita dificuldade, conseguiram retirá-lo do precipício. Estava com ambas as pernas quebradas.

Quando lhe perguntaram o motivo de tal gesto, respondeu que, apesar das dores atrozes que agora sentia, estava com o espírito pacificado por ter realizado o irresistível desejo que o atormentara durante uma semana e através do qual arriscara a vida.

Ficou um ano inteiro num hospital para se refazer. Ia vê-lo com frequência e muitas vezes encontrei médicos junto dele. Como tu, eu desejava saber deles a causa deste impulso. Os médicos responderam unanimemente que se tratava de um "frenesi". Quando lhes pedi uma explicação científica do caso, e de que modo podia acometer uma pessoa, não consegui nenhum esclarecimento, a não ser que se trata de um desses segredos da natureza, inacessíveis à ciência. Quanto a mim, pus-me a pensar que, se diante de tal mistério da natureza, a pessoa se entregasse à oração, suplicasse a Deus e se aconselhasse com homens espirituais, esse irresistível "frenesi", como diziam os médicos, não poderia, em definitivo, triunfar.

Na realidade, encontramos na vida humana muitas coisas das quais nunca conseguiremos uma fácil compreensão.

Enquanto conversávamos, desceu a noite, e pernoitei lá. Na manhã seguinte, o prefeito mandou um secretário para pedir ao padre que enterrasse o morto no cemitério e para dizer que os médicos, após a autópsia, não encontraram nenhum indício de loucura e declararam que a morte fora causada por um ataque repentino.

— Como vês, disse-me o sacerdote, a ciência médica não pode dar nenhuma explicação precisa a essa incontrolável atração pela água.

Depois disso, despedi-me do padre e continuei minha caminhada. Após muitos dias de viagem, e sentindo-me muito cansado, cheguei a uma grande cidade comercial, chamada Bielaia Tserkov. Como o dia já declinasse, pus-me a procurar um local para passar a noite. No mercado, encontrei um homem que também parecia ser um viajante. Informava-se

nas lojas para obter o endereço de determinada pessoa que vivia naquele lugar. Ao ver-me, aproximou-se de mim, e disse: "Também pareceis ser peregrino, como eu. Procuremos juntos um homem chamado Evreinov, que mora nesta cidade. É um bom cristão, dirige uma ótima hospedaria e acolhe bem os peregrinos. Vede o que tenho aqui escrito a seu respeito". Com alegria, aceitei a sugestão e logo encontramos a casa. Embora o próprio dono não estivesse, sua mulher, uma simpática senhora, recebeu-nos amavelmente, e deu-nos, no paiol, uma pequenina mansarda para descansarmos.

Logo veio nosso hospedeiro e nos pediu que jantássemos com eles. Durante o jantar se falou de quem éramos e de onde vínhamos, e por uma ou outra razão a conversa deveu parar à questão do por que se chamava Evreinov.

— Irei lhes contar uma estranha coisa a respeito disto - disse, e começou seu relato: Verão o que aconteceu. Meu pai era judeu. Havia nascido em Schklov, e odiava os cristãos. Desde sua mais tenra idade se preparava para ser rabino e estudava a fundo toda a teoria judaica dirigida a refutar o cristianismo. Certo dia aconteceu de passar por um cemitério cristão. Viu uma caveira humana, que devia ter sido tirada de alguma tumba recentemente removida. Conservava ambas as mandíbulas e havia nelas alguns dentes de aspecto horrível. Em um arrebatamento de mau gênio, começou a mofar-se dela; cuspiu-a, cobriu-a de insultos e lhe deu pontapés. Não contente com isto, recolheu-a e a fixou a um poste, como fazem com os ossos de animais para afugentar aos pássaros vorazes. Depois de haver-se divertido deste modo, foi para casa. Na noite seguinte, apenas tinha acabado de adormecer, quando um desconhecido lhe apareceu e o repreendeu violentamente, dizendo: 'Como ousa insultar o que resta de meus pobres ossos? Eu sou cristão; mas quanto a ti, és um inimigo de Cristo'. A visão foi-se repetindo várias vezes todas as noites, e ele não obteve mais nem sonho nem repouso. Mais tarde, a mesma visão começou

a relampejar diante de seus olhos em pleno dia, enquanto ouvia o eco daquela voz reprovadora. Com o tempo, a visão se fez mais frequente até que, por fim, começou a se sentir abatido, cheio de espanto, e a perder as forças. Foi a seu rabino, quem lhe cobriu de rezas e exorcismos. Mas a aparição não só não cessou, mas também se fez mais frequente e ameaçadora.

Esta situação que ele vivia se espalhou e, ouvindo falar dela, um amigo dele, cristão, ficou lhe aconselhando que aceitasse a religião cristã, e lhe convenceu a pensar que não havia outro meio de ver-se livre de sua perturbadora aparição. Mas o judeu estava intransigente a dar este passo. Mesmo assim, disse em resposta: 'Faria de boa vontade o que deseja com o fim de me libertar desta atormentadora e intolerável aparição'. O cristão se alegrou de ouvir isto, e lhe persuadiu de que mandasse ao bispo local uma petição de batismo e de recepção na Igreja cristã. A petição foi escrita, e o judeu, não muito ansioso, assinou-a. E vejam que coisa, justo no preciso momento em que a petição era assinada, a aparição cessou e nunca mais tornou a lhe incomodar. Sua alegria foi ilimitada, e com o ânimo inteiramente renovado, sentiu uma fé tão ardente em Jesus Cristo, que foi imediatamente até o bispo, contou-lhe toda a história e expressou o profundo desejo de ser batizado. Aprendeu com esforço e rapidez os dogmas da fé cristã, e depois de seu batismo acabou vivendo nesta cidade. Aqui se casou com minha mãe, uma boa cristã. Levou uma vida piedosa e com profundo bem-estar, e foi muito generoso com os pobres. Ele me ensinou a ser igual, e antes de sua morte me deu suas instruções a respeito, junto com sua bênção. Eis aqui o motivo pelo qual me chamo Evreinov. Escutei esta historia com respeito e humildade, e pensei comigo mesmo: Que bom e quão benévolo é Nosso Senhor Jesus Cristo, e quão grande é seu amor! Que por caminhos tão distintos atrai aos pecadores para si! Com que sabedoria emprega coisas de pouca importância para conduzi-los para as coisas grandes! Quem poderia ter imaginado que o jogo malévolo de um

judeu com uns ossos sem vida o iriam levar ao conhecimento verdadeiro de Jesus Cristo, e que este seria o meio para conduzilo a uma vida piedosa?

Depois de jantar, demos graças a Deus e ao nosso anfitrião, e nos retiramos até nosso dormitório. Não queríamos ir à cama ainda, assim que nos pusemos a conversar. Contou-me o meu companheiro que era negociante em Moghilev, e que passara dois anos na Bessarábia, como noviço, num dos mosteiros de lá, mas com um passaporte temporário. Fazia agora o caminho de volta, para obter o consentimento da corporação dos negociantes, a fim de ingressar definitivamente na vida monástica. "Os Mosteiros que ali se encontram, suas constituições, sua ordem e a observância estrita da Regra dos numerosos e piedosos Startzi que vivem lá muito me agradam". Garantiu-me que os mosteiros da Bessarábia, comparados aos da Rússia, eram como o Paraíso comparado à terra. Insistiu para que eu o imitasse. Enquanto conversávamos, trouxeram um terceiro hóspede ao nosso quarto. Era um sub-oficial que voltava para casa de licença. Notamos que estava exausto pela viagem. Juntos, fizemos nossas orações e nos deitamos para dormir. Acordamos bem cedo, na manhã seguinte, e nos preparávamos para tomar de novo a estrada mas, antes, queríamos agradecer aos nossos anfitriões. Nisso, ouvimos os sinos de Matinas. O negociante e eu ficamos indecisos: como partir após ter ouvido os sinos, sem ir à igreja? Era preferível ficar para as Matinas, rezar nossas orações, depois do que partiríamos mais felizes.

Tomada essa decisão que nos parecia a mais acertada, convidamos o suboficial a acompanhar-nos. Mas ele nos disse: "Que significa ir à igreja quando se está em viagem? Que importa a Deus irmos lá? Fazei como quiserdes. Eu não vos acompanho. O tempo que estiverdes nas Matinas, eu terei percorrido cinco verstas daqui, ou pouco menos. O que mais desejo é chegar depressa a casa". Ao ouvir tais palavras, o negociante respondeu: "Irmão, não corras tão depressa com teus projetos, sem saber quais são as intenções de Deus!" Encaminhamo-nos para a igreja e ele

prosseguiu sua viagem. Acompanhamos as Matinas e ficamos para a Liturgia Eucarística. Voltamos ainda à nossa mansarda, para preparar nossas mochilas e partir; mas que vemos, então? Nossa hospedeira que trazia um samovar. "Para onde ides?" perguntou ela; tendes de tomar uma xícara de chá, - sim - e também almoçar conosco. Não podemos deixá-los partir, sem nada comer". Ficamos, pois. Não fazia meia hora que sentáramos diante do samovar. quando vimos nosso suboficial chegar a correr, quase sem poder falar. "Vim ao vosso encontro cheio de mágoa e alegria ao mesmo tempo".

— Que aconteceu? perguntamos, interessados.

Eis o que nos contou:

— Quando vos deixei e parti, resolvi passar numa taverna para trocar o dinheiro que levava e, ao mesmo tempo, tomar algum alimento para melhor encetar minha caminhada. Parei, pois, numa taberna, tomei alguma coisa, consegui o troco que queria e parti como um passarinho. Depois de ter andado umas três verstas, lembrei-me de contar o dinheiro do troco que o homem da tasca me dera. Sentei-me à beira da estrada, peguei a carteira e examinei, tranquilamente, o conteúdo. De repente, senti falta de meu passaporte. Somente alguns papéis e o dinheiro. Fui tomado de verdadeiro pânico. Vi, num relance, o que se passara: naturalmente, ao pagar a despesa, deixara cair o passaporte. Precisava voltar, voando. Foi o que fiz. Mas outra ideia quase me enlouqueceu: e se não estivesse lá? Como iria me arrumar? Precipitei-me em direção ao taberneiro que, depois de ouvir-me, disse:

— Não encontrei papel nenhum. Fiquei sucumbindo! Comecei a procurar por toda a parte onde estivera, por todos os recantos onde passeara. E sabeis o que aconteceu? Tive a sorte de encontrar meu passaporte. Ali estava, ainda dobrado, no chão, sob um monte de palha e de lixo. Graças a Deus! Fiquei feliz como se me tivessem tirado uma montanha das

costas. Evidentemente, estava sujo e coberto de lama. Deu-me trabalho torná-lo de novo legível, mas pouco importa! Agora posso ir para casa com tudo em ordem. Voltei aqui para vos contar. O pior é que, de tanto correr, no meu susto, meu pé está uma ferida viva e não consigo andar. Vim para vos pedir também alguma pomada para fazer um curativo.

— Meu irmão, começou o mercador, tudo aconteceu por não teres querido ouvir-nos e ir à igreja conosco. Teu desejo era o de nos antecipar e, pelo contrário, aqui estás de volta, e, ainda por cima estropiado. Bem te disse que não corresses tão depressa com teus planos; agora vê o estado em que te encontras. Seria pouca coisa não quereres vir à igreja, mas o pior foi teres dito: "Que importa a Deus irmos lá?" Isso, sim, irmão, foi o teu erro.

Evidentemente, Deus não precisa de nossas orações de homens pecadores, mas, apesar de tudo, em seu amor por nós, ele quer que rezemos. O que lhe agrada não é somente a santa oração que o próprio Espírito Santo nos ajuda a oferecer e ergue em nós, posto que Ele nos pede quando diz: Permanecei em mim e eu em vós, mas cada impulso, cada pensamento oferecido à sua glória. Em troca, a infinita misericórdia de Deus concede recompensas generosas. O amor de Deus prodigaliza a graça, mil vezes mais do que as ações humanas o merecem. Se lhe deres a menor moeda, ele te pagará em ouro. Se apenas te propuseres ir ao Pai, ele virá ao teu encontro. Dize apenas uma palavra rápida e até mesmo sem convicção: "Recebei-me, Senhor, tende piedade de mim", e ele se precipitará e te envolverá com seu amor. Eis como o Pai celeste nos ama, por indignos que sejamos. E simplesmente, por causa deste amor, ele se regozija com cada um de nossos passos, embora pequeninos, tendo em mira a salvação.

Mas podes pensar: "Que glória há nisto para Deus? que benefício obteremos se rezarmos e logo depois nos fuja o pensamento? que ganharemos se fizermos algum bem, como o de pronunciar uma oração com cinco ou seis inclinações, se dermos um suspiro sincero, invocando o

nome de Jesus, ou prendermos nossa atenção num bom pensamento ou dedicarmos alguns instantes a uma leitura espiritual, se nos abstivermos de algum alimento ou suportarmos uma afronta em silêncio?" Tudo isto te parece nada influir na tua salvação e ser inútil a sua prática. Não! Nenhum destes mínimos atos é praticado em vão. Deus, que tudo vê, leva-los-á em conta e os recompensará nesta vida. São João Crisóstomo afirma: "Nenhum bem de qualquer espécie, por mais insignificante que seja, será desprezado pelo Juiz imparcial. Se os pecados devem ser examinados com minúcia tal, a ponto de termos de dar contas de toda palavra, desejo ou pensamento, quanto mais os atos bons, por mínimos que sejam, serão levados em consideração e pesarão diante de nosso Juiz cheio de amor!"

Vou citar-vos um fato que eu mesmo presenciei no ano passado:

No Mosteiro da Bessarábia, onde eu morava, havia um staretz, monge de santa vida. Certo dia, uma tentação o assaltou. Teve forte desejo de comer um peixe defumado. E como era impossível obtê-lo, no mosteiro, naquela época, projetou comprá-lo no mercado. Lutou durante muito tempo contra essa ideia, e raciocinou que um monge deve satisfazer-se com o alimento comum preparado pelos irmãos e que deve, por todos os meios, evitar satisfazer suas paixões. Além do mais, percorrer o mercado, no meio de tanta gente, seria expor-se a uma série de tentações. Reconhecia ser um procedimento errado. Mas, por fim, as astúcias do Inimigo venceram as suas objeções e ele, cedendo a seu desejo, decidiu partir em busca do peixe tão desejado.

Depois de sair do mosteiro e já caminhando na rua, lembrou-se de que não trouxera seu terço. Pensou: "Irei assim, como um soldado sem seu fuzil?" Estava por voltar para buscá-lo, quando, procurando melhor num dos bolsos, encontrou-o. Benzeu-se e, terço na mão, caminhou tranquilamente. Quando já chegava ao mercado, viu um cavalo junto a uma loja, atrelado a uma carroça, repleta de enormes barris. De repente, o cavalo, assustando-se não se sabe por que, saiu bruscamente e foi para

cima do monge, esbarrando-o pelos ombros e fazendo-o cair no chão, sem, contudo, machucá-lo com gravidade. Em seguida, a dois passos dele, a carga tombou e a carroça ficou em mil pedaços. O monge levantou-se imediatamente, maravilhado por Deus lhe ter preservado a vida, pois se a carga tivesse caído meio segundo antes, ele também se despedaçaria" como a carroça sob tão enorme peso. Sem mais pensar, comprou o peixe, voltou ao mosteiro onde o comeu, recitou suas orações e estirouse no catre para dormir.

Adormeceu levemente e, no seu sono, um staretz de aspecto bondoso, que ele não conhecia, apareceulhe e disse:

— Sou o protetor desta morada e quero ensinar-te a compreender e lembrar a lição que te foi dada. Ei-la, portanto: tua falta de esforço contra o pensamento de um prazer e tua preguiça em discerni-la e dominá-la, deu ao inimigo uma oportunidade para te atacar. Ele preparara para ti aquele acidente, mas teu anjo da guarda o pressentiu e te sugeriu oferecer uma oração e lembrar-te de teu terço. Como atendeste à sua sugestão e a puseste em prática, esse ato salvou-te da morte Compreendes agora o amor de Deus aos homens, e sua recompensa generosa pelo mais leve olhar lançado para ele? Ao dizer essas palavras, o staretz da visão desapareceu rapidamente da cela. O monge ajoelhou-se e, ao fazê-lo, despertou para encontrar-se não mais sobre o leito, mas de joelhos, prostrado na soleira da porta. Contou a história dessa visão para benefício espiritual de outros e, entre eles, eu mesmo. O amor de Deus a nós, pecadores, é realmente ilimitado. Que consolo saber que um ato tão pequenino - sim, somente o fato de tirar o terço do bolso, levá-los nas mãos e ter invocado uma vez o nome de Deus - possa preservar a vida de um homem e que, na balança do julgamento final, uma rápida invocação ao nome de Jesus possa compensar tantas numerosas horas de preguiça? Eis, realmente, a recompensa em ouro, em troca de uma ínfima moeda. Vê, irmão, o poder da oração e a força do nome de Jesus, quando nós o invocamos. João

de Cárpato, na Filocalia, diz que, na Oração de Jesus, quando invocamos o santo Nome e dizemos: "Tende piedade de mim, pecador", a cada apelo a voz de Deus responde em segredo: "Meu filho, teus pecados te são perdoados". Acrescenta ele que, no momento em que pronunciamos a Oração, nada nos distingue dos santos, dos confessores e dos mártires. Porque, diz São João Crisóstomo, "por mais cobertos de pecados que estejamos, quando pronunciamos a Oração, ela nos purifica imediatamente. A misericórdia de Deus para conosco é infinita, embora nós, pecadores, sejamos indiferentes, embora recusemos até mesmo o dar-lhe uma hora em agradecimento, e prefiramos nossas agitações e preocupações à Oração que vale mais do que qualquer outra coisa, esquecendo-nos de Deus e de nosso dever. Por esse motivo deparamo-nos muitas vezes com desgraças e calamidades de que o Amor infinito da Providência divina se serve para nosso crescimento espiritual e para erguer nossos corações a Deus".

Quando o negociante parou de falar ao suboficial, eu lhe disse: "Que alívio trouxestes também à minha alma pecadora. De bom grado eu me prostraria a vossos pés". Ao ouvir essas palavras, continuou a falar-me:

— Pareceis grande amante de casos religiosos. Esperai um pouco e vou ler-vos outro, semelhante ao que acabei de narrar. Tenho aqui um livro que me acompanha em todas as minhas viagens e se intitula Agapia, ou a salvação dos pecadores. Nele encontramos fatos impressionantes. Tirou o livro do bolso e começou a ler uma bela história a respeito de Agatonice, a quem, desde pequenino, os piedosos pais ensinaram a dizer todos os dias, diante do ícone da Mãe de Deus, a oração que começa com estas palavras: "Regozijai-vos, Virgem que gerastes Deus". E ele o fez sempre. Mais tarde, ao tornar-se adulto, deixando-se absorver pelas ocupações e agitação da vida, foi espaçando a recitação daquela prece, e acabou por abandoná-la totalmente. Certo dia hospedou, por uma noite, um peregrino que lhe disse ser um ermitão da Tebaida e ter recebido, em visão, a ordem de ir procurar certa pessoa de nome Agatonice para

repreendê-lo por ter abandonado a oração da Mãe de Deus. Agatonice justificou-se, dizendo ter rezado a oração durante muitos anos, sem obter resultado algum. O eremita disse-lhe então:

— Cego e ingrato, eis o que és! Pensa um pouco nas vezes que esta oração te ajudou e te livrou de desastres. Lembra-te de que, em tua juventude, foste milagrosamente salvo de um afogamento. Já te esqueceste de que uma epidemia ceifou a vida de inúmeros amigos teus, enquanto a tua foi preservada? Lembras-te que, levando um amigo, ambos caíram da carruagem, ele teve a perna fraturada e tu nada sofreste? Ignoras que um rapaz, companheiro teu, até há pouco tempo forte e sadio, está agora estendido num leito, fraco e doente, enquanto gozas de perfeita saúde? Lembrou a Agatonice muitos outros fatos, e prosseguiu:

— Não te esqueças de que todos esses males te foram poupados pela proteção da Santíssima Mãe de Deus, graças àquela curta oração que, todos os dias, unia teu coração a Deus. Presta atenção, retoma-a e nunca abandones o louvor à Rainha dos céus, para que ela não te abandone também. Quando ele terminou de ler, chamaram-nos para o almoço, após o qual, restauradas as forças, agradecemos ao nosso anfitrião e retomamos a caminhada. Separamo-nos e cada um tomou o rumo que lhe pareceu melhor.

Andei uns cinco dias aproximadamente, reconfortado com a lembrança das histórias ouvidas do bom negociante de Bielaia Tserkov, e cheguei a Kiev. De repente, sem nenhum motivo aparente, comecei a me sentir triste e abatido, meus pensamentos se envolveram de opacidade e desânimo. A Oração não me atraía e uma espécie de indolência tomou conta de mim. Avistando um bosque formado por densa vegetação, nele penetrei, a fim de descansar um pouco, procurando ao mesmo tempo um lugar afastado onde pudesse sentar-me sob uma sombra e ler minha Filocalia. Desejava reanimar meu espírito abatido e combater minha fraqueza. Encontrei um lugar tranquilo e comecei a ler João Cassiano, o romano, na

quarta parte da Filocalia, em seu texto sobre os Oito Pensamentos. Lera, com prazer, cerca de meia hora, quando percebi, de modo totalmente inesperado, o vulto de um homem, a uns cem metros de distância, para dentro da floresta. Estava ajoelhado, totalmente imóvel. Fiquei contente ao vê-lo, porque deduzi que estivesse em oração, e me repus a ler. Li durante uma hora ou mais e olhei-o de novo. Continuava na mesma posição, sem o menor movimento. Fiquei emocionado e pensei comigo mesmo: "Como existem fiéis servidores de Deus!"

Enquanto refletia sobre isso, inesperadamente, o homem caiu e ficou estendido no chão. Surpreendi-me com o que aconteceu e, como não pudera ver seu rosto por estar de costas para mim, enquanto permaneceu de joelhos, fiquei curioso e me aproximei para ver quem era. Tratava-se de um rapaz de vinte e cinco anos, aproximadamente, um campônio de fisionomia agradável, aspecto sadio, mas pálido. Vestia um cafetã de gente do povo, com um cordão de fibra natural à guisa de cinto e mais nada digno de nota: nem uma sacola, nem mesmo um bordão. Com o ruído de minha aproximação, despertou e levantou-se. Perguntei-lhe quem era; disse-me ser um camponês da província de Smolensk e vir de Kiev.

— E para onde pretendeis ir agora? indaguei-lhe.

— Nem mesmo eu sei; vou para onde Deus me conduzir, foi sua resposta.

— Há muito tempo que deixastes vossa casa?

— Sim; há mais de quatro anos.

— E onde estivestes durante todo esse tempo?

— Fui de santuário em santuário, aos mosteiros e igrejas. Não tinha sentido continuar onde morava.

Sou órfão e não tenho parente algum. Além do mais, tenho um pé deformado. Vivo, portanto, como um errante no mundo.

— Alguém que teme a Deus - como tudo indica - ensinou-vos a andar, não sem meta, mas visitando lugares santos, disse-lhe eu.

— Foi assim, continuou ele; sem pai nem mãe, acompanhava, em criança, os pastores, aqueles que guardavam os rebanhos. Fui bem feliz até a idade de dez anos. Um dia, reuni o rebanho e trouxe-o de volta, sem perceber que o melhor carneiro do starosta e extraviara. Nosso starosta era um camponês duro e desumano. Quando chegou a casa naquele dia e viu que lhe faltava um carneiro, lançou-se sobre mim com injúrias e ameaças. Jurou que, se eu não trouxesse o carneiro de volta, me espancaria até matar-me. E acrescentou: "Eu te quebrarei pernas e braços". Sabendo o quanto ele era cruel, parti em busca do carneiro, percorrendo todos os lugares por onde passara com o rebanho, durante o dia. Procurei e procurei, até mais da metade da noite, mas em vão. Nenhum vestígio do animal. Era uma noite fria e escura, pois o outono estava próximo. Tendo-me embrenhado na floresta - e naquela região as florestas são imensas - ergueu-se de repente forte temporal. As árvores vergavam sob a fúria do vento. Ao longe, os lobos uivavam. Fui tomado de pânico. A situação piorava cada vez mais, e pensava morrer de medo e horror. Caí, então, de joelhos, benzi-me e, com todo o coração, murmurei: "Senhor Jesus Cristo, tende piedade de mim!"

Mal pronunciara essas palavras, senti-me perfeitamente em paz, como se não tivesse passado por nenhum perigo. Todo meu pavor desapareceu e meu coração parecia leve e feliz como se tivesse sido transportado ao céu. Enchi-me de alegria e, podeis crer, não interrompi a Oração por nem mais um instante sequer, Ainda hoje, não sei se a tempestade se prolongou por muito tempo, nem percebi a noite passar. Vi nascer o dia e encontrava-me ali, ajoelhado no mesmo lugar. Levantei-me, compreendi que nunca iria encontrar o carneiro e voltei. Mas, interiormente, estava em grande paz e pronunciava a Oração com toda a alegria em meu coração. Ao chegar a casa, o starosta viu que voltava sem o carneiro e espancou-me até deixar-me

semimorto; luxou-me este pé, como podeis ver. Permaneci deitado, quase sem poder me mover, durante umas seis semanas após o ocorrido. Tudo que eu sabia era que recitava a Oração e ela me reconfortava. Quando me senti um pouco melhor pus-me a correr mundo, e como não me interessava esbarrar a cada instante com a multidão, o que é sempre ocasião de muitos pecados, resolvi percorrer os lugares santos, de um a outro, e deter-me nas florestas. E assim venho vivendo há quase cinco anos.

Depois de ouvir tal relato, meu coração encheu-se de alegria por Deus ter-me julgado digno de encontrar pessoa tão piedosa e perguntei-lhe:

— E continuais a recitar a Oração frequentemente até agora?

— Não poderia existir sem ela, respondeu-me. Sempre que me recordo daquela primeira vez em que caí de joelhos na floresta, é como se alguém me impulsionasse de novo a ajoelhar e ponho-me a rezar. Não sei se minha oração agrada ou não a Deus: algumas vezes experimento uma felicidade enorme, uma leveza de alma indescritível, uma espécie de plenitude feliz. Outras vezes, porém, sinto um torpor triste, um grande desânimo espiritual. Apesar de tudo, quero continuar a rezar até à morte.

— Não vos aflijais com isso, meu querido irmão. Tudo agrada a Deus; tudo o que acontece durante a oração, contribui para nossa salvação. É o que dizem os santos Padres. Seja a leveza da alma ou o torpor, tudo é bom. Nenhuma oração, bem ou mal pronunciada, é insignificante aos olhos de Deus. Leveza, ardor e alegria demonstram que Deus nos recompensa e nos consola pelo nosso esforço, ao passo que insensibilidade, esmorecimento e frieza significam que Deus purifica e fortifica a alma, e, através desta provação salutar, a salva, preparando-a, na humildade, para as alegrias que virão. A fim de comprovar o que vos disse, vou ler-vos o que escreveu São João Clímaco. Encontrei o trecho desejado e li para ele. Ouviu com atenção e alegrou-se, agradecendo-me de todo o coração. Depois nos despedimos e cada um tomou seu rumo. Ele embrenhou-se de novo na

floresta e eu voltei para a estrada. Continuei meu caminho, agradecendo a Deus porque me considerou, apesar de pecador, digno de receber tal ensinamento.

No dia seguinte, com a ajuda de Deus, cheguei a Kiev. A primeira e principal coisa que desejava fazer era jejuar, confessar-me e comungar naquela cidade santa. Alojei-me junto aos Santos por me ser mais cômodo para ir à igreja. Um bondoso cossaco chamou-me e como vivia sozinho numa cabana, aí encontrei sossego e paz. Após uma semana na qual me preparei para a confissão, pensei em fazê-la o mais minuciosamente possível. Pus-me a rememorar e examinar todos os meus pecados desde a juventude, com precisão, e para nada omitir, escrevi o de que pude me lembrar, com todos os pormenores. Enchi uma grande folha de papel.

Soube que em Kitaevaya Pustins, a cerca de sete verstas de Kiev, havia um sacerdote de vida ascética e grande discernimento. Quem se confessava com ele encontrava um sentimento de terna compreensão e levava consigo um ensinamento para a salvação e muita paz na alma. Fiquei satisfeito ao saber disso, e parti imediatamente para encontrá-lo. Pedi-lhe a sua ajuda e conversamos um momento; depois, entreguei-lhe minha folha. Leu-a atentamente, e disse-me:

— Meu caro amigo, grande parte do que escreveste é totalmente fútil. Escuta. Antes de tudo, não confesses nunca os pecados já acusados e perdoados. Esquece-te deles; seria pôr em dúvida o sacramento da penitência. A seguir, não rememores as outras pessoas associadas a teus pecados; julga-te apenas a ti mesmo. Em terceiro lugar, os santos Padres proíbem-nos de mencionar todas as circunstâncias dos pecados, e aconselham confessá-los em termos gerais, de modo a afastar a tentação tanto de nós mesmos quanto do padre. Em quarto lugar, vieste para arrepender-te e não te arrependeste por não saberes arrepender-te; quer dizer: tua penitência é morna e negligente. Em quinto lugar, tu te detiveste em minúcias; o mais importante, porém, foi omitido: não expuseste os pecados mais

relevantes: não confessaste, nem escreveste que não amas a Deus, que odeias teu próximo, que não crês no Verbo de Deus e que tu mesmo só és orgulho e ambição. O mal se enraíza nesses quatro pecados, origem de toda a nossa depravação espiritual. São as raízes mestras de onde brotam todos os pecados nos quais caímos.

Fiquei muito surpreso ao ouvir essas palavras e disse:

— Perdoai-me, meu Pai, mas como é possível não amar a Deus, nosso Criador e Salvador? No que podemos crer, se não no Verbo de Deus, no qual reside toda verdade e santidade? Desejo o bem a todos meus semelhantes e por que motivo os odiaria? Nada tenho com que possa me orgulhar; aliás, repleto de pecados, nada tenho que seja merecedor de elogios, e que poderia ambicionar na pobreza em que vivo e com minha débil saúde? Estou convencido de que, se eu fosse um homem instruído e rico, então, sem dúvida, incorreria nas faltas que mencionastes.

— Que lástima, caro irmão, não teres compreendido nada do que expus. Acredito que aprenderás mais depressa se te mostrar estas notas. Sirvo-me delas para minhas próprias confissões. Lê-as até o fim e verás claramente a prova exata do que acabei de te dizer:

Uma confissão que leva o homem interior à humildade

Voltando os olhos atentamente sobre mim mesmo, e examinando as disposições de minha consciência, verifiquei, por experiência própria, que não amo a Deus, que não amo aos meus semelhantes, que não tenho fé, que sou cheio de orgulho e de ambição. Tudo isso encontro, realmente, em mim, após um exame minucioso de meus sentimentos e de minha consciência. Portanto: 1. Não amo a Deus porque, se o amasse, pensaria continuamente nele, com alegria profunda. Cada pensamento de Deus causar-me-ia prazer e deleite. Pelo contrário, o mais das vezes, e bem mais ardentemente, penso nas coisas do mundo, e pensar em Deus é, para mim, trabalho e aridez. Se amasse a Deus, falar com ele, durante a oração, seria

meu alimento e minha alegria e levar-me-ia a uma comunhão ininterrupta com ele. Mas, pelo contrário, não somente não encontro prazer algum na oração, como também a faço com esforço. Luto com aversão, esmoreço pela preguiça, e estou sempre pronto a empenhar-me em qualquer ninharia, desde que abrevie a oração ou dela me desvie. Meu tempo voa, quando me dedico a ocupações fúteis, mas, quando estou em colóquio com Deus, quando me ponho em sua presença, as horas parecem não passar. Aquele que ama alguém, nele pensa sem interrupção, cria na mente a sua imagem, zela por ele e em nenhuma circunstância o ser amado sai de seus pensamentos. No meu caso, durante o dia inteiro, é a custo que reservo uma hora para mergulhar-me na presença de Deus, para inflamar meu coração em sua lembrança, enquanto me entrego totalmente, vinte e três horas, em fervorosas oferendas aos ídolos de minhas preferências. Só me agrada falar de assuntos fúteis e que degradam a alma: sinto prazer nisso. Mas, quando se trata de meditar sobre Deus, surgem a aridez, o tédio e a preguiça. Mesmo quando, involuntariamente, a conversa toma um rumo espiritual, esforço-me em desviá-la para retomar o assunto de que gosto. Sou insaciavelmente curioso pelas novidades e acontecimentos políticos; procuro, com empenho, satisfazer meu amor às ciências e às artes. Mas o estudo da Lei de Deus, o conhecimento de Deus e da fé pouco me atraem e não correspondem a uma necessidade de minha alma. Não somente as considero como ocupação não essencial para um cristão, mas ainda, quando a ocasião se apresenta, tomo-as como uma espécie de supérfluo que poderá preencher minhas horas de lazer, em momentos disponíveis. Finalmente, se reconhecermos o amor a Deus pela observância de seus mandamentos ("Se me amais, observai meus mandamentos", diz Nosso Senhor Jesus Cristo, não somente não os observo, mas ainda pouco me esforço por fazê-lo e, reconhecendo bem, concluo que não amo a Deus. É o que diz Basílio, o grande: "A prova de que um homem não ama a Deus e seu Cristo consiste no fato de não observar seus mandamentos").

2. Também não amo o meu próximo, pois, não somente sou incapaz de sacrificar minha vida por ele (conforme pede o Evangelho), como não renuncio à minha comodidade, a meu bem-estar e à minha paz, pelo bem do próximo. Se eu o amasse como a mim mesmo, conforme manda o evangelho, suas aflições me entristeceriam e saberia regozijar-me com sua felicidade. Sucede o contrário: ouço sobre meu próximo histórias curiosas e dolorosas, sem me afligir; não me perturbam de modo algum ou - o que vem a ser pior - causam-me certo prazer. O mau comportamento de um irmão, em vez de ser por mim encoberto com amor, é proclamado com críticas. Seu bem-estar, suas honrarias e alegrias não me regozijam como se fossem meus, nem me provocam qualquer prazer especial, como se nada tivesse a ver com eles. O pior é suscitarem insidiosamente em mim a inveja ou o desprezo,

3. Não tenho a menor fé religiosa, falta-me crença na imortalidade e no evangelho. Se estivesse firmemente convencido de que, sem dúvida alguma, além do túmulo, existe a vida eterna e a recompensa dos atos desta vida, nisso pensaria continuamente. A própria ideia da imortalidade me cumularia de temor e passaria por esta vida como um estrangeiro que se prepara para a volta definitiva a seu país natal. Comigo, dá-se o contrário: nunca penso na eternidade e considero o fim desta vida terrena como o limite de minha existência. Nem sempre consigo reprimir este esconso pensamento: que sucedera no momento da morte? Se digo que creio na imortalidade, trata-se de uma afirmação teórica e meu coração está longe de possuir tal convicção. Minha conduta e a preocupação constante de satisfazer a vida dos sentidos testemunham-no com toda evidência. Se meu coração tivesse fé no santo evangelho como Palavra de Deus, dele me ocuparia continuamente, procuraria aprofundá-lo, nele me deleitaria e a ele prenderia minha atenção com profundo fervor. A sabedoria, a graça, o amor ali estão escondidos, e, noite e dia, eu me regozijaria no estudo da Lei de Deus. Seria meu alimento, meu pão cotidiano e meu

coração cumpriria espontaneamente suas leis. Nada do mundo teria força bastante para fazer-me desviar da Palavra de Deus. Pelo contrário, se de tempos em tempos leio ou escuto essa Palavra, é tão-somente como uma necessidade ou pela curiosidade natural; aliás, a tal leitura não presto atenção maior e acho-a insípida e sem interesse. Chego, geralmente, ao fim de minha leitura sem proveito algum, sempre disposto a trocá-la por um livro mundano que me proporciona maior prazer e onde encontro assuntos novos e interessantes.

4. Sou todo orgulho e egoísmo, pleno de amor sensual por mim mesmo. Todas as minhas ações o confirmam. Descobrindo algo bom em mim, desejo logo realçá-lo, vangloriar-me diante dos outros ou de mim mesmo, para me satisfazer com este bem. Embora simule uma humildade exterior, o atribuo a méritos meus e considero-me superior aos outros ou, pelo menos, não pior do que eles. Se reconheço uma falta em mim, procuro justificá-la e encobri-la, apresentando motivos deste teor: "Nasci assim" ou "ninguém tem o que me censurar". Irrito-me contra aqueles que não me tratam com respeito e considero-os incapazes de apreciar o valor das pessoas. Vanglorio-me de meus dons; considero os fracassos de meus empreendimentos como um insulto pessoal. Sinto prazer com as desventuras de meus inimigos. Se me esforço por fazer alguma boa ação, é com fito de me favorecer com certa honraria, é busca de uma satisfação espiritual ou consolação terrena. Em resumo, continuamente faço de mim um ídolo ao qual sirvo sem interrupção, procurando em cada coisa um alimento para minhas paixões e cobiças.

Ao examinar todos esses pontos, chego à conclusão de que sou orgulhoso, corrupto, incrédulo, sem amor a Deus, e de que odeio meu próximo. Que condição poderia ser mais culpável? A dos espíritos das trevas é melhor do que a minha. Eles, embora não amem a Deus, odeiem os homens e vivam de orgulho, pelo menos crêem e tremem. E eu? Poderá haver destino mais implacável do que este que se apresenta a mim? E que sentença

será mais severa do que aquela que vai julgar a vida despreocupada e louca que reconheço ser a minha?

Ao ler, de princípio ao fim, esse modelo de confissão que o sacerdote me dera, fiquei perplexo e pensei: "Deus do céu! que pecados assustadores se escondem em mim, e, até agora, não os havia notado!" O desejo de purificar-me através daquela leitura fez-me pedir àquele verdadeiro pai espiritual que me revelasse as causas de todos esses males e seus remédios. Começou, então, a instruir-me,

— Não amar a Deus, querido irmão, é consequência de uma fé deficiente e a causa dessa deficiência é a recusa de estudar a ciência verdadeira e sagrada, é o descaso às luzes da alma. Numa palavra: se não tens a fé, não podes amar; se não és um convicto, não podes amar e, para chegar a esta convicção, é preciso que tenhas um total e exato conhecimento do problema. Pela meditação, pelo estudo da Palavra de Deus e pela observação de tuas próprias experiências, deves despertar em tua alma uma sede, um anseio ou, como alguns denominam, uma "admiração" que suscita um insaciável desejo de tudo conhecer mais de perto e mais profundamente, a fim de assimilar sua natureza. Um escritor espiritual assim se exprime: "O amor, geralmente, cresce com o conhecimento e quanto maior for a profundeza e extensão do conhecimento, mais amor haverá, com maior facilidade o coração vai submeter-se e abrir-se ao amor a Deus, contemplando, atentamente, a plenitude e a beleza do mundo de Deus e seu amor infinito aos homens".

Como podes ver, a causa desses pecados é a indolente recusa de pensar nas coisas espirituais, preguiça que abafa a própria sensação da necessidade desses pensamentos. Se queres saber como superar esse mal, esforça-te na iluminação do espírito por todos os meios que estão a teu alcance, consegue-a pelo estudo diligente da Palavra de Deus e dos santos Padres, através da meditação e dos conselhos espirituais e pelos colóquios com aqueles que são sábios em Cristo. Ah! querido irmão, que infelicidade

é a nossa, unicamente por causa de nossa inércia em procurar a luz da alma na Palavra da verdade. Não estudamos a Lei de Deus, dia e noite, e não a meditamos de maneira assídua e aplicada. Por esse motivo, nosso homem interior tem fome e frio, sente-se frustrado, a ponto de não ter a coragem de dar um passo decisivo na via da virtude e da salvação! Assim sendo, tomemos a resolução de utilizar tais métodos e, tanto quanto possível, ocupemos nosso espírito com o pensamento das coisas celestes; e o amor derramado do Alto em nossos corações inflama-se em nós. Assim o faremos, pois, e rezaremos o mais frequentemente que nos for possível, porque a oração é o principal e mais possante meio para nossa renovação e bem-estar. Rezaremos com os termos que a Santa Igreja nos ensina: "Ó Deus, tornai-me capaz de vos amar agora, como no passado amei o pecado".

Prestava a máxima atenção a todas as suas palavras. Profundamente emocionado, pedi àquele padre santo que ouvisse minha confissão e me desse a comunhão. E na manhã seguinte, após ter tido a graça de receber a Eucaristia, pensei em voltar a Kiev, com este santo viático. Mas o bom padre que ia à Laura por dois dias, concedeu-me, durante este tempo, a hospitalidade de sua cela, para que eu pudesse entregar-me livremente à oração. Foi como se tivesse vivido dois dias no paraíso. Pelas orações de meu staretz, embora indigno como sou, saboreei a paz perfeita. A Oração afluía em meu coração com tanta naturalidade e alegria que, durante aquele tempo, penso eu, esqueci-me de tudo e até de mim mesmo. No meu pensamento só havia Jesus, e só ele.

Por fim, o padre voltou e pedi-lhe orientação e conselhos: "Aonde ir agora, no meu caminho de peregrino?" Deu-me a sua bênção e disse-me: "Vai a Pochaev venerar, naquele local, a marca milagrosa dos pés da santíssima Mãe de Deus, e ela guiará teus passos no caminho da paz".

Confiando em seu conselho, três dias depois parti para Pochaev.

Umas duzentas verstas, aproximadamente, a estrada era ladeada por hospedarias e vilarejos de judeus e dificilmente deparei com uma habitação cristã. Afinal encontrei a hospedaria cristã que procurava. Ali entrei para passar a noite e pedir pão para a nova caminhada, pois, minhas reservas se esgotaram. Vi o hospedeiro, um velho simpático e, desde logo, fiquei sabendo que pertencia à mesma região que eu, Orlov. Entrei diretamente na sala e sua primeira pergunta foi: "A que religião pertences?" Respondi que era cristão e ortodoxo.

— Ortodoxo! disse ele a rir. Vocês, ortodoxos o são de palavras, mas não passam de pagãos em seus atos. Conheço bem tua religião. Um padre culto insistiu comigo e uma vez fez-me conhecê-la. Ingressei em sua Igreja e lá fiquei seis meses. Depois disso, voltei aos costumes de nossa comunidade. Pertencer à sua Igreja não passa de ilusão. Os leitores balbuciam o ofício de qualquer maneira, omitindo rubricas e pronunciando outras que não se compreendem. E o canto não é melhor do que qualquer um que se ouve num boteco. As pessoas se mantêm aglomeradas, homens e mulheres juntos; falam durante as cerimônias, voltam a cabeça, olham para os lados, andam de um banco para outro e não cooperam para a paz e a tranquilidade dos que desejam orar. Que espécie de adoração é essa? Um pecado! eis o que é! Na nossa, como o ofício é piedoso, pode-se ouvir tudo que é dito, nada é omitido, o canto, dos mais comoventes, e o povo se mantém quieto, calmo, homens de um lado, mulheres de outro, e cada um sabe as inclinações que deve fazer no momento adequado, segundo os ensinamentos da santa Igreja. Com sinceridade, ao entrar numa de nossas igrejas, sente-se que ali Deus é adorado. Mas, numa das suas, não se sabe se estamos num santuário ou num mercado.

Após tudo ouvir, compreendi que o ancião era um Velho Crente convicto. O que dissera era tão plausível que não me dava margem para discutir, nem tentar convencê-lo. Comigo mesmo pensei que seria impossível converter os Velhos Crentes à verdadeira Igreja, enquanto não

organizássemos melhor as nossas cerimônias e o clero, em particular, não desse exemplo. O Velho Crente nada conhece da vida interior, atém-se às coisas exteriores e são essas as que descuidamos. Decidido a partir, já me dirigia à saída, quando vi, para grande surpresa minha, pela porta aberta de um quarto particular, um homem que não parecia russo. Lia, deitado na cama. Fez-me sinal para entrar e perguntou quem eu era. Disse-lhe, e ele então começou a falar:

— Escuta, amigo. Não aceitarias tratar de mim, doente - por uma semana, digamos - até que, com o auxílio de Deus, venha a melhorar? Sou grego, monge do Monte Atos. Estou na Rússia, a fim de coletar esmolas para meu mosteiro. Quando me preparava pra voltar, caí doente. As pernas doem tanto que me é impossível caminhar. Por este motivo, tomei este quarto. Não recuses, servo de Deus! Eu te pagarei.

— Não se cogita em pagamento. Vou tratar-vos da melhor maneira que puder, em nome de Deus. Resolvi, pois, ficar. Dele aprendi muitas coisas que dizem respeito à salvação de nossas almas. Faloume de Atos, a Montanha Sagrada, dos grandes ascetas que ali vivem, e dos inúmeros eremitas e anacoretas. Tinha com ele um exemplar da Filocalia, em grego, e um livro de Isaac, o Sírio. Lemos juntos, e comparamos a tradução eslavônia de Paísius Velichkovsky com o original grego. Chegou à conclusão de que seria impossível dar à Filocalia maior exatidão e fidelidade do que o fizera Paísius em eslavônio.

Observei que se mantinha sempre em oração e possuía grande experiência da Oração interior. Como falasse o russo com perfeição, muito o questionei sobre esta matéria. Imediatamente pôs-se a falar no assunto e eu o ouvia com a maior atenção. Fiz diversas anotações enquanto ele expunha o que sabia. Instruiu-me, por exemplo, a respeito da excelência e grandeza da Oração de Jesus nestes termos: "A própria forma da Oração de Jesus mostra o quanto é grande esta Oração. Constitui-se de duas partes. A primeira, "Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus", dirige nossos

pensamentos para o mistério de Jesus Cristo e, como dizem os santos Padres, é um resumo do evangelho. A segunda parte, "Tende piedade de mim, pecador", insere-nos na realidade de nossa natureza decaída. Observemos que o desejo e a súplica de uma alma pobre e humilde não poderiam exprimir-se em termos mais sensatos, mais sábios, mais evidentes e mais exatos do que estes: "Tende piedade de mim". Nenhuma outra fórmula seria tão satisfatória e completa.

Se disséssemos, por exemplo: "Perdoai-me, redimi meus pecados, purificai-me de minhas transgressões, apagai minhas ofensas", exprimiríamos apenas um pedido - o de ser libertado do castigo, temor de uma alma fraca e de pouca energia. Mas dizer: "Tende piedade de mim" exprime não somente o desejo do perdão por medo, mas o grito sincero do amor filial que coloca sua esperança na misericórdia de Deus e humildemente se confessa fraco demais para dobrar sua vontade própria e vigiar-se continuamente. É um apelo à misericórdia - à graça, portanto - que se manifestará pela força que Deus nos dará, para tornar-nos capazes de resistir à tentação e vencer nossa inclinação ao pecado. É como um devedor insolvente, pedindo a seu credor - amigo seu - não somente que lhe perdoe a dívida, mas tenha ainda piedade da sua extrema pobreza e lhe conceda a esmola. Eis o que exprimem estas palavras profundas: "Tende piedade de mim". É como se suplicássemos: "Senhor misericordioso, perdoai meus pecados e ajudai-me a corrigir-me; despertai em minha alma o vivo desejo de cumprir vosso mandamento. Derramai vossa graça, perdoando meus pecados presentes e voltai meus pensamentos, minha vontade e meu coração indiferente, somente para vós".

Enquanto ouvia, maravilhava-me com a sabedoria de seu discurso, agradeci-lhe o que ensinou à minha alma pecadora, e ele prosseguiu, revelando-me segredos maravilhosos.

— Se quiseres, disse ele (e compreendi que era um erudito, pois estudara na Academia de Atenas), falarei agora da entonação com que se

pronuncia a Oração de Jesus. Acontece que ouvi muitos cristãos, tementes a Deus, recitarem esta Oração, como manda o Verbo de Deus e segundo a tradição da santa Igreja. Observam essa entonação em suas orações particulares, e também na igreja. Se ouvires atentamente, e de boa vontade, a tranquila recitação desta Oração, observarás, para teu proveito espiritual, que o tom da voz que ora, varia segundo as pessoas. Por exemplo: alguns põem toda a acentuação na primeira palavra, e dizem Senhor Jesus Cristo, depois terminam num tom uniforme. Outros começam com esta voz uniforme e acentuam, no meio da Oração, a palavra Jesus, como uma exclamação, e terminam com a mesma voz não acentuada do início. Outros começam e prosseguem a Oração sem entonação, até às últimas palavras - tende piedade de mim - e erguem, então, suas vozes como em êxtase. Alguns, finalmente, dizem toda a Oração - Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tende piedade de mim, pecador - colocando a acentuação na única fórmula Filho de Deus.

Agora, escutai. Há uma única e mesma Oração. Os cristãos ortodoxos têm uma única e mesma fé, e todos sabem que esta Oração, sublime entre todas, contém dois elementos básicos: o Senhor Jesus e o apelo dirigido a ele. Todos o reconhecem. Por que, então, não a exprimiriam da mesma maneira, no mesmo tom? Por que motivo a alma se exprime, com uma entonação particular, não só no único e mesmo vocábulo para todos, mas em determinado vocábulo para cada um? Muitos dizem ser o resultado do hábito ou da imitação, ou depender de interpretações diferentes dos termos, segundo os pontos de vista individuais, ou enfim, a maneira que brota com maior espontaneidade, em cada um. Não penso assim. Gostaria de encontrar uma razão mais elevada, algo desconhecido, não somente do auditor, mas da própria pessoa que ora. Não haverá um impulso oculto do Espírito Santo, que intercede por nós, com gemidos, impossível de ser inventado por aqueles que não sabem por que nem como rezar? E, se é pelo Espírito Santo, segundo a palavra do apóstolo, que cada um invoca

o nome de Jesus Cristo, o Espírito que age em segredo e dá a Oração àquele que reza, favorece cada um com um dom particular, apesar de sua fraqueza. Pode ele conceder assim, a um o temor reverenciai de Deus, a outro o amor, a um terceiro a firmeza da fé, a outro a humildade da graça, e assim por diante. Se assim é, aquele que recebeu a graça de reverenciar e de louvar a força do Todo-poderoso insistirá especialmente na palavra Senhor, na qual encontra a grandeza e o poder do Criador do mundo. Outro, a quem foi concedida a efusão secreta do amor no coração, enleva-se e é cumulado de felicidade, quando exclama Jesus Cristo, tal como estes startsi que não podiam ouvir o nome de Jesus, mesmo em conversas banais, sem experimentar um particular afluxo de amor e de alegria. Aquele que crê firmemente na divindade de Jesus Cristo, consubstanciai ao Pai, é gratificado por uma fé ainda mais ardente, ao dizer as palavras Filho de Deus. Quem recebeu o dom da humildade e possui profunda consciência de sua própria fraqueza, sente-se humilhado e arrependido, ao pronunciar as palavras

Tende piedade de mim, e expande o coração nessas últimas palavras da Oração de Jesus. Alimenta a esperança que depõe na amorosa bondade de Deus e abomina sua própria queda no pecado. É aí, penso eu, que se devem procurar as causas das diferentes entonações com que se pronuncia a Oração do Nome de Jesus. E, ao ouvir essas entonações podeis reconhecer, para a glória de Deus e vossa própria edificação, qual a emoção que mais especialmente ele possui. Muitas pessoas me disseram a esse respeito: - Por que não aparecem juntas e reunidas essas três manifestações dos dons espirituais? Não apenas algumas, mas todas as palavras da Oração ficariam, então, impregnadas de um único e mesmo tom de encantamento.

Respondi com estas palavras: - Já que a graça de Deus reparte seus dons com sabedoria, a cada um segundo sua capacidade, conforme vemos nas Sagradas Escrituras, quem pode pretender, dentro dos limites de seu entendimento, penetrar em todos os estados de graça? Não está a argila

inteiramente à disposição do oleiro para ser por ele modelada, conforme lhe aprouver? Passei cinco dias com este staretz, e ele começou a melhorar de saúde. Este tempo foi-me tão proveitoso que não me dei conta da rapidez com que passou. Naquele quarto pequenino, numa silenciosa reclusão, só nos ocupávamos com a invocação do nome de Jesus, ou a trocar ideias a respeito do mesmo assunto: a Oração interior.

Certo dia, um peregrino veio ver-nos. Queixava-se amargamente dos judeus e insultava-os. Tivera de passar pelos seus vilarejos e sentia, pessoalmente, a hostilidade e a hipocrisia deles. Manifestava uma irritação tão grande que chegava a amaldiçoá-los e a dizer que não mereciam viver, por causa de sua obstinação e incredulidade. Declarou, finalmente, que lhes tinha tamanha aversão que não conseguia dominar-se.

— Não tens o direito, meu amigo, disse o staretz, de insultar e maldizer assim os judeus. Deus os criou como também a nós. Deverias respeitá-los, rezar por eles e nunca amaldiçoá-los. Podes crer-me: a aversão que sentes por eles vem do fato de não te teres ainda enraizado no amor a Deus e não possuíres a Oração interior. Vou ler-te um trecho dos santos Padres a este respeito. Escuta o que escreveu Marcos, o asceta: "A alma que vive interiormente unida a Deus torna-se, de tão intensa que é sua alegria, uma criança simples e boa, que não condena ninguém - grego, pagão, judeu ou pecador, - mas vê a todos com o mesmo olhar purificado, encontra alegria no mundo inteiro e deseja que todos louvem a Deus - gregos, judeus e pagãos". E Macário, o Grande do Egito, diz que o contemplativo arde num tão grande amor que, se fosse possível, faria de si a morada de todos, sem diferença entre bons e maus.

Eis, caro irmão, o que pensam os Padres. Recomendo-te desfazer-te de tua violência e considerar todas as coisas sob o signo da onisciente providência de Deus e, ao sentires tais repulsas, acusa-te a ti mesmo de impaciência e falta de humildade.

Mais de uma semana decorreu, e, como meu staretz já estivesse restabelecido, agradeci-lhe do fundo do coração todos os abençoados ensinamentos que me ministrara. Depois disso, despedimo-nos. Ele pôs-se a caminho, para voltar a seu torrão natal, e eu retomei o itinerário projetado: aproximava-me, portanto, de Pochaev. Não fizera ainda cem verstas, quando um soldado me abordou. Voltava, disse-me ele, para sua cidade, em Kamenets Podolsk. Caminhamos umas dez verstas sem trocar uma palavra sequer. Notei que suspirava com frequência e profundamente, como se algo o preocupasse, e sua expressão era tristonha. Perguntei-lhe o que o afligia.

— Meu amigo, notastes meu desgosto e se jurardes, por tudo o que tendes de mais sagrado, não o revelar a ninguém, contarei minha história. Estou próximo da morte e não tenho com quem falar.

Afirmei-lhe que, como cristão, não teria o menor interesse em passar adiante o que me contasse. E, por amor fraterno, sentir-me-ia feliz em dar-lhe os conselhos que pudesse.

— Pois bem, começou ele. Fui recrutado como soldado, entre os camponeses do Estado. Depois de uns cinco anos, o serviço tornou-se-me intolerável. Várias vezes mereci ser chicoteado por indisciplina e embriaguez. Pensava apenas em fugir, o que consegui. Vivi como desertor estes quinze últimos anos, sendo que, durante seis, escondi-me onde podia. Saqueava fazendas, armazéns, entrepostos. Roubava cavalos. Furtava nas lojas e mantinha essa espécie de tráfico sempre por conta própria. Desembaraçava-me dos bens roubados pelas mais diferentes maneiras. Gastava o dinheiro em bebidas, levava uma vida depravada e cometia todos os pecados possíveis. Apenas minha alma não pereceu. Através de mil estratagemas, saía-me sempre bem, mas, por fim, puseram-me na cadeia, por vagabundagem e falta de documentos.

Ainda aqui, encontrei jeito de fugir. Depois, inesperadamente, travei

conhecimento com um soldado licenciado que voltava para casa, numa província afastada. Como estivesse doente e mal conseguisse andar, pediu-me que o levasse até à aldeia mais próxima, onde encontraria lugar para se alojar. Acompanhei-o, pois. A polícia autorizou-nos a passar a noite num celeiro, sobre o feno, e lá nos deitamos. Quando acordei na manhã seguinte, percebi que o soldado estava morto. Então, mais que depressa, apossei-me de seu passaporte - ou melhor, de seu atestado de licenciamento e de bela quantia de dinheiro. Enquanto todos dormiam, desci do celeiro rapidamente, embrenhei-me na floresta e fugi.

Examinando seu passaporte, verifiquei ter ele aproximadamente a minha idade e os mesmos sinais característicos. Regozijei-me com o fato e viajei decididamente para a província de Astracã. Ali, comecei a me comportar melhor e consegui trabalho. Travei conhecimento com um ancião que possuía uma boa casa e negociava com gado. Vivia sozinho com a filha que era viúva. Depois de um ano, morando com ele, casei-me com essa jovem. Algum tempo depois, o pai morreu. Não podíamos continuar seu ramo de negócios. Voltei a beber, minha mulher também, e, em um ano, dilapidamos tudo quanto o velho nos deixara. Minha mulher caiu doente e faleceu. Vendi, então, tudo o que nos restava, incluída a casa, e bem depressa se foram as minhas reservas. Nada mais tinha para viver, nada para comer, e voltei a meu antigo tráfico de objetos roubados, com maior ousadia ainda, por possuir documentos. Retomei, assim, minha antiga vida, durante um ano, talvez. Seguiu-se um longo período de total fracasso. Roubei um cavalo velho e inútil de um bobile vendi-o a um abatedor para me alimentar. Levei o dinheiro à taberna e pus-me a beber. Resolvi ir à vila onde se realizaria um casamento, com a esperança de, após a festa, roubar tudo o que encontrasse, assim que todos adormecessem.

Como o sol estivesse ainda alto, encaminhei-me para a floresta, a fim de esperar a noite; deitei-me e dormi profundamente. Tive um sonho: vi-me numa bela e grande planície. De repente, uma nuvem densa e negra

encobriu o céu e ribombou um trovão tão forte que o chão tremeu sob meus pés e tive a impressão de que alguém me enterrava até os ombros, e a terra me comprimia de todos os lados. Somente a cabeça e as mãos se mantinham de fora. A seguir, dir-se-ia que aquela apavorante nuvem pousava no solo e dela surgiu meu avô, morto há mais de vinte anos. Era um homem reto que, durante trinta anos foi tesoureiro numa paróquia. Aproximou-se de mim com tal ar de cólera e ameaça que me fez tremer. À minha volta, via empilhadas todas as coisas que havia roubado em diferentes ocasiões da vida. Meu terror redobrou. Meu avô chegou-se mais perto e, apontando um amontoado de objetos furtados, disse:

— Que vem a ser isso? E dirigindo-se à terra, exclamava: Esmaga-o!

Então a terra pôs-se a esmagar-me tão fortemente que já não suportava a dor, nem conseguia desmaiar. Gemia e gritava: "Tende piedade de mim", mas o tormento continuava. Então, meu avô apontou para outro monte de antigos roubos e perguntou:

— Que vem a ser isso? Aperta-o mais ainda! Senti uma dor e uma angústia tão violentas que nenhuma tortura deste mundo lhe pode ser comparada. Finalmente, meu avô puxou para perto de mim o cavalo que furtara na véspera e exclamou:

— E isso, o que significa? Estreita-o ainda mais!

Impossível descrever a dor que senti então, de tal forma era cruel, terrível e extenuante. Tinha a impressão de que me trituravam os ossos e músculos, e essa dor pavorosa sufocava-me. Sabia que, se a tortura se prolongasse, eu perderia a consciência. Mas o cavalo deu-me um coice e abriu-me a face. No momento em que recebi o golpe, despertei. Chegara ao limite do terror e meu corpo inteiro tremia. Vi que o dia estava nascendo e o sol se erguia no horizonte. Levando a mão ao rosto, senti o sangue escorrer abundantemente; as partes de meu corpo que no sonho ficaram enterradas, estavam enrijecidas e dormentes, com formigamento

intolerável. Meu pavor era tal que foi difícil levantar-me e chegar até minha casa. Meu rosto doeu durante muito tempo. Podes ver ainda a cicatriz. Não a tinha antes.

Tão-somente a lembrança do que sofri nesse sonho faz com que o medo e o terror me invadam e aflijam tanto que não sei o que fazer de mim. O pior é que tal angústia se vai tornando cada vez mais frequente e acabei tendo medo das pessoas e passei a sentir-me envergonhado, como se todos conhecessem meu passado desonesto. Perdi a vontade de beber, comer e dormir, por causa desse tormento. Tornei-me um trapo. Pensei em voltar a meu regimento e aliviar o coração de tudo que o oprimia. Talvez Deus perdoasse meus pecados, se eu aceitasse meu castigo. Tive medo, porém, e a ideia da punição que me dariam tirou-me toda coragem. Assim sendo, desesperado, resolvi enforcar-me, mas depois pensei: de qualquer maneira não viverei muito tempo. Sei que vou morrer logo, pois, sinto-me totalmente sem forças. Por este motivo, quis voltar para minha terra, a fim de me despedir e morrer. Tenho um sobrinho lá. Estou caminhando há seis meses e, durante todo este tempo, a dor e o medo me atormentaram miseravelmente. Que pensais de tudo isso, meu amigo? Que devo fazer? Realmente, não aguento mais. Ao ouvir todo esse relato, fiquei perplexo e louvei a sabedoria e bondade de Deus que se utiliza de todos os meios para atingir um pecador. Disse-lhe, então:

— Querido irmão, durante o tempo que esse medo e angústia te assaltavam, deverias ter invocado a Deus. É o grande remédio para todos os nossos males.

— Isso, nunca! protestou ele. Creio que, se me tivesse posto a rezar, Deus ter-me-ia destruído instantaneamente.

— É um contra-senso o que dizes; é o demônio que te incute semelhantes ideias na cabeça. Não existe limite para a misericórdia de Deus; ele é compassivo para com o pecador e seu perdão está sempre à disposi-

ção daqueles que se arrependem. Talvez não conheças a Oração de Jesus: "Senhor Jesus Cristo, tende piedade de mim, pecador"? Deve-se repeti-la sem interrupção.

— Claro que conheço essa oração. Eu a recitava algumas vezes, para conservar a coragem quando me preparava para cometer um roubo.

— Neste caso, escuta. Deus não te destruiu quando te preparavas para cometer uma ação má e dizias a Oração. Crês que ele o fará, se te dispuseres a rezá-la no caminho do arrependimento? Reconhece que esses pensamentos só podem vir do demônio. Crê em mim, caro irmão, se quiseres pronunciar a Oração, sem nunca te preocupares com os pensamentos que podem advir, bem depressa ficarás curado. Todo medo e aflição acabam por desaparecer e obterás uma paz completa. Tornar-te-ás um homem piedoso e as paixões pecadoras vão desaparecer, eu te garanto, pois, já vi muitos outros exemplos em minha vida. Contei-lhe a seguir diversos casos em que se havia manifestado o maravilhoso poder da Oração de Jesus nos pecadores. Por fim, convenci-o a me acompanhar até junto à Mãe de Deus de Pochaev, refúgio dos pecadores, e ali confessar-se e receber a comunhão antes de voltar para sua casa.

Meu amigo soldado tudo ouviu atentamente, até com alegria, pelo que percebi, e aceitou o que lhe propus. Juntos, tomamos o caminho de Pochaev, sob a condição de que nenhum dos dois dirigiria a palavra ao outro, e recitaríamos a Oração todo o tempo do percurso. Em silêncio, caminhamos o dia inteiro. Na manhã seguinte, ele me disse que se sentia muito mais aliviado, e que, sem dúvida alguma, estava muito mais calmo do que antes. No terceiro dia, chegamos a Pochaev e ainda o exortei a não interromper a Oração, de dia ou de noite, enquanto estivesse acordado. Garanti-lhe que o santo nome de Jesus, insuportável para nossos inimigos espirituais, tinha o poder de salvá-lo. Li para ele, na Filocalia, que, embora devamos dizer a Oração em todos os momentos, temos de recitá-la com redobrada atenção, quando nos preparamos para a comunhão.

Foi o que ele fez; confessou-se e depois comungou. Embora, de tempos em tempos, os antigos pensamentos voltassem a atormentá-lo, não encontrou dificuldade em dissipá-los, através da Oração de Jesus. No domingo, a fim de levantar-se sem esforço para acompanhar as Matinas, deitou-se mais cedo, continuando a Oração de Jesus. Permaneci sentado no meu canto, lendo minha Filocalia; ele adormeceu e eu me entreguei à Oração. De repente, após uns vinte minutos, talvez, acordou sobressaltado, levantou-se depressa da cama, correu para junto de mim, banhado em lágrimas e transportado de alegria. Disse-me:

— Ah! irmão, se soubesses o que acabo de ver! que paz! que alegria! Creio que Deus é misericordioso para com os pecadores e não os atormenta. Glória a ti, Senhor, glória a ti! Surpreendido e curioso, pedi-lhe que me contasse, exatamente, o que lhe sucedera.

— Foi assim, principiou ele. Mal adormeci, vi-me naquela planície onde fui torturado. Meu primeiro ímpeto foi de terror, mas vi que, em lugar de uma nuvem, brilhava sol radioso, e uma luz ofuscante cobria toda a planície. No chão, flores lindas e variegadas. De repente, meu avô aproximou-se de mim, mais belo do que nunca, e saudou-me gentilmente. Disse-me: "Vai a Jitomir, à igreja São Jorge. A Igreja te tomará sob sua proteção. Passa ali o resto de tua vida e reza sem cessar. Deus será todo benevolência para ti". Ao dizer essas palavras, abençoou-me e desapareceu. Não lhe posso dizer a alegria que senti: foi como se um pesado fardo tivesse sido tirado de meus ombros e parecia que eu voava para o céu. Foi então que acordei, espírito e coração pacificados, repleto de tanta alegria que não posso conter. Que devo fazer agora? Creio que só me resta partir imediatamente para Jitomir, conforme os conselhos de meu avô. Será fácil, com a Oração.

— Calma, meu irmão. Como poderias partir agora, no meio da noite? Espera-as Matinas, faze tuas orações e então parte com Deus.

Não conseguimos conciliar o sono, depois dessa conversa. Fomos para a igreja; ele acompanhou todo o ofício das Matinas, rezando sincera e fervorosamente, sem poder conter o pranto. Disse-me que se sentia em paz e que, com alegria, continuaria a Oração de Jesus. Durante a Liturgia, recebeu a comunhão e após uma leve refeição, acompanhei-o até a estrada de Jitomir, onde nos separamos com lágrimas de contentamento.

Pus-me, então, a pensar em minha própria vida. Para onde ir agora? Resolvi voltar para Kiev. Os sábios ensinamentos de meu staretz atraíam-me para lá e, além do mais, se eu ficasse com ele, apareceria, talvez, algum amigo de Cristo e dos homens que me conduziria a Jerusalém ou, pelo menos, até o Monte Atos. Permaneci ainda uma semana em Pochaev, passando meu tempo a recordar todos os ensinamentos recebidos durante esta viagem, e a tomar notas de algumas coisas úteis. Preparei-me, depois, para a viagem, coloquei meu alforje e dirigi-me à igreja, para me recomendar à Mãe de Deus. Após a Liturgia, recitei minhas orações e estava pronto para partir. Encontrava-me no fundo da igreja, quando um homem entrou, não ricamente trajado, mas revelando ser de nobre estirpe e perguntou-me onde poderia comprar velas. Indiquei-lhe o lugar. Após a Liturgia, continuei a rezar diante do altar dos Estigmas. Terminadas as orações, pus-me a caminho. A pouca distância de onde saí, numa casa da rua principal, vi, à janela, um homem que lia um livro. Como passasse debaixo dessa janela, reconheci aquele que me perguntara, na igreja, onde poderia comprar velas. Cumprimentei-o e, ao ver-me, fez-me sinal para que me aproximasse e perguntou:

— Suponho que és peregrino?

— Sou, respondi.

Pediu-me que entrasse e quis saber quem eu era e aonde ia. Contei-lhe tudo que me dizia respeito, sem nada ocultar. Ofereceu-me uma chávena de chá e pôs-se a falar.

— Ouve-me, meu amigo. Aconselho-te a ir ao Mosteiro Solovetsky, numa das ilhas Solovets, no Mar Branco. Há lá um skit tranquilo e bem retirado, chamado Anzersky. É uma espécie de segundo Athos e quem lá chega é sempre bem-vindo. O noviciado consiste apenas nisto: cada um, por sua vez. lê o saltério quatro horas das vinte e quatro. Estou pensando em peregrinar até lá e fiz promessa de ir a pé. Poderíamos fazer a caminhada juntos. Seria mais seguro ir contigo. Dizem que a estrada é muito deserta. Além do mais, tenho dinheiro e poderia garantir tua subsistência, durante a viagem. Proponho-te as seguintes condições: caminharmos a uns vinte passos de distância um do outro; desse modo não haverá constrangimentos entre nós e poderemos ler ou meditar ao longo do caminho. Pensa, irmão, mas aceita, peço-te. Vale realmente a pena.

Tomei esse convite inesperado como um sinal enviado pela Mãe de Deus, a quem pedira que me indicasse o caminho da santidade. Sem mais refletir, aceitei a proposta do novo amigo e, no dia seguinte, partimos. Caminhamos durante três dias, e como fora combinado, um atrás do outro. Durante todo o tempo, ele leu um livro que não lhe saía das mãos, nem de dia, nem de noite; de vez em quando, interrompia a leitura por alguns instantes, para meditar. Chegamos, finalmente, a um vilarejo, e ali paramos, a fim de refazer nossas forças. Enquanto tomávamos a refeição, o livro continuava aberto, sem que dele o meu companheiro desviasse o olhar. Pude então ver que era um exemplar dos evangelhos e disse-lhe:

— Permiti-me, Senhor, que vos pergunte por que não vos separais dos evangelhos., dia e noite, por que o tendes continuamente entre as mãos?

— Porque neles, e somente neles, aprendo sem cessar.

— E que aprendeis?

— A vida cristã que se resume na oração. Estou convencido de que

a oração é meio de salvação, mais importante e mais necessário e o dever primordial de todo cristão. A oração é o primeiro passo na vida espiritual, é-lhe também o complemento, e, por esse motivo, o evangelho manda-nos rezar continuamente. Aos outros atos de piedade é reservado um tempo próprio, mas para a oração não há tempo inoportuno. Sem oração, é impossível fazer bem feito o que quer que seja e, sem os evangelhos, não podes aprender convenientemente como rezar. Assim sendo, todos aqueles que alcançaram a salvação por meio da vida interior, os santos pregadores do Verbo de Deus, como também os ermitões e os enclausurados, enfim, todos os cristãos, tementes a Deus, receberam seus conhecimentos através de sua constante e incansável penetração nas profundezas da Palavra de Deus e na leitura do evangelho. Muitos dentre eles traziam sempre os evangelhos nas mãos e, em seus ensinamentos sobre a salvação, davam este conselho: "Refugiai-vos no silêncio de vossa cela, lede e relede o evangelho". Eis, pois, o motivo pelo qual me prendo ao evangelho exclusivamente. Seu raciocínio muito me cativou, assim como seu apreço pela oração. Perguntei-lhe, em seguida, em qual evangelho, especialmente, ele encontrava instruções sobre a oração.

— Nos quatro, indiferentemente, me respondeu: no Novo Testamento inteiro, por assim dizer, lendo-o pela ordem. Leio-o, há muito tempo, procurando imbuir-me de seu sentido. Descobri que há uma gradação e um elo metódico de ensinamento, a respeito da oração, no santo evangelho, a partir do primeiro e ordenado até o fim, obedecendo a um critério. Por exemplo: bem no início, encontra-se a preparação ou a introdução ao estudo da oração; em seguida, sua forma ou sua expressão exterior em palavras. Mais adiante, encontramos as condições necessárias para oferecer a oração, e os meios de assimilá-la, através de exemplos; finalmente, o ensinamento secreto da Oração interior e espiritual constante do nome de Jesus Cristo, que é apresentada como mais elevada e salutar do que a oração exterior. A seguir, instruímo-nos sobre sua necessidade, seu

fruto bendito, e assim por diante. Numa palavra, adquirimos no evangelho um conhecimento completo e minucioso da prática da oração, numa ordem ou sequência metódica, do início ao fim. Essa resposta levou-me a pedir-lhe que me indicasse, pormenorizadamente, o que acabara de me expor. Disse-lhe eu:

— Gosto de ouvir falar da oração mais que de qualquer outra coisa, por isso, ficaria realmente feliz de conhecer todo este desenrolar secreto de ensinamentos sobre a oração, com todas as suas minúcias. Pelo amor de Deus, mostrai-me tudo isso, no próprio evangelho. Ele aceitou fazê-lo e disse-me:

— Abre teu evangelho; segue-o e anota o que te vou dizer. E entregou-me um lápis.

— Atenta para estas notas que tomei. Agora, disse ele, abre, para começar, o evangelho de são Mateus, capítulo 6 e lê os versículos 5 a 9. Como podes ver, temos aqui a preparação ou a introdução, ensinando que não é por vaidade e ruidosamente, mas num lugar solitário e na tranquilidade, que devemos nos colocar em atitude de oração. Mostra-nos que é preciso rezar unicamente para o perdão dos pecados, e a comunhão com Deus, sem acrescentar quantidade de pedidos inúteis, pedidos de coisas temporais, como fazem os pagãos. Continua a ler o mesmo capítulo, do nono ao décimo quarto versículo; aí encontrarás a forma da oração - isto é, em que termos ela deve ser expressa. Descobrirás, reunidos com muita sabedoria, todos os elementos necessários e desejáveis para nossa vida. Depois, passa a ler os versículos 14 e 15 do mesmo capítulo, e verás as condições necessárias para uma oração eficaz. Porque, se não perdoarmos àqueles que nos fizeram mal, Deus não perdoará os nossos pecados. Passa agora para o capítulo 7, e encontrarás, nos versículos 7 e 9, o modo de obter o fruto da oração, esperar audaciosamente - "pedi, buscai, batei". Essas expressões fortes descrevem a frequência da oração e a urgência em praticá-la, de tal modo que a oração não somente acompanhe todas

as ações, mas precede-as. Essa é a qualidade essencial da oração. Disso terás uma perfeita imagem no capítulo 14 de São Marcos, dos versículos 32 ao 40, onde o próprio Jesus Cristo repete frequentemente as mesmas fórmulas de oração. São Lucas, capítulo 11, versículo 5 a 14, dá um exemplo semelhante de oração repetida na parábola do amigo noturno e na petição reiterada da viúva importuna (Lc 18,1), apresentando o mandamento de Jesus Cristo que nos manda rezar sempre, em todo tempo e lugar, e sem nos entregarmos ao desânimo, isto é, à preguiça.

Após essa minuciosa explicação, é no evangelho de São João que nos é ministrado o ensinamento essencial sobre a oração secreta e interior do coração. Em primeiro lugar, é-nos apresentado no profundo relato do colóquio de Cristo com a samaritana, onde nos é revelada a adoração interior, em espírito e em verdade; o que Deus deseja é a verdadeira oração contínua, essa que, como uma água viva, jorra na vida eterna (Jo 4,5-25). Mais adiante, no capítulo 15, versículos 4-8, são-nos descritos, com maior precisão ainda, o poder, as possibilidades e a necessidade da oração interior - isto é, da atenção do espírito ao Cristo, à incessante lembrança de Deus. Por fim, lê os versículos 23 a 25, no capítulo 14 do mesmo evangelho. Atenta para o mistério que aí nos é revelado. Podes ver que a Oração do nome de Jesus Cristo, conhecida sob o nome de a Oração de Jesus - isto é, "Senhor Jesus Cristo, tende piedade de mim" - frequentemente repetida, possui imenso poder e muito facilmente abre o coração e o santifica. Podemos observá-lo com toda a clareza, no episódio dos apóstolos que tinham sido discípulos de Jesus por um ano inteiro e dele já tinham recebido a oração dominical, isto é, o "Pai nosso"; e é através deles que nós a conhecemos. Entretanto, no fim de sua vida terrena, Jesus Cristo lhes revelou o mistério que ainda faltava em sua oração. Para que essa pudesse dar um passo decisivo para a frente, disse-lhes ele: "Até agora, nada pedistes em meu nome. Em verdade, em verdade vos digo, tudo o que pedirdes ao Pai, em meu nome, ele vo-lo concederá". E foi o que

aconteceu para eles: quando os apóstolos aprenderam a rezar em nome de Jesus, quantas maravilhas realizaram! que luz abundante lhes foi prodigalizada! Percebeste agora o encadeamento, a plenitude do ensinamento sobre a oração dispostos com tanta sabedoria no santo evangelho? E, se continuares assim, pela leitura das epístolas, aí encontrarás também o mesmo ensinamento progressivo. Para completar as notas que já te dei, vou indicar-te diversas passagens que ilustram as qualidades da oração. Por exemplo: nos Atos, a prática é ali descrita - isto é, o diligente e constante exercício da oração pelos primeiros cristãos, iluminados que foram pela sua fé em Jesus Cristo (At 4,31). Os frutos da oração são-nos indicados, os resultados da oração contínua, isto é, a efusão do Espírito Santo e seus dons àqueles que o imploram. Verás algo semelhante no capítulo 6, do versículo 25 ao 26. Segue depois, por ordem, as epístolas e verás:

1. O quanto a oração é necessária em todas as circunstâncias (Tg 5,13-16).

2. Como o Espírito Santo nos ajuda a rezar (Jd 20-21 e Rm 8,12).

3. Como devemos, todos nós, rezar em espírito (Ef 6,18).

4. O quanto a calma e a paz interior são necessárias à oração (Fl 4,6-7).

5. Como é necessário orar sem cessar (1 Ts 5,17).

6. Finalmente, observamos que não se deve rezar somente por nós mesmos, mas também por todos os homens (1 Tm 2,1-5).

Assim sendo, ao consagrar muito tempo, com grande zelo, a descobrir seu significado, podemos ainda encontrar muitas outras revelações da ciência secreta, oculta na Palavra de Deus, e que nos escapa, se a lermos rara e apressadamente.

Percebeste, após o que acabei de te mostrar, com que sabedoria e método o Novo Testamento revela o ensinamento de Nosso Senhor Jesus Cristo sobre a questão que acabamos de examinar? - E com que maravi-

lhosa sequência é ela exposta, nos quatro evangelistas? É assim, portanto: em São Mateus, vemos a preparação, a introdução à oração, a verdadeira força da oração, suas condições e assim por diante. A seguir, em São Marcos, encontramos exemplos; em São Lucas, parábolas, e em São João, a prática da oração e seus resultados; nas epístolas apostólicas e no próprio Apocalipse, encontramos diversos aspectos do ato de oração. Eis por que tão-somente os evangelistas me são um mestre suficiente para todos os caminhos da salvação.

Durante o longo tempo em que ele me indicava os textos e me instruía, eu anotava nos evangelhos, na minha Bíblia, os capítulos e versículos mencionados. Esse método pareceu-me muito útil e instrutivo, e agradeci-lhe sinceramente. Depois desse intervalo, continuamos nossa caminhada, em silêncio, por mais cinco dias. Meu companheiro começou a sentir violenta dor nos pés, sem dúvida por não estar habituado a caminhar por tanto tempo. Alugou uma carroça puxada por dois cavalos e levou-me com ele. Assim chegamos a um lugarejo onde permanecemos durante três dias, a fim de, uma vez refeitos, partir para Anzersky, onde ele tão ardentemente desejava ir.

O staretz: Teu amigo é admirável. A julgai pela sua piedade, deve ser muito instruído. Gostaria de conhecê-lo.

O peregrino: Moro com ele. Amanhã eu o trago aqui. Já está ficando tarde. Adeus.

Sexto Relato

O peregrino: Conforme prometi ontem, pedi a meu venerando companheiro de estrada, que me ministrou instruções espirituais, e a quem desejáveis conhecer, o favor de me acompanhar até aqui. O staretz: Será um prazer para mim, e também, assim o espero, para meus venerandos hóspedes, recebê-los aqui, e ter ainda a oportunidade

de ouvir o relato de vossas experiências. Apresento-vos este respeitável skhimnik que está comigo e este outro sacerdote que nos dá grande exemplo de piedade E onde dois ou três estiverem reunidos em nome de Jesus Cristo, ele prometeu que ali estaria também. Somos agora cinco, em seu nome. Estou certo de que nos vai abençoar mais abundantemente. A história que vosso companheiro de estrada me contou, ontem à noite, caro irmão, a respeito de vosso ardente apego ao santo Evangelho, é digna de apreço e muito instrutiva. Seria interessante saber de que modo esse abençoado segredo vos foi revelado. O professor: Deus, repleto de amor e de imensa bondade, desejando que todos os homens sejam salvos e tenham o conhecimento da verdade, no-lo revelou de modo maravilhoso e sem nenhuma intervenção humana.

Durante cinco anos fui professor e levava uma vida melancólica e dissipada, cativado pela vã filosofia do mundo, e não seguindo Cristo. Talvez me arruinasse totalmente, se não tivesse sido sustentado, até certo ponto, pela presença de minha mãe muito piedosa, e minha irmã, pessoa muito amadurecida, com as quais eu morava. Um dia em que perambulava numa praça pública, travei conhecimento com um excelente rapaz que me disse ser francês e estudante. Chegara de Paris poucos dias antes e estava à procura de uma colocação como preceptor. Sua grande cultura me fascinou e como era estrangeiro, sem conhecimentos no nosso país, convidei-o para vir a minha casa e tornamo-nos amigos. Durante dois meses, visitou-me frequentemente. Saíamos juntos, divertíamo-nos e frequentávamos pessoas e lugares cuja imoralidade lhes será fácil imaginar. Procurou-me certo dia, com um convite desse gênero; para convencer-me mais depressa, pôs-se a elogiar a peculiar alegria e o prazer que desfrutaríamos naquele encontro que me sugeria. Depois de algumas palavras, pediu-me, de repente, que saíssemos de meu escritório, onde nos encontrávamos, e fôssemos para a sala. Achei estranha aquela sua atitude e disse-lhe que não compreendia por quê. Se nunca observei nele qualquer

constrangimento em ficarmos no escritório, qual o motivo de nos afastarmos dali? Acrescentei que a sala ficava ao lado do cômodo onde minha mãe e minha irmã se encontravam e correríamos o risco de aquela nossa conversa inconveniente ser ouvida por elas. Apresentou diversos pretextos e por fim confessou abertamente o que o constrangia: "Entre estes livros que estão aí, nas prateleiras, há um exemplar dos evangelhos. Tenho tal respeito por este livro que me sinto mal em falar de certos assuntos diante dele. Tira-o daqui para continuarmos a conversar livremente". Frívolo que era, não contive um sorriso diante daquele súbito escrúpulo. Retirei o evangelho da prateleira e disse-lhe: "Já há muito tempo, me devias ter dito".

Passei-lhe o livro, acrescentando: "Pois bem, põe-no em outro lugar, onde quiseres". Não chegou a tocar o livro; foi tomado de forte tremor e desapareceu. O fato me assustou de tal modo, que perdi os sentidos. Ao ouvir o ruído de minha queda, todos da casa acorreram e, durante mais de meia hora, foi-lhes impossível reanimar-me. Quando, finalmente, voltei a mim, estava assombrado e trêmulo; sentia-me completamente perturbado, minhas mãos e pés insensíveis e não conseguia movê-los. O médico chamado diagnosticou "paralisia provocada por choque ou susto violento". Permaneci imobilizado durante um ano inteiro após esse incidente, e, apesar de inúmeros tratamentos ministrados por diversos médicos, não obtive melhora alguma. Essa enfermidade obrigou-me a renunciar à minha profissão. Minha mãe, já bem idosa, morreu naquela época; minha irmã preparava-se para ingressar numa ordem religiosa, e esses fatores contribuíram para agravar minha enfermidade. O único consolo que encontrava durante esse período, foi o de ler os evangelhos, dos quais, desde o início da doença, nunca mais me separara.

Era uma espécie de prova do extraordinário acontecimento ocorrido em minha presença. Certo dia, um anacoreta desconhecido veio ver-me. Estava fazendo uma coleta para seu mosteiro. Falou-me de modo

muito persuasivo, e disse-me que eu não podia contar exclusivamente com os remédios que, sem o auxílio de Deus, nunca trariam nenhum alívio. Mostrou-me a necessidade de rogar a Deus e rezar especialmente por aquela causa precisa, pois a oração é o meio mais poderoso de curar todos os males, tanto corporais quanto espirituais,

— Como queres que eu reze nesta situação, quando não tenho condições para fazer o menor gesto de adoração, nem mesmo o de levar a mão à testa para me benzer? perguntei-lhe na minha perplexidade. Ele me respondeu:

— Reza como puderes, desta ou daquela maneira, mas reza.

Limitou-se a essas palavras e não me explicou, na realidade, de que modo rezar. Quando se retirou, comecei, quase involuntariamente, a pensar na oração, no seu poder e efeitos, relembrando a instrução religiosa que muito tempo antes recebera, quando ainda estudante. Tais recordações me eram agradáveis, renovavam meus conhecimentos de assuntos religiosos e me afervoravam o coração. Ao mesmo tempo, começava a sentir certo alívio no meu estado de saúde. Visto o livro dos evangelhos estar continuamente comigo, tão grande era a devoção que lhe consagrava após o milagre que presenciei, e porque me lembrasse de que toda a explicação da oração que ouvira nos cursos estava fundada no texto do evangelho, cheguei à conclusão de que o melhor a fazer seria um estudo sobre a oração e a espiritualidade cristã, baseado unicamente nos ensinamentos evangélicos. No trabalho de captar o sentido, eu ali o hauria, como de fonte abundante, e encontrava um método completo de vida espiritual e da verdadeira oração interior. Anotava com fervor os trechos relativos ao assunto, e daqueles dias em diante tentei, com toda a diligência, compreender este ensinamento divino e, com todo o meu empenho - mas não sem dificuldade - pô-lo em prática. Durante esse período em que eu assim me ocupava, a saúde foi melhorando a ponto de ter-me restabelecido completamente, como podeis constatar. Vivia sozinho. Para agradecer a

Deus sua paternal bondade, à qual eu devia minha cura e a iluminação de meu espírito, resolvi seguir o exemplo de minha irmã e a tendência de meu coração: consagrar-me à vida solitária para poder, sem empecilhos, receber e assimilar essas palavras de vida eterna que o Verbo de Deus me dava. Eis por que me acho aqui. Estou caminhando para uma ermida afastada, chamada Anzersky, perto do mosteiro Solovestsky, no Mar Branco. Ouvi referências abalizadas sobre o lugar, como sendo muito apropriado para a vida contemplativa. Quero dizer-vos ainda uma coisa: o santo evangelho me cumula de grandes consolações durante esta viagem, irradia uma luz abundante a meu espírito ignorante e aquece meu coração frio. Todavia, apesar de tudo que mencionei, reconheço sinceramente minha fraqueza e admito, com toda a lealdade, que as condições requeridas para cumprir o trabalho espiritual e alcançar a salvação, a necessidade da total renúncia de si mesmo, o despojamento e a humildade que o evangelho exige, assustam-me pela sua própria grandeza e por causa da fraqueza de meu coração.

Assim é que me encontro agora entre esperança e desespero. Não sei o que vai ser de mim no futuro. O monge: Com uma prova tão evidente da misericórdia de Deus, e baseado em vossa educação, seria imperdoável entregar-vos ao desânimo, ou mesmo, admitir que penetre em vossa alma a sombra de uma dúvida a respeito da proteção e socorro de Deus. Sabeis o que diz Crisóstomo, o iluminado de Deus, sobre este assunto? "Ninguém deve sentir-se desanimado, ensina ele, e dar a falsa impressão de que os preceitos do evangelho são impossíveis e impraticáveis. Deus, que predestinou o homem à salvação, evidentemente não impôs mandamentos que o homem transgrediria por causa de seu caráter impraticável, mas para que, pela sua santidade e essencialidade para uma verdadeira vida, possam ser uma bênção para nós, no mundo presente como na eternidade". Sem dúvida, o cumprimento regular e inflexível dos mandamentos de Deus é extraordinariamente difícil para nossa natureza decaída e, por este motivo,

a salvação não é fácil de ser alcançada, mas este mesmo Verbo de Deus, que impõe os mandamentos, oferece também os meios não somente de cumpri-los, mas, até mesmo, de neles encontrar satisfação. Se esse benefício, à primeira vista, é encoberto por um véu de mistério, naturalmente o é para que tenhamos uma humildade maior e para levar-nos mais facilmente à união com Deus, indicando-nos a premência de apelarmos sempre para ele através da oração e recorrendo à sua paterna ajuda. É nela que se encontra o segredo da salvação, e não na eficácia de nossos próprios esforços.

O peregrino: Quanto gostaria, fraco e incapaz como sou, de conseguir conhecer o segredo, para poder, pelo menos até certo ponto, corrigir minha vida indolente, para a glória de Deus e minha própria salvação!

O monge: O segredo já vos foi revelado, caro irmão, através de vosso livro, a Filocalia. Tudo se encerra nesta oração incessante, da qual fizestes um estudo tão aprofundado e na qual depositastes tanto zelo e encontrastes tanta satisfação.

O peregrino: Lanço-me a vossos pés, meu Pai. Pelo amor de Deus, fazei-me ouvir, de vossos próprios lábios, algo para o meu bem, sobre este mistério salvador da santa oração, oração esta da qual desejo ouvir falar mais do que tudo no mundo, e sobre a qual tanto me apraz ler os comentários, a fim de adquirir força e consolação para minha alma pecadora.

O monge: Não posso satisfazer vosso anseio com reflexões pessoais sobre assunto tão sério, porque eu mesmo dele tenho pequena experiência. Possuo, porém, notas muito claras redigidas por um autor espiritual e que concernem, precisamente, a esse ponto que vos interessa. Se vossos amigos concordarem, vou buscá-las e, com vossa permissão, passarei a lê-las.

Todos: Fazei-o, caro Pai; não nos priveis de uma ciência tão útil e

salutar.

O segredo da salvação revelado pela oração contínua

Como salvar-nos? Essa piedosa questão apresenta-se naturalmente ao espírito de qualquer cristão que se dá conta das lesões e decadência da natureza humana, mas também do que lhe resta de seu pendor original para a verdade e a virtude. Aquele que possui uma fé, por mínima que seja, na imortalidade e numa realização na vida por vir é involuntariamente levado a pensar: "Como posso salvar-me?" Quando tenta obter uma resposta a esse problema, dirige-se aos sábios e prudentes. Depois, sob sua direção, lê trabalhos a respeito do assunto, redigidos por autores espirituais, e propõe-se a seguir, inflexivelmente, as regras ouvidas e lidas. Em todas essas instruções, encontra constantemente colocadas, como condição imprescindível à salvação, a vida na fé e as lutas heróicas contra si mesmo, que devem levar a uma transformação decisiva. Todo esse contexto deve incitá-lo a praticar as obras da fé, a cumprir constantemente os mandamentos de Cristo e a testemunhar assim uma fé firme e inquebrantável. Compreende ainda que essas condições da salvação devem necessariamente ser exercidas na mais profunda humildade, e associadas umas às outras. Sim, porque todas as virtudes possuem uma interdependência, e devem, por conseguinte, fortalecer-se mutuamente, completar-se, e uma incentivar a outra, da mesma forma como os raios do sol não revelam sua força e não acendem uma chama, se não forem concentrados num único ponto sob a lente. De outro modo, "aquele que for infiel nas pequeninas coisas, o será também nas grandes".

Além do mais, para nele implantar a forte exigência dessa virtude complexa e unificada, ouve os mais altos louvores à beleza da virtude, vê denunciar a desagregação e a miséria do vício. Tudo lhe ficará gravado no espírito pelas promessas verídicas de recompensas grandiosas ou atrozes punições na vida por vir. É essa a característica da pregação nos tempos

modernos. Guiado dessa maneira, o homem que deseja sinceramente a salvação dispõe-se, com alegria, a praticar o que aprendeu e a experimentar o que leu e ouviu. Mas, infelizmente, desde os primeiros passos, compreende que lhe é impossível realizar suas intenções. Prevê, e depois constata, que sua natureza corrompida e enfraquecida suplanta as convicções de seu espírito, constata que sua liberdade está escravizada, que suas propensões são pervertidas, e que sua força espiritual não passa de fraqueza. Um pensamento assalta-o, então, naturalmente: não existirá algum meio que lhe permita cumprir o que a lei de Deus exige dele, o que a piedade cristã lhe pede, e de que se utilizaram todos aqueles que alcançaram a salvação e a santidade? Consequentemente, e para conciliar em si mesmo as exigências de sua consciência e sua inaptidão em cumpri-las, recorre de novo aos arautos da salvação, perguntando-lhes: como obter a salvação? Como justificar minha incapacidade para preencher essas condições? Serão eles próprios bastante fortes para pô-las, inflexivelmente, em prática?

— Pedi a Deus. Orai a Deus. Orai para obter seu auxílio.

"Neste caso, não será talvez mais proveitoso, conclui o requerente, tanto no início como na continuidade, estudar a oração, a oração que tão-somente dá a força de cumprir tudo o que a vida espiritual exige"? Dedica-se, então, ao estudo da oração: lê, medita, esquadrinha os ensinamentos daqueles que escreveram sobre o assunto. Na realidade, neles encontra muitos pensamentos luminosos, muitos profundos conhecimentos, e palavras de grande influência. Um trata magnificamente da necessidade da oração; outro escreve sobre seu poder, sobre seus efeitos benéficos - sobre a oração enquanto dever, enquanto exigência de zelo, de atenção, de ardor do coração, de pureza do espírito, de reconciliação com os inimigos, de humildade, de contrição e de outras condições necessárias. Mas, em si, que vem a ser a oração? que fazemos nós, realmente, para rezar? É muito raro encontrar, para essas questões primordiais e muito urgentes, uma resposta precisa que faça com que cada um venha a compreender. Tão

raro e difícil que, mesmo quem se inquire arduamente sobre a oração, vê-se ainda por trás do véu do mistério. O que ele perscrutou, em geral, só lhe faz conhecer um aspecto da oração, e ele, embora piedoso, permanece exterior, e chega, então, à conclusão de que oração é ir à igreja, benzer-se, inclinar-se, prostrar-se, ler salmos, cânones e acatistos. Essa é a ideia que, com frequência, criam aqueles que não conhecem os escritos dos santos Padres sobre a oração interior e a ação contemplativa.

Com o tempo, porém, o pesquisador acaba por descobrir um livro chamado Filocalia, onde vinte e cinco Padres muito sábios expõem, de forma acessível, o conhecimento científico da verdade e a essência da oração do coração. Sua leitura começa a abrir o véu que escondia o segredo da salvação e da oração. Ele vê que, na realidade, orar significa dirigir sem interrupção o pensamento e a atenção à lembrança de Deus, caminhar em sua presença, despertar em si seu amor, pensando nele, e associar o nome de Deus à sua respiração e às pulsações de seu coração. Em tudo é guiado pela invocação, com os lábios, do santíssimo nome de Jesus Cristo, ou pela recitação da Oração de Jesus, em todo tempo e lugar, durante qualquer trabalho, sem interrupção. Essas luminosas verdades, ao esclarecer a mente do pesquisador, abrindo-lhe o caminho do estudo e da realização da oração, ajudam-no a iniciar, imediatamente, a prática desses sábios ensinamentos. Entretanto, em suas primeiras tentativas, vê-se ainda tolhido por inúmeras dificuldades, até que um mestre experimentado lhe mostre (no próprio livro) toda a verdade - isto é, que somente a oração incessante é eficaz, tanto para aperfeiçoar a oração interior quanto para a salvação da alma. É a frequência da oração que fundamenta todo o método da atividade salvadora. Como Simeão, o Novo Teólogo, diz: "Aquele que ora sem cessar, completa a síntese de todo o bem neste único ato". Deste modo, para expor tal verdade em toda sua plenitude, o mestre desenvolve-a da seguinte maneira:

Para a salvação da alma, antes de tudo é necessária a verdadeira fé. Diz

a Sagrada Escritura: "Sem a fé, é impossível agradar a Deus" (Hb 11,6). Aquele que não tem fé será julgado. Mas, nas mesmas Escrituras, é-nos dado saber que o homem não pode, por si mesmo, gerar em si a fé, por menor que seja; que a fé não vem de nós, visto ser um dom de Deus; que a fé é um dom espiritual. É-nos concedida pelo Espírito Santo. Já que assim acontece, que devemos fazer? Como conciliar a necessidade da fé do homem, com a impossibilidade de provocá-la humanamente? Tal meio nos é revelado nas próprias Escrituras: "Pedi e recebereis". Os apóstolos não podiam, por méritos próprios, despertar em seu interior a perfeição da fé, mas pediram-na a Nosso Senhor: "Senhor, aumentai a nossa fé". Eis como a obtemos; este exemplo mostra que a adquirimos pela oração.

Para a salvação da alma, ao lado da verdadeira fé, é preciso também as boas obras, porque "a fé, sem obras, é morta". O homem será julgado pelas suas obras e não somente pela sua fé. "Se queres entrar na vida, guarda os mandamentos: não mates, não cometas adultério; não furtes; não pronuncies falsos testemunhos; honra teu pai e tua mãe; ama teu próximo como a ti mesmo". E é preciso guardar todos os mandamentos ao mesmo tempo "porque, se alguém obedece a toda a Lei mas desobedece a um deles, torna-se culpado da transgressão da Lei inteira" (Tg 2,10). É o que ensina o apóstolo Tiago. E o apóstolo Paulo, descrevendo a fraqueza humana, diz (Rm 3,20): "Ninguém será justificado pelas obras da Lei. Sabemos que a Lei é espiritual, mas sou carnal, vendido como escravo ao pecado… Não consigo entender o que faço, pois não pratico o que quero, mas faço o que detesto… Eu me comprazo na Lei de Deus, que sirvo pela razão, mas, pela carne, sigo a lei do pecado" (Rm 7).

Como cumprir as obras prescritas pela Lei de Deus, quando o homem se sente sem forças e sem nenhuma possibilidade de cumprir os mandamentos? Não terá condições de fazê-lo, até que se decida a pedi-la, até que reze para obtê-la. "Não tendes, porque não pedis" (Tg 4,2); é essa a explicação que o apóstolo dá. E o próprio Jesus Cristo diz: "Sem mim,

nada podeis fazer". E, quanto ao modo de agir com ele, eis seu ensinamento: "Permanecei em mim, como eu permaneço em vós; aquele que permanece em Deus e Deus nele, esse produzirá frutos em abundância". Permanecer nele significa sentir continuamente a sua presença, invocar incessantemente o seu nome. "Se pedirdes alguma coisa em meu nome, eu vo-lo concederei". Portanto, a possibilidade de praticar o bem é propiciada pela própria oração. Encontramos um eficaz exemplo através do próprio São Paulo: três vezes pediu para vencer a tentação, dobrando o joelho diante de Deus Pai, para que ele lhe desse forças no seu homem interior, e foi-lhe, então, ordenado que, acima de tudo, orasse, e orasse continuamente, a cada momento.

De tudo quanto foi dito, conclui-se que a salvação do homem depende da oração, e, por isso, ela é primordial e necessária, pois, através dela a fé é vivificada e as boas obras se realizam. Numa palavra, com a oração tudo se processa com êxito; sem a oração, não podemos praticar ato algum de piedade cristã. Desse modo, a exigência de que nossa vida seja incessantemente oferta, depende exclusivamente da oração. As outras virtudes têm seu tempo próprio, mas, no caso da oração, pedem-nos uma atitude ininterrupta: "Orai sem cessar". É justo e oportuno que rezemos sempre, por toda parte.

A verdadeira oração apresenta suas condições. Deve ser oferecida com espírito e coração puros, zelo ardente, rigorosa atenção, com temor e respeito, com a mais profunda humildade. Mas quem, conscientemente, deixará de reconhecer estar longe de cumprir essas condições? quem não reconhecerá que oferece sua oração mais por necessidade do que por um domínio sobre si mesmo, do que por uma inclinação, preferência e amor à oração? Também a esse respeito a Sagrada Escritura nos diz não estar no poder do homem conservar seu espírito inabalável, purificá-lo dos maus pensamentos, porque "os pensamentos do homem são maus desde a sua juventude" e que só Deus nos pode dar outro coração e um espírito

novo, "porque meu espírito (quer dizer, minha voz) está em oração, mas minha inteligência nenhum fruto colhe" (1 Cor 14,14). "Não sabemos o que pedir como convém" (Rm 8,26), afirma ainda o apóstolo. Conclui-se que somos incapazes, por nós mesmos, de oferecer a verdadeira oração. Não podemos, em nossas preces, manifestar as propriedades essenciais da verdadeira oração.

Se é essa a incapacidade de todo ser humano, que sobra à vontade e à força do homem para a salvação da alma? O homem não pode adquirir a fé sem oração; essa asserção aplica-se, igualmente, às boas obras. Mas a autêntica oração não está em seu poder. Que lhe resta, então, fazer? que parte lhe cabe para exercer sua liberdade e sua força, para que não venha a perecer, mas ser salvo? Cada ato tem seu valor, e Deus reservou para si a liberdade de concedê-lo ou não. Para que a dependência do homem em relação a Deus, ao querer divino, se manifeste mais profundamente na humildade, Deus confiou à vontade e à força do homem o número de orações. Mandou rezar sem cessar, sempre, a cada momento e em toda parte. É aí que se encontra revelado o método secreto da verdadeira oração, e, ao mesmo tempo, da fé e do cumprimento dos mandamentos de Deus. É, portanto, o número de orações que é assinalado ao homem; a frequência da oração pertence a ele e encontra-se sob a oscilação de sua vontade. Esse é o ensinamento dos Padres da Igreja. São Macário, o anacoreta, diz que, na realidade, rezar é dom da graça. São Hesíquio afirma que a oração frequente torna-se um hábito, depois uma segunda natureza, e que, sem invocar com frequência o nome de Jesus Cristo, é impossível purificar o coração. Calisto e Inácio aconselham a invocação assídua e contínua do nome de Jesus, antes de todas as asceses e obras, pois, tal insistência leva a oração imperfeita à oração perfeita. O bem-aventurado Diádoco insiste em dizer que, se um homem invoca o nome de Deus tão frequentemente quanto possível, não cairá em pecado.

Quanta sabedoria e experiência desses dizeres e como essas instru-

ções práticas repercutem no coração! Pela sua experiência e simplicidade, lançam luzes sobre os meios de levar a alma à perfeição. E que contraste com as instruções morais da razão teórica! Assim fala a razão: fazei estas ou aquelas boas ações; armai-vos de coragem, empregai a força de vossa vontade, convencei-vos dos benéficos frutos da virtude; purificai vosso espírito e vosso coração das ilusões do mundo, substituí-as por meditações instrutivas, fazei o bem, e sereis respeitado e encontra-reis a paz; vivei segundo a razão e a consciência. Infelizmente, porém, a despeito de toda a sua força, esse raciocínio não atingirá seu fito, sem a oração frequente, sem invocar a ajuda de Deus.

Analisemos, agora, alguns outros ensinamentos dos Padres, e veremos o que dizem, por exemplo, a respeito da purificação da alma. São João Clímaco escreve: "Quando o espírito se turva com pensamentos impuros, ponde o inimigo em fuga por meio da repetição frequente do nome de Jesus. Não encontrareis no céu ou na terra arma tão poderosa e mais eficaz do que essa". São Gregório, o Sinaita, ensina-nos: "Lembrai-vos disso: ninguém pode, por si mesmo, dominar seu espírito. Assim sendo, quando surgem maus pensamentos, invocai o nome de Jesus muitas vezes, com intervalos frequentes, e os pensamentos se apaziguarão!" Que método simples e fácil! Entretanto, é comprovado pela experiência. Que contraste com os conselhos da razão teórica que se esforça com presunção por atingir a pureza através de esforços pessoais.

Uma vez assinaladas essas instruções fundadas na experiência dos santos Padres, chegamos a uma sólida conclusão: o principal, o único e muito simples método para atingir a salvação e a perfeição espiritual é a frequência e o caráter ininterrupto da oração, por fraca que seja. Alma cristã, se não encontras em ti mesma o poder de adorar a Deus em espírito e verdade, se teu coração não saboreia a cálida e doce satisfação da prece interior, apresenta, então, ao sacrifício da oração aquilo que podes, o que depende de tua vontade, o que está dentro dos limites da tua capacidade.

Familiariza, antes de tudo, o humilde instrumento que são teus lábios com a invocação contínua e persistente da oração. Que eles invoquem o nome de Jesus muitas vezes e sem interrupção. Não se trata de um esforço excessivo e está ao alcance de qualquer pessoa. E é também o que prescreve o santo apóstolo Paulo: "Por meio deles, ofereçamos continuamente um sacrifício de louvor a Deus, isto é, o fruto de nossos lábios que confessam o seu nome" (Hb 13,15).

É indubitável que a frequência da oração forma um hábito e torna-se uma segunda natureza. Ela conduz o espírito e o coração a um estado favorável. Suponhamos que uma pessoa cumpra sempre essa única ordem de Deus a respeito da oração contínua. Através dessa atitude, ela terá observado todos os mandamentos; com efeito, se, sem interrupção, em todo tempo, em toda circunstância, essa pessoa oferece a Oração, invocando o santíssimo nome de Jesus (mesmo que o faça, no início, sem qualquer dor espiritual ou fervor, até mesmo com esforço), não disporá de tempo para pensamentos vãos, para julgar seu próximo, para desperdiçar seu tempo no prazer dos sentidos. Qualquer mau pensamento nele encontra um obstáculo a seu desenvolvimento. Qualquer ato pecaminoso que viesse tentá-lo não o perturbaria, por estar unido a Deus. O excesso de palavras e as palavras inúteis seriam rejeitadas, e qualquer falta imediatamente apagada da alma, pelo poder misericordioso de uma invocação frequente do nome divino. A prática da oração contínua muitas vezes o impediria de cometer um ato pecaminoso, e lembra-lo-ia de sua vocação original: a união com Deus. Compreendeis agora a importância e a necessidade do número de orações? A oração constante é o único método para chegar à oração pura e verdadeira. É sua melhor e mais eficaz preparação e o meio mais seguro de atingir o fito da oração e da salvação.

Para convencer-vos definitivamente da necessidade e fecundidade da oração frequente, anotai:

— Todo desejo e todo pensamento de oração é obra do Espírito Santo

e a voz de vosso Anjo da guarda.

— O nome de Jesus Cristo invocado na oração contém em si mesmo um poder salvífico que existe e age por si próprio; assim, pois, não vos perturbeis com a aridez de vossa oração, e esperai, com paciência, o fruto da invocação frequente do nome divino. Não ouçais as insinuações daqueles que, inexperientes e insensatos, alegam que a invocação tíbia é uma repetição inútil, até mesmo monótona. Não: o poder do nome divino e sua invocação frequente produzirão frutos a seu tempo. Um autor espiritual discorreu, admiravelmente, sobre este ponto: "Sei, disse ele, que, para muitos, tidos como espirituais e sábios filósofos, pessoas que buscam por toda parte a falsa importância e as práticas sedutoras para a razão e para o orgulho, a simples prática vocal mais frequente de uma oração parece ter pouca significação, ser mera ocupação, até mesmo uma espécie de brincadeira, Esses infelizes iludem-se, porém, e esquecem-se do ensinamento de Jesus Cristo: '"Se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, não entrareis no Reino dos Céus" (Mt 18,3). Eles elaboram para si próprios uma espécie de ciência da oração, sobre bases instáveis da razão natural. Teremos nós necessidade de alta erudição, de grande saber e de muito meditar para dizer, com fervor: "Jesus, Filho de Deus, tende piedade de mim"? Nosso próprio divino Mestre não louva essa oração frequente? Já não conhecemos magníficas respostas obtidas e grandes obras realizadas através dessa breve mas frequente oração? Alma cristã, fortalece a tua coragem, e não cales a incessante invocação de tua oração, mesmo que teu grito venha de um coração em luta consigo mesmo e ainda muito impregnado do espírito deste mundo. Não importa! persevera, não te deixes vencer pela omissão e não te perturbes. Tua oração se purificará por si mesma, através da repetição. Nunca te esqueças do seguinte: "Aquele que está em vós é maior do que aquele que está no mundo" (1 Jo 4,4). "Deus é maior que o nosso coração e conhece todas as coisas", diz ainda o mesmo apóstolo.

Após essas afirmações convincentes de que a oração, tão poderosa para a fraqueza humana, é certamente acessível ao homem e depende de sua própria vontade, decide-te, tenta, mesmo que no inicio seja apenas por um dia. Vigia-te e torna a frequência da oração tão valorizada que um tempo muito maior seja ocupado, durante as vinte e quatro horas, na invocação do nome de Jesus, do que em outras atividades. E esse triunfo da oração sobre as preocupações mundanas mostrar-te-á, no tempo devido, que este dia não foi perdido, mas válido para a salvação; mostrar-te-á que a oração frequente, na escala do julgamento divino, contrabalança tua fraqueza, tuas más ações e apaga os pecados deste dia da memória de tua consciência; coloca teus pés nos degraus da virtude e concede-te a esperança de tua santificação.

O peregrino: Agradeço-vos, bondoso Pai, de todo meu coração. Ao ler este texto, destes alegria à minha alma de pecador. Pelo amor de Deus, deixai-me copiar o que acabamos de ouvir. Conseguirei fazê-lo em uma ou duas horas. Tudo o que nos lestes é tão belo e tão reconfortante, apresenta-se tão compreensível e tão claro à minha mente inculta, quanto a Filocalia, onde os santos Padres tratam do mesmo assunto. Aqui, por exemplo, João de Cárpatos, na quarta parte da Filocalia, escreve: "Se não tendes a força necessária para dominar-vos a vós mesmo e para as obras da ascese, sabei que Deus deseja salvar-vos pela oração". Mas tudo isso está magnífica e claramente exposto em vosso caderno! Eu vos agradeço, depois de Deus, ter-me sido dado ouvi-lo.

O professor: Também ouvi com muita atenção e prazer a vossa leitura, meu Pai. Todos os argumentos, quando repousam na lógica estrita, cumulam-me de satisfação. Mas, ao mesmo tempo, parece-me que eles subordinam a possibilidade da oração contínua a condições favoráveis e a uma solidão pacificante. Concordo que a oração frequente e incessante seja um meio poderoso e único de obter o auxílio da graça divina em todos os atos de santificação e que se enquadra dentro das possibilidades huma-

nas. É, porém, um método praticável somente por aquele que pode dispor de solidão e tranquilidade. Afastando-se dos negócios, das preocupações e das distrações, poderá rezar com frequência e até mesmo continuamente. Tem de vencer apenas sua indolência ou o obstáculo de seus próprios pensamentos. Mas, se estiver preso a deveres pessoais e a diferentes negócios, se for obrigado a viver em ambiente movimentado e ruidoso, não conseguirá realizar o desejo de orar sempre, por causa das distrações inevitáveis. Por conseguinte, este método da oração contínua, visto depender de circunstâncias favoráveis, não pode ser utilizado por todos, nem cabe a todos. O monge: Tal conclusão é absolutamente falsa. O coração que foi instruído a respeito da oração interior pode sempre invocar o nome de Deus sem ser impedido por ocupação física ou mental, e apesar de qualquer ruído (aqueles que afirmam isso, sabem-no por experiência, e os que não sabem devem aprendê-lo por um exercício progressivo). Com toda convicção e mais simplesmente, podemos dizer que nenhuma solicitação exterior pode interromper a oração naquele que deseja orar, porque o pensamento secreto do homem não depende das condições exteriores e mantém-se inteiramente livre. A qualquer momento podemos despertá-lo e dirigi-lo para a oração. A própria língua pode, em segredo, e sem emitir um som, efetuar a oração em presença de muitas pessoas e durante toda espécie de ocupação. Aliás, nossas atividades não são tão importantes, nem nossas conversas tão interessantes que tornem impossível encontrar um meio, por um momento que seja, de invocar o nome de Jesus, mesmo que a mente não esteja ainda familiarizada com a oração contínua. Embora a solidão e o afastamento de uma vida dispersiva constituam condição favorável à oração atenta e contínua, deveríamos envergonhar-nos da escassez de nossa oração, porque o número e a frequência estão à disposição de qualquer um, por mais fraco e ocupado que seja. Encontramos exemplos comprovadores de oração entre homens que, assoberbados de obrigações, compromissos absorventes, preocupações e trabalhos, não somente sempre invocaram o divino nome de Jesus, mas até conseguiram, por

este meio, chegar à oração interior e incessante do coração. Cito, como exemplo, o Patriarca Fócio, que foi elevado da categoria dos senadores à dignidade patriarcal e que, enquanto governava o vasto patriarcado de Constantinopla, perseverou na invocação do nome de Deus, e conseguiu a oração ininterrupta do coração. Ou Calisto que, no Monte Athos, descobriu a oração contínua, sem interromper sua atividade de cozinheiro. Ou Lázaro, de coração simples, que, encarregado de um trabalho incessante para a comunidade, repetia sem interrupção, no meio de suas ruidosas ocupações, a Oração de Jesus e permanecia em paz. Assim como esses, muitos outros praticaram a invocação contínua do nome de Deus.

Se fosse realmente impossível rezar durante ocupações absorventes ou na companhia de outras pessoas, não teríamos, evidentemente, recebido tal ordem. São João Crisóstomo, em seus estudos sobre a oração, assim se exprime: ninguém deveria dizer que uma pessoa preocupada com os assuntos do mundo e impossibilitada de ir à igreja não possa rezar sempre. Em qualquer lugar onde vos encontrardes, podeis erguer um altar a Deus, pelo pensamento. Desse modo, é oportuno rezar no meio de vossos negócios, em viagem, em pé a um balcão ou sentado diante de um trabalho manual. Por toda parte e em todos os lugares é possível rezar e, se realmente uma pessoa concentra sua atenção em si mesma, encontrará por toda parte circunstâncias favoráveis à oração, se estiver convencida, por pouco que seja, que a oração deve constituir sua ocupação essencial e passar à frente de qualquer outro dever. E, nesse caso, organizará seus afazeres com uma determinação maior; nas conversas necessárias com os outros, procurará ser breve, tender ao silêncio e a desprezar as palavras inúteis. Não se perturbará em demasia com as coisas desagradáveis. E, por todos esses meios, encontrará os caminhos da oração e da paz. Numa vida assim organizada, todas as ações, pelo poder da invocação do nome de Deus, serão marcadas pelo sucesso, e conduzirão, finalmente, à invocação ininterrupta do nome de Jesus. Ficará sabendo, por experiência, que a

frequência da oração - meio único de salvar-se - está ao dispor da vontade do homem, que é possível rezar em todos os momentos, em todas as circunstâncias e em todos os lugares, e facilmente conseguirá elevar-se da oração vocal frequente à oração mental e dessa à oração do coração que abre em nós o Reino de Deus. O professor: Admito e aceito que durante as ocupações materiais seja possível, até mesmo fácil, rezar frequentemente, rezar continuamente, porque o trabalho do corpo não exige aplicação mental profunda, nem muita reflexão. Assim sendo, enquanto a mente o executa, pode mergulhar na oração contínua e os lábios a acompanham. Mas, se devo entreter-me com algo puramente intelectual, uma leitura atenta, por exemplo, uma reflexão sobre algum problema grave, ou uma composição literária, como poderei nesse caso rezar com o espírito e os lábios? E já que a oração é antes de tudo uma ação mental, como poderei, ao mesmo tempo, concentrar-me, com um único e só espírito, em duas tarefas tão diferentes?

O monge: A solução de vosso problema não constitui dificuldade alguma se consideramos que as pessoas que rezam continuamente dividem-se em três categorias: em primeiro lugar, os principiantes; em segundo lugar, os já iniciados; em terceiro lugar, os muito habilitados. Os principiantes conseguem, de tempos em tempos, elevar o pensamento e o coração a Deus e repetir curtas orações com os lábios, mesmo durante um trabalho mental. Os que já fizeram progresso e atingiram certa estabilidade mental podem exercitar-se em meditar ou escrever na presença ininterrupta de Deus. Eis uma imagem que vos esclarecerá: suponhamos que um monarca severo e exigente vos ordene escrever um tratado a respeito de um assunto abstrato, em sua presença, diante de seu trono. Embora possais estar todo entregue a vosso trabalho, a presença do rei, que exerce poderio sobre vós e que tem a vossa vida entre as mãos, não vos deixará esquecer um só instante que pensais, refletis e escreveis não na solidão, mas num local que exige de vós uma atenção e um respeito particulares. Essa

consciência da proximidade do rei exprime muito claramente ser possível aplicar-se à oração interior permanente, até mesmo durante um trabalho intelectual. Quanto àqueles que um antigo hábito ou a graça de Deus fez progredirem da oração mental à do coração, esses não interrompem sua oração contínua, durante os exercícios intelectuais mais frequentes, nem mesmo durante o sono.

Conforme nos disse o Grande Sábio: "Eu durmo, mas meu coração vela" (Ct 5,2). Aqueles que alcançaram essa espontaneidade do coração adquirem tal aptidão para invocar o nome divino que a própria oração vela e o espírito é inteiramente levado num fluxo de oração incessante, não importa em que condição ele reze e por abstratas e intelectuais que sejam suas ocupações naquele momento. O padre: Permiti-me, Pai, dizer o que penso. Dai-me a palavra, por poucos minutos. Estava admiravelmente indicado, no texto que nos lestes, que o único meio de alcançar a salvação e a perfeição é a frequência da oração, seja qual for. Não consigo, porém, compreender devidamente o que significa, e eis minha opinião: que utilidade haverá, para mim, invocar o nome de Deus continuamente, apenas com os lábios, mas distraído e sem compreender o que estou falando? Não passa de uma inútil repetição. A língua prolonga sua tagarelice, e a atividade do espírito, assim importunado em sua reflexão ver-se-á desequilibrada. Deus não pede palavras, mas um espírito atento e um coração puro. Não seria preferível oferecer uma oração mesmo curta, pouco frequente, mas pronunciada com atenção, com zelo e ardor, com a compreensão merecida? Da maneira como foi exposta, se bem que a repitamos noite e dia, se não houver pureza de intenção deixa de ser um ato de piedade e nada aproveita para a salvação. Só nos apoiamos num palavreado exterior que nos parecerá fatigante e sem interesse, a ponto de a confiança na oração perder seu ardor, e acabamos por rejeitar esse processo estéril. Aliás, a inutilidade da oração só de lábios resulta do que nos é dito na Sagrada Escritura: "Este povo me honra com os lábios, mas o coração está longe de

mim" (Mt 15,8) "Nem todo aquele que me diz 'Senhor, Senhor' entrará no Reino dos Céus" (Mt 7,21). "Prefiro dizer cinco palavras com minha inteligência a dizer dez mil palavras em língua desconhecida" (1 Cor 14,19). Tudo isso mostra a esterilidade da oração, exterior e desatenta, dos lábios.

O monge: Haveria alguma verdade em vosso ponto de vista se, à recomendação de rezar com os lábios, não fosse acrescentada a necessidade de fazê-lo continuamente, e se a invocação do nome de Jesus Cristo não possuísse um poder exclusivo e não obtivesse, por si mesma, a atenção e o zelo, como fruto de seu exercício contínuo. Mas, já que a questão em causa é agora a frequência, a duração e a característica ininterrupta da oração (se bem que no início ela possa ser praticada com distrações ou aridez), as conclusões que apresentais destroem-se por si mesmas. Examinemos o problema de um pouco mais de perto. Um autor espiritual, após ter demonstrado o grande valor e o proveito que resulta da oração frequente expressa numa fórmula invariável, conclui: "Muitas pessoas, tidas como esclarecidas, consideram essa oferenda frequente de uma única e mesma oração como inútil e mesmo fútil; têm-na como uma rotina e ocupação aloucada de ignorantes. Desconhecem o segredo que é revelado por essa prática, aparentemente maquinai; ignoram que o movimento frequente dos lábios torna-se, imperceptivelmente, um apelo sincero do coração, infiltra-se na vida interior, transforma-se em uma alegria, vem a ser, por assim dizer, natural à alma, trazendo-lhe a luz e o alimento, levando-a à união com Deus. Tais censores fazem-me pensar na lógica das crianças às quais se ensina o alfabeto e a leitura. Sentindo-se cansadas, exclamam: "Não seria mil vezes melhor passear ou brincar, em vez de passar o dia todo a repetir esse a, b, c, ou a rabiscar num papel o que nos ensinam?" A utilidade de saber ler e as luzes que daí derivam e que só podiam ser fruto desse esforço de aprender as letras de cor, é-lhes um segredo velado. Assim também, a invocação simples e frequente do nome divino é um segredo encoberto para essas pessoas que não se convencem de seus resultados e

do seu muito grande valor. Avaliando o ato de fé segundo a força de sua própria razão míope e inexperiente, esquecem-se de que o homem é feito de um corpo e de uma alma.

Por que motivo, por exemplo, se desejais purificar vossa alma, começais por vos preocupar com o corpo, fazendo jejum, mortificações, privando-vos de alimentos estimulantes? É, sem dúvida, para que ele não possa ser um obstáculo ou, para melhor dizer, a fim de que se torne o meio de favorecer a pureza da alma e o discernimento do espírito, para que a sensação constante de fome corporal faça-vos lembrar de vossa resolução de buscar a perfeição interior e as coisas que agradam a Deus, e que tão facilmente esquecemos. E ficamos sabendo, por experiência, que, através do ato exterior do jejum corporal, realizamos o aprimoramento interior do espírito, a paz do coração, encontramos um instrumento para domar as paixões e um aguilhão do esforço espiritual. Assim, em meio a coisas exteriores e materiais, se recebe ajuda e proveito interior e espiritual.

Deveis compreender que assim acontece com a oração frequente dos lábios: por fim atrai a oração interior do coração e favorece a união do espírito com Deus. É inútil imaginar que os lábios, cansados dessa repetição e dessa árida falta de compreensão, seja obrigada a abandonar inteiramente, como inútil, esse esforço exterior da oração. Não, a experiência prova-nos, aqui, exatamente o contrário. Aqueles que praticaram a oração contínua, contam como isso se processa: a pessoa que decide invocar incessantemente o nome de Jesus ou - o que vem a ser o mesmo - a dizer a Oração de Jesus continuamente, sente a princípio, como é natural, alguma dificuldade e deve lutar contra a preguiça; quanto mais se exercita, mais se familiariza com sua tarefa, imperceptivelmente, a ponto de, por fim, os lábios e a língua adquirirem tal capacidade de se mover que, mesmo sem nenhum esforço de sua parte, fazem-no irresistivelmente e pronunciam a oração sem ruído. Ao mesmo tempo, o mecanismo dos músculos da garganta é de tal forma estimulado que, ao rezar, começa a sentir que a

oração é uma de suas propriedades constantes e essenciais; ele mesmo percebe, quando é interrompido, que algo parece faltar-lhe. Acontece, então, que, por sua vez, o espírito começa a ouvir, a atentar para essa ação involuntária dos lábios e, através dela, tem a atenção despertada, o que conduz a uma fonte de delícias para o coração e à oração verdadeira.

Podeis ver, assim, o verdadeiro e benéfico efeito da oração vocal frequente ou contínua, exatamente o oposto do que imaginam as pessoas que não a experimentaram nem a compreenderam. No que concerne às passagens da Sagrada Escritura que evocastes para argumentar vossas objeções, vão-se esclarecer, se as analisarmos atentamente.

A adoração hipócrita a Deus, com os lábios, a ostentação ou falta de sinceridade daquele que exclama "Senhor, Senhor", Jesus Cristo denunciava, porque a fé dos fariseus orgulhosos era da boca para fora, sua consciência não a justificava de modo algum, e eles não a professavam em seu coração. Essas palavras eram dirigidas aos fariseus e se relacionavam com o fato de pronunciar uma oração a propósito da qual Cristo deu instruções diretas, explícitas e precisas. "Os homens deveriam rezar sempre, sem nunca esmorecer". Assim como o Apóstolo Paulo diz que prefere cinco palavras pronunciadas com compreensão a uma multidão de palavras irrefletidas ou num idioma desconhecido, ele se refere ao ensinamento em geral, e não à oração em particular, assunto sobre o qual ele diz categoricamente: "Quero, portanto, que os homens orem em todo lugar" (1 Tm 2,8), e o preceito fundamental também é dele: "Orai sem cessar" (1 Ts 5,17). Vedes agora como a oração frequente é fecunda, apesar de toda a sua simplicidade, e que consideração refletida exige a exata compreensão da Escritura?

O peregrino: Como tudo o que dissestes é verdade, meu Pai! Com frequência vi pessoas que, com a maior simplicidade, sem luzes de qualquer espécie de educação, não sabendo sequer o que seja a atenção, oferecem a Oração de Jesus com os lábios e sem interrupção. Vi-as alcançar aquele

ponto em que seus lábios e língua não podiam interromper a Oração. Ela lhes proporcionava alegria e luz, e transformava-as de pessoas descuidadas e fracas em ascetas respeitáveis e modelos de virtude.

O monge: a oração leva o homem a um nascimento novo, por assim dizer. Seu poder é tão grande que nada, nenhum grau de sofrimento pode resistir-lhe. Se desejardes, irmãos, eu vos lerei, à guisa de despedida, uma anotação curta, mas interessante, que trago comigo. Todos: Nós a ouviremos com o maior prazer.

O monge:

Sobre o poder da oração

A oração tem tanta força e poder que podemos dizer: "Reza e faze o que quiseres", pois a oração te conduzirá ao ato correto e justo. Para agradar a Deus, basta o amor: "Ama e faze o que quiseres", diz o bem-aventurado Agostinho, porque aquele que ama realmente, nada pode querer fazer que desagrade ao amado". Já que a oração é a efusão e a atividade do amor, por analogia podemos dizer: "A oração contínua é suficiente para a salvação". "Reza e faze o que quiseres" e atingirás o fito da oração. Ela te iluminará.

Para melhor compreender essa questão, vejamos alguns exemplos:

1. "Reza, e pensa o que quiseres". Teus pensamentos serão purificados pela oração. A oração te concederá o discernimento; suprimirá e afastará todos os pensamentos prejudiciais. E o que afirma São Gregório, o Sinaita. Se desejas afastar os maus pensamentos e purificar o espírito, eis seu conselho: "Expulsa-os pela oração". Nada pode dominar melhor os pensamentos inúteis do que a oração. São João Damasceno também diz a esse respeito: "Vence, pelo nome de Jesus, os inimigos que se apossam de teu espírito. Não encontrarás melhor arma do que esta".

2. "Reza e faze o que quiseres". Teus atos agradarão a Deus e serão

úteis e salutares. A oração frequente, por qualquer motivo que seja, nunca deixa de dar seu fruto, porque nela existe o poder da graça, pois, "todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo" (At 2,21). Por exemplo: uma pessoa que reza sem alcançar o que queria e sem fervor, obteve por essa oração o discernimento e um desejo de arrependimento. Uma jovem que gostava de levar uma vida de diversões, rezou, e essa oração mostrou-lhe o caminho da vida virginal e da obediência aos ensinamentos de Cristo.

3. "Reza e não te dês ao trabalho de vencer tuas paixões por teus próprios meios". A oração os destruirá em ti, "porque aquele que está em vós é maior do que o que está no mundo" (1 Jo 4,4), diz a Sagrada Escritura. E São João de Cárpatos ensina que, se não possuis o dom do domínio pessoal, não te deves afligir, mas saber que Deus te pede a perseverança na oração e a oração te salvará. Um caso comprovante é o do staretz que, - assim nos contam na Vida dos Padres - quando caiu no pecado, não se entregou ao desânimo ou desespero, mas recorreu à oração e por ela readquiriu seu equilíbrio.

4. "Reza e nada temas". Não tenhas receio dos infortúnios, não temas os fracassos. A oração te protegerá e afasta-los-á. Lembra-te de São Pedro que teve pouca fé e naufragou; de São Paulo que orava na prisão; do monge que a oração livrou dos assaltos da tentação; da jovem salva dos maus intentos de um soldado, por causa da oração; e de tantos outros casos semelhantes que ilustram a força, o poder, a universalidade da Oração do nome de Jesus.

5. "Reza de uma forma ou de outra, mas reza sempre e não te desvies dela por nada do mundo". Sê alegre e tranquilo. A oração tudo conseguirá e te instruirá. Lembra-te das palavras dos santos - João Crisóstomo e Marcos, o Asceta - sobre o poder da oração. O primeiro declara que a oração, embora oferecida por nós, que estamos carregados de pecados, purifica-nos, imediatamente. Diz o segundo: "Rezar, da maneira que for, está em nosso poder, mas rezar com pureza é um dom da graça". Oferece,

pois, a Deus o que está em teu poder oferecer. Apresenta-lhe, antes de tudo, somente o que está em teu poder, e Deus derramará sua força em tua fraqueza. A oração, talvez árida e distraída, mas contínua, criará um hábito, tornar-se-á uma segunda natureza e se transformará em oração pura, luminosa, em admirável oração ardente.

6. Convém observar, antes de concluir, que, se o tempo de tua vigilância na oração se prolonga, não te restará muito tempo para praticar más ações, nem mesmo para nelas pensar. Compreendes agora quão profundos pensamentos estão contidos nesta sábia afirmação: "Ama e faze o que queres"; "ora e faze o que queres"? Que conforto e consolo para o pecador oprimido por suas fraquezas e que geme sob o fardo de suas paixões desenfreadas. A oração. Eis o que nos é dado como meio universal de salvação, para fazer a alma crescer na perfeição. É tudo. Mas, quando se faz referência à oração, acrescenta-se uma condição. "Orai sem cessar": é ordem do Verbo de Deus. Por conseguinte, a oração revela sua grande eficácia e todos os seus frutos, quando é oferecida repetida e continuamente, pois a frequência da oração depende, indubitavelmente, de nossa vontade, enquanto a pureza, o zelo e a perfeição da oração são dons da graça.

Portanto, rezaremos tanto quanto possível; consagraremos nossa vida inteira à oração, mesmo se tivermos de sujeitar-nos, no início, a distrações. A prática frequente da oração vai ensinar-nos a atenção. A quantidade levará, certamente, à qualidade. "Se quiserdes aprender a fazer bem feito, seja o que for, é preciso fazê-lo sempre que possível", diz um experimentado autor espiritual.

O professor: A oração é, sem dúvida, uma questão importante, e sua repetição fervorosa é a chave que abre o tesouro da graça. Quantas vezes, porém, me vejo em conflito comigo mesmo, entre o fervor e a preguiça! Como ficaria feliz, se encontrasse a trilha da vitória, se conseguisse tomar uma determinação e me despertasse para a prática da oração contínua!

O monge: Muitos autores espirituais oferecem diversos meios baseados num sólido raciocínio, para estimular a aplicação na oração. Por exemplo:

1. Aconselham-nos a impregnar nosso espírito da necessidade, da excelência e da eficácia da oração, para salvar a alma.

2. Mandam-nos adquirir a plena certeza de que Deus, categoricamente, exige de nós a oração e de que em sua Palavra encontramos esta ordem.

3. Lembram-nos ainda que, se somos preguiçosos e negligentes para orar, não podemos realizar progresso algum nos atos de piedade nem na obtenção da paz e da salvação e, por conseguinte, sofreremos, inevitavelmente, os tormentos não só na terra como na vida por vir.

4. Encorajam ainda nossa resolução com o exemplo dos santos que, sem exceção, obtiveram a santidade e a salvação, através da vida da oração contínua.

Embora todos esses métodos tenham seu valor e resultem de um julgamento sadio, a alma que ama o prazer e se abandona à indiferença, mesmo tendo-os admitido e praticado, raramente compreende seu alcance pelo seguinte motivo: esses remédios são amargos pelo seu gosto arrefecido, e muito fracos pela sua natureza profundamente alterada. Haverá um cristão que ignore a necessidade de rezar com frequência e com fervor, que desconheça ser um dever ordenado por Deus, que somos lesados pela preguiça na oração, que todos os santos oraram com ardor e perseverança? Entretanto, é bem difícil esse conhecimento chegar a produzir frutos. Qualquer pessoa que se examine com cuidado, sente que raramente segue esses conselhos, e que, apesar de se lembrar dessas verdades, arrasta todo o tempo a mesma vida inútil e preguiçosa. Desse modo, em sua experiência e divina sabedoria, os santos Padres, conhecendo a fraqueza da vontade e o excessivo amor do coração humano ao prazer, assumem disposições

particulares, e, para tanto, abrandam a provação e amenizam-na. Mostram que o meio eficaz e mais fácil de desfazer-se da preguiça e da indiferença pela oração consiste na descoberta, com o auxílio de Deus, da doçura e da imensidão do amor divino, ao qual a oração permitirá corresponder.

Aconselham-nos a examinar, sempre que possível, as condições de nossa alma, e a ler, atentamente, os escritos dos santos Padres a esse respeito. Dão a encorajante garantia de que esses deleitáveis sentimentos interiores podem ser pronta e facilmente alcançados através da oração, e dizem o quanto são desejáveis. A íntima alegria, o entusiasmo inefável, a leveza do coração, a paz profunda e a própria essência da beatitude resultam da oração do coração. Mergulhando em reflexões deste gênero, a alma fraca e fria inflama-se e se fortalece, o zelo pela oração a estimula e ela é, de certo modo, tentada à prática da oração. Como diz Isaac, o Sírio: "A alegria é uma atração para a alma, alegria que nasce do desabrochar da esperança no coração, e a meditação sobre essa esperança é o bem-estar do coração". O mesmo autor diz ainda: "Essa atividade, do início ao fim, pressupõe de certo modo um método e a esperança de sua realização, e isto solicita da alma um alicerce para a tarefa a cumprir, ao mesmo tempo em que extrai grande consolo da antevisão do que se esforça por atingir".

Do mesmo modo, São Hesíquio, após ter descrito o quanto a preguiça é um obstáculo à oração, e após condenar certos erros sobre a maneira de nela fazer renascer o ardor, assim se exprime para terminar: "Se não estivermos prontos a desejar o silêncio do coração por nenhum outro motivo, que ao menos seja pela delícia que a alma experimenta e pela alegria que ele proporciona".

Vemos, pois, que este Padre da Igreja apresenta tal sentimento de alegria como estímulo à oração constante; e Macário, o Grande, ensina, da mesma maneira, que nossos esforços espirituais (a oração) devem ser praticados com o intuito de extrair dela o seu fruto - isto é, a felicidade do coração. Podemos encontrar claros exemplos desse método em inúmeras

passagens da Filocalia que descreve, com minúcias, o deleite da oração. Quem estiver lutando contra a preguiça ou a aridez deve lê-los tão frequentemente quanto possível, considerando-se, porém, indigno dessa alegria e achando-se sempre negligente na oração.

O sacerdote: Será que semelhante meditação não poderá levar uma pessoa inexperiente ao inebriamento espiritual, conforme nome dado pelos teólogos a essa tendência de certas almas, ávidas de consolações excessivas e sensíveis, sem aceitar cumprir as obrigações da fé como uma obrigação despojada, sem pensar em recompensas?

O professor: Parece-me que os teólogos, nesses casos, previnem contra o excesso ou a ânsia de prazer espiritual, mas não reprovam, de modo algum, a alegria e o consolo da virtude. Se o desejo de recompensa não é a perfeição, Deus, entretanto, não proibiu ao homem pensar na alegria e no consolo, e ele próprio utiliza a ideia de recompensa para incitar os homens a cumprirem os mandamentos e alcançar a perfeição. "Honra teu pai e tua mãe" é o mandamento, e a recompensa logo segue: "para que teus dias se prolonguem sobre a terra". "Se queres ser perfeito, vai, vende o que possuis, e depois segue-me". Eis o que a perfeição exige, e imediatamente vem a recompensa como estímulo para atingir a perfeição: "e encontrarás um tesouro no céu". "Bem-aventurados sereis vós, quando os homens vos odiarem, quando vos rejeitarem, insultarem e proscreverem vosso nome como infame, por causa do Filho do Homem" (Lc 6,22). Está aí exposta a exigência da realização espiritual; supõe uma força de alma pouco comum e uma paciência inabalável. Por esse motivo, a recompensa e a consolação são grandes, próprias a suscitar e manter essa força da alma: "porque será grande a vossa recompensa no céu". Creio, portanto, que certo desejo de plenitude na oração é necessário e constitui, provavelmente, o meio de conseguir, ao mesmo tempo, o esforço e o resultado. O que dissemos confirma, pois, os ensinamentos práticos que acabamos de ouvir do Padre Skhimnik.

O monge: Um verdadeiro teólogo - refiro-me a São Macário do Egito - escreve de maneira muito clara a esse respeito: "Quando plantais uma vinha, nela empregais todo vosso empenho e trabalho com o fito de obter uma bela vindima; se assim não fizerdes, todo vosso trabalho será inútil. O mesmo acontece com a oração: se não procurardes o fruto espiritual - quer dizer, o amor, a paz, a alegria e tudo o mais - vosso trabalho terá sido em vão. Por esse motivo, deveríamos cumprir nossos deveres espirituais (a oração) com o intuito e a esperança de colher seus frutos, isto é, o consolo e a alegria". Vede como São Macário respondeu, com toda clareza, à vossa pergunta sobre a necessidade da alegria na oração. Suas palavras fazem-me lembrar o que li, não faz muito tempo, nos escritos de um autor espiritual. Dizia mais ou menos assim: "O fato de a oração ser natural no homem é a causa principal de sua inclinação para ela". A análise dessa característica natural pode também, a meu ver, servir de poderoso meio para estimular o esforço na oração, meio que o professor aqui presente procura com tanto empenho.

Permitam-me resumir alguns pontos que mais me chamaram a atenção nesse caderno. Diz o autor, por exemplo, que a razão e a natureza levam o homem ao conhecimento de Deus. A primeira confirma o axioma de que não pode haver ação sem causa e, escalando as coisas sensíveis, da inferior à mais alta, chega à Causa primeira: Deus. A segunda manifesta a cada instante as maravilhas de uma sabedoria, de uma harmonia, de uma ordem, e torna-se, assim, o ponto de apoio dos degraus que conduzem das coisas finitas ao infinito. Assim sendo, o homem chega naturalmente ao conhecimento de Deus. Por esse motivo, não há, e nunca houve povo ou tribo bárbara desprovidos de um mínimo de conhecimento de Deus. Por causa desse conhecimento, o mais selvagem insulano, sem nenhum estímulo exterior, volta, por assim dizer, espontaneamente sua atenção para os céus, cai de joelhos, suspira por algo que não compreende, e tem o vivo sentimento de que uma força o atrai para o alto, e o impele para o

infinito. É o fundamento de todas as religiões naturais.

A esse respeito, convém observar que, universalmente, a essência ou a alma de qualquer religião consiste na oração secreta que se manifesta por uma determinada forma de atividade do espírito, e, sem dúvida, como uma oblação, embora mais ou menos deformada pela opacidade em que ainda se encontra a inteligência dos povos pagãos. Quanto mais surpreendente é esse fato aos olhos da razão, mais nos importa descobrir a causa oculta dessa atitude maravilhosa que se exprime por uma tendência natural à oração. A resposta psicológica não é difícil de encontrar. A raiz e a força de todas as paixões e atos humanos é o amor inato do ser. O instinto de conservação, profundamente enraizado e universal, confirma-o. Todo desejo humano, todo empreendimento, toda ação têm como fito a satisfação do amor de ser, a busca da plenitude pelo homem. A satisfação dessa necessidade acompanha o homem natural ao longo de toda a sua vida. Mas o espírito humano não se contenta com o que satisfaz os sentidos, e o amor inato de ser nunca se detém. O desejo se desenvolve sempre mais, o esforço para alcançar a plenitude aumenta, cumula a imaginação e impulsiona o sentimento para outro fim. O fluxo desse sentimento e desse desejo interior, à medida que se desenvolve, é o estímulo natural da oração. E é a própria exigência do amor de ser, quando se amplifica ao infinito. Quanto menos o homem natural consegue alcançar a felicidade, mais a persegue, seu desejo mais aumenta e mais encontra, na oração, uma resposta para esse desejo. Recorre, para pedir o que deseja, à Causa desconhecida de tudo quanto existe. Assim sendo, esse amor inato de ser, elemento principal da vida, é, mesmo no homem natural, o propulsor da oração. O Criador, infinito conhecedor de todas as coisas, dotou a natureza do homem de uma aptidão ao amor de ser, precisamente como uma "solicitação", para usar a expressão dos Padres da Igreja, que erguerá o ser humano decaído até o contato das coisas celestes. Ah! se o homem não tivesse deturpado essa aptidão, se tão-somente a tivesse conservado em sua excelência, com sua

natureza espiritual, segundo sua vocação, disporia de um meio eficaz para ser conduzido no caminho da perfeição espiritual. Infelizmente, muitas vezes ele transforma essa nobre tendência em paixão egoísta, quando dela faz o instrumento de sua natureza animal.

O staretz: Agradeço-vos do fundo do coração, meus caros visitantes. Vossa conversa salutar foi para mim um grande consolo, e deu-me, na minha inexperiência, conhecimentos proveitosos. Que Deus vos conceda a sua graça em recompensa de vosso amor.

(Separam-se todos)

Sétimo Relato

peregrino: Meu piedoso amigo, o professor, e eu também, estamos ansiosos por iniciar nossa viagem, mas, antes, quisemos fazer-vos uma pequena visita, a fim de dizer um último adeus e pedir que reze por nós.

O professor: Sim, nosso encontro foi de grande valia para nós, assim como as explanações espirituais com que fomos beneficiados, na vossa companhia e na de vossos amigos. Conservaremos no coração a lembrança de tudo quanto recebemos, como penhor de amizade e de amor cristão, neste longínquo local para onde nos dirigimos.

O staretz: Agradeço-vos porque pensastes em mim e chegais num momento muito oportuno. Estão aqui comigo dois viajantes, um monge moldávio e um eremita que viveu no silêncio, durante vinte e cimo anos, em plena floresta. Eles querem conhecer-vos. Vou chamá-los.

O peregrino: Ah! que bênção é a vida na solidão! E como é propícia para levar a alma à constante união com Deus! A floresta silenciosa é como um jardim do Éden, onde a árvore da vida cresce no coração do peregrino. Se me fosse dada a possibilidade, creio que nada poderia extinguir meu desejo de praticar a vida eremítica.

O professor: Visto de longe, tudo nos parece desejável. Mas aprendemos, através da experiência, que qualquer situação, apesar de ter vantagens, apresenta seus inconvenientes. Sem dúvida, para aquele que por natureza é melancólico e propenso ao silêncio, a vida solitária é um alívio. Quantos perigos, porém, nessa trilha! A história da vida ascética fornece-nos muitos exemplos, mostrando que inúmeros anacoretas e eremitas totalmente afastados da sociedade humana, foram vítimas de ilusão e sérias seduções.

O eremita: Fico surpreendido que se diga tantas vezes na Rússia, tanto nos mosteiros como entre os leigos que temem a Deus, que muitos daqueles que desejam a vida eremítica ou a prática da oração interior, são desviados dessa inclinação por temor das tentações. Enfatizando esse aspecto, renunciam depressa demais à vida interior e dela desviam os outros. Parece-me que esse conceito deriva de duas causas: seja a inexistência de compreensão da tarefa a cumprir e uma falta de luzes espirituais, seja nossa própria indiferença para uma realização contemplativa e o temor ciumento de que outros, considerados por nós como inferiores, progridam nesse conhecimento superior. É lastimável que os que assim pensam, não se aprofundem nos ensinamentos dos santos Padres a esse respeito. Esses mostram, com autoridade, que não se deve temer nem duvidar, quando invocamos a Deus. Se alguns foram realmente vítimas de ilusões, a causa terá sido o orgulho ou o fato de não ter um pai espiritual; ou ainda, de tomarem as aparências e a imaginação como realidade. Os Padres insistem em dizer que, se sobrevier um período de semelhante provação, esta conduzirá a uma experiência mais consciente e à coroa de glória, pois Deus vem rapidamente em auxílio da pessoa, quando ele permite que tal aconteça. Sede corajosos. "Eu estou convosco, não temais", diz Jesus Cristo.

Assim sendo, é inútil temer e alarmar-se, quanto à oração interior, sob o pretexto de que nos arriscamos a ilusões. Uma humilde consciência dos pecados, a sinceridade da alma diante de seu pai espiritual e a ausência de

imagens na oração, constituem uma firme e segura defesa contra essas ilusões tão temidas por muitos, temidas a ponto de não ousarem aventurar-se na atividade espiritual. Aliás, essas próprias pessoas encontram-se expostas à tentação, conforme nos dizem as sábias palavras de Filoteu, o Sinaita: "Existem muitos monges, diz ele, que não compreendem sua própria ilusão mental e admitem ficar nas mãos dos demônios - isto é, dedicam-se, exclusivamente, a uma única forma de atividade: as boas obras exteriores. Quanto à atividade espiritual, isto é, a contemplação interior, não se preocupam, porque são pouco esclarecidos e ignorantes a esse respeito". "Embora ouvindo dizer que a graça os transforma interiormente, por ciúmes só enxergam a ilusão", diz também São Gregório, o Sinaita.

O professor: Permiti que vos faça uma pergunta. Sem dúvida alguma, a consciência dos pecados advém a todos que estão atentos a si mesmos. Mas como proceder, quando não dispomos de um pai espiritual, capaz de nos guiar, segundo. sua própria consciência, no caminho da vida interior e que, após lhe termos aberto o coração, possa transmitir-nos, acerca da vida espiritual, um conhecimento exato e digno de fé? Nesse caso, seria talvez preferível não nos engajarmos na contemplação a tentar uma experiência por nossos próprios meios, sem um guia? Além do mais, de minha parte, não compreendo como é possível, ao nos pormos na presença de Deus, conseguir uma completa ausência de imagens. Não é natural; nossa alma ou nossa mente não consegue representar o que quer que seja, destituído de forma, num vazio absoluto. E, na realidade, quando a alma está imersa em Deus, por que não deveríamos representar Jesus Cristo ou a Santíssima Trindade, e assim por diante?

O eremita: Os conselhos de um pai espiritual ou de um staretz experimentado em assuntos espirituais, a quem se possa todos os dias abrir o coração sem reserva, com confiança e proveito, e dizer tudo quanto se pensa e tudo quanto encontramos na vereda da educação interior, é condição primordial para praticar a oração do coração, ao nos embrenharmos

na via do silêncio. Entretanto, nos casos em que não é possível encontrarmos um, os santos que isso prescrevem fazem uma exceção. Nicéforo, o Monge, dá, sobre o assunto, indicações bem precisas: "Durante a prática da atividade interior do coração, é imprescindível um pai espiritual autêntico e instruído. Se não conheceis nenhum, urge procurar um. Mas, se não o encontrardes, então, implorando com contrição a assistência de Deus, sorvei instruções e conselhos nos ensinamentos dos santos Padres e confrontai-os com a Palavra de

Deus apresentada nas Escrituras". É preciso também levar em conta esta verdade: aquele que busca, tendo boa vontade e sendo cheio de zelo, pode obter informações úteis da parte de qualquer pessoa. Sim, os santos Padres nos garantem que, se questionarmos com fé e com intenção reta, mesmo um sarraceno, dele podemos ouvir palavras proveitosas. Se, no entanto, pedirmos conselhos a um Profeta, mas o fizermos sem fé e sem reta intenção, ele não nos poderá satisfazer. Disso temos um exemplo na história de Macário, o Grande, do Egito, a quem certo dia um simples camponês deu uma explicação que extinguiu sua angústia.

No que concerne à ausência de formas - isto é, o fato de não usar da imaginação e não aceitar visões durante a contemplação, seja ela a da luz de um anjo, de Cristo ou de qualquer santo, e de afastar-se de toda espécie de devaneio - isso, bem entendido, é prescrito pelos Padres experimentados que explicam: o poder da imaginação pode facilmente encarnar ou, por assim dizer, dar vida às representações mentais, de molde a que pessoas inexperientes possam ser facilmente atraídas por essas ficções, tomá-las por visões da graça e cair assim na ilusão, sem levar em conta as advertências da Sagrada Escritura que afirma poder tomar a forma de um anjo de luz até o próprio Satanás. Que o espírito possa, natural e facilmente, estar em condição de completa ausência de imagens, e assim permanecer, ao mesmo tempo lembrando-se da presença de Deus, é admissível, já que a força da imaginação pode, nesse vazio, representar algo de maneira perceptível, e

dar consistência a essa representação. Por exemplo, a representação da alma, do ar, do calor ou do frio. Quando uma pessoa sente frio, pode criar, mentalmente, uma ideia viva do calor, embora o calor não possua contornos, não seja visível nem medido pela sensação física daquele que se encontra exposto ao frio. Do mesmo modo, a presença espiritual e incompreensível de Deus pode ser conhecida pelo espírito e constatada no coração, em meio a uma absoluta ausência de formas.

O peregrino: Durante minhas viagens, encontrei pessoas piedosas em busca de salvação, que me disseram temer a vida interior que denunciavam como pura ilusão. Para diversas dentre elas, li, com certo proveito, o ensinamento de São Gregório, o Sinaita, na Filocalia. Diz ele que "o movimento do coração não pode ser uma ilusão (ao contrário do movimento do espírito), pois, se o inimigo quisesse transformar o calor do coração em seu próprio fogo desenfreado, ou substituir a alegria do coração por tépidos prazeres dos sentidos, o tempo, a experiência e o próprio sentimento denunciariam sua astúcia e falsidade, mesmo pelos menos instruídos". Aconteceu-me encontrar outros que, por infelicidade, após terem conhecido a via do silêncio e da oração do coração, depararam algum obstáculo humano ou se chocaram com a fraqueza pecadora, entregaram-se ao desânimo e renunciaram à atividade interior do coração que haviam experimentado.

O professor: Sim, e é muito natural; eu mesmo experimentei, por vezes, a mesma sensação quando perdi meu equilíbrio interior ou cometi alguma falta. Porque, do momento que a oração interior é algo sagrado, uma união com Deus, será que não é sacrilégio e audácia a ser evitada o carregar algo sagrado num coração aviltado pelo pecado, sem tê-lo, antes, purificado por uma penitência e uma contrição silenciosas e sem uma preparação conveniente para voltar para Deus? É preferível manter-se mudo diante de Deus a oferecer-lhe palavras indiferentes saídas de um coração que se acha nas trevas e na confusão.

O monge: É lastimável que penseis assim. É um estado de desânimo, isto é, o pior de todos os pecados e a arma principal do mundo das trevas contra nós. O ensinamento dos Padres experimentados é, a esse respeito, completamente diferente. Nicetas Stétatos diz que, mesmo que tenhais sucumbido e estejais mergulhados nas profundezas diabólicas do mal, não deveis desesperar-vos, mas voltar logo para Deus, e ele reerguerá prontamente vosso coração da queda e dar-vos-á uma força superior àquela que tínheis antes. Após cada falta e cada chaga do coração pelo pecado, é necessário colocar imediatamente o coração na presença de Deus, para que ele o cure e purifique, exatamente como as coisas que se infectaram perdem a virulência de sua infecção, se as expusermos, por algum tempo, à ação dos raios solares.

Muitos autores espirituais exprimem-se de maneira formal sobre esse conflito interior com os inimigos da salvação: nossas paixões. Mesmo mil vezes atingido, jamais abandoneis a atividade que dá a vida e que é a invocação de Jesus Cristo presente no coração. Nossos pecados não nos deveriam impedir de caminhar na presença de Deus e cumprir a oração interior - pois só subsistiria em nós a inquietação, o desânimo e a tristeza - mas deveriam, pelo contrário, fazer-nos voltar imediatamente para Deus. A criança conduzida pela mãe ao dar os primeiros passos, volta-se sempre para ela e nela se agarra com força, quando se vê ameaçada de cair. O eremita: De minha parte, acho que o estado de desânimo, os pensamentos que perturbam, as dúvidas, são muito facilmente despertadas pela distração da mente e pela impossibilidade de preservar o silêncio de nosso interior. Em sua divina sabedoria, os Padres antigos conquistaram a vitória sobre o desânimo e receberam a iluminação e a força, pela esperança inquebrantável em Deus, pelo silêncio tranquilo e a solidão e deixaram-nos este precioso conselho: "Senta-te silencioso em tua cela, e ela tudo te ensinará".

O professor: Confio tanto em vós que me sinto feliz por ouvir vossa

crítica a minhas ideias sobre o silêncio - que sabeis louvar com tanta grandeza - e sobre os benefícios da vida solitária que os eremitas tanto apreciam. Eis, porém, meu modo de pensar: se todos os homens, pela lei da natureza dada pelo Criador, vivem em necessária dependência uns dos outros e devem, assim, ajudar-se mutuamente na vida, devem trabalhar e prestar serviços recíprocos, essa sociabilidade contribui para o bem-estar da raça humana e manifesta o amor ao próximo. Mas o eremita silencioso que se retirou da sociedade humana, de que maneira, em sua inatividade, pode ele servir seu próximo, e que contribuição dará ao bem-estar da sociedade humana? Destrói completamente, em si mesmo, essa lei do Criador que exige a união da humanidade no amor e a ação benfazeja, em vista da fraternidade universal.

O eremita: Tendes uma falsa concepção do silêncio, e as conclusões que dele extraístes não são justas. Vejamos o caso pormenorizadamente.

1. O homem que vive no silêncio e na solidão não vive na inação e na ociosidade, mas é profundamente ativo, mais até do que aquele que participa de uma vida comunitária. Trabalha incansavelmente, segundo os mais altos graus de sua inteligência; ele vigia, medita; concentra toda a sua atenção no estado e progresso de sua alma. É esse o verdadeiro fito do silêncio. E, na medida em que essa atitude favorece seu próprio aperfeiçoamento, beneficia aqueles que não podem praticar a concentração interior, para desenvolver a vida da alma, pois, aquele que vela em silêncio e comunica suas experiências interiores, seja oralmente (em casos excepcionais), seja por escrito, colabora para o bem espiritual e para a salvação de seus irmãos. Faz mais ainda, e num plano mais elevado, do que o mero benfeitor, porque a simples caridade sentimental, no mundo, é sempre limitada por ser pequenina a porção dos benefícios concedidos, ao passo que a pessoa que concede benefícios, baseada em suas próprias experiências interiores, por possuir meios convincentes de realização espiritual, torna-se benfeitor de nações inteiras. Sua experiência e ensinamento transmitem-se de

geração em geração, como nós mesmos constatamos e somos até hoje seus beneficiados. E essa atitude em nada difere do amor cristão e até mesmo o ultrapassa em seus resultados.

2. A preciosa e benéfica influência sobre seu próximo, influência do homem que observa o silêncio, não se manifesta apenas pela comunicação de suas observações a respeito da vida interior, mas também pelo exemplo e irradiação de sua vida, que pode despertar o profano para o conhecimento de si mesmo e provocar nele um sentimento de veneração. O homem que vive no mundo e ouve falar de um piedoso eremita, ou que passa diante de sua ermida, sente um chamado à vida espiritual, lembra-se do que o homem pode ser no mundo, e que lhe é possível voltar ao estado contemplativo original que era o do homem quando saiu das mãos do Criador. O eremita ensina, por seu próprio silêncio; por sua própria vida pratica o bem, edifica e convence a buscar a Deus.

Santo Isaac, o Sírio, assim exalta a importância do silêncio: "Se colocarmos de um lado as ações desta vida e, do outro, o silêncio, verificamos que ele altera, em proveito próprio, o equilíbrio da balança. Não consideremos iguais os que realizam prodígios e milagres no mundo e os que conservam o silêncio com toda a convicção. Amai o silêncio com intensidade maior do que a avidez das pessoas deste mundo. Mais vale eximir-se dos elos do pecado do que libertar escravos de sua servidão". Mesmo os sábios que não adotaram esse tipo de vida, reconheceram o valor do silêncio. A escola filosófica dos neo-platônicos, que agrupou inúmeros adeptos sob a direção do filósofo Plotino, colocou em alto nível o desenvolvimento da vida contemplativa, mais acessível particularmente através do silêncio. Um autor espiritual disse: mesmo que o Estado atinja um elevado grau de aperfeiçoamento dos costumes e da educação, será ainda necessário encontrar homens para a contemplação, independentemente das habituais atividades dos cidadãos, para que seja preservado o Espírito de verdade e para que, tendo-o recebido dos séculos passados,

nós o transmitamos às gerações futuras. Esses homens, na Igreja, são os eremitas, os enclausurados, os anacoretas.

O peregrino: Creio que ninguém exaltou tanto a virtude do silêncio quanto São João Clímaco. "O silêncio, diz ele, é a mãe da oração, uma conversão do cativeiro do pecado, progresso invisível na virtude, contínua ascensão ao céu". Sim, o próprio Jesus, para mais nos mostrar a vantagem e a necessidade do isolamento pelo silêncio, muitas vezes deixava sua pregação pública e refugiava-se em lugares solitários, para aí rezar e repousar. Aqueles que contemplam silenciosamente, são como as pilastras que sustentam a Igreja, através de sua oração secreta e contínua. Desde longínquo passado, vemos muitos leigos fervorosos, e até mesmo reis e seus cortesãos, visitarem eremitas e homens que observavam o silêncio, para pedir-lhes orações, a fim de serem fortalecidos e salvos. Assim sendo, o enclausurado silencioso pode também servir o próximo e agir para o bem e a felicidade da sociedade, rezando isolado.

O professor: Eis de novo um conceito difícil de compreender. É um costume, geralmente difundido entre todos os cristãos, pedir orações uns pelos outros, querer que outro reze em sua intenção, e ter uma especial confiança num membro da Igreja. Não será simplesmente um pedido feito por amor a si próprio? Não será também um hábito adquirido de repetir o que outros disseram, uma espécie de fantasia sem qualquer fundamento importante? Já que Deus em sua santa providência tudo prevê e realiza, e não segundo nosso desejo, conforme nos diz o santo evangelho, terá ele necessidade da intercessão da criatura humana? Será possível que a oração de muitos consiga alterar as decisões divinas mais do que a de uma só pessoa? Nesse caso, Deus faria acepção de pessoas. Poderá acontecer que as orações de outra pessoa me salvem realmente, quando cada um é louvado ou censurado segundo seus próprios atos? A meu ver, o pedir orações não passa de uma simples e piedosa manifestação de solidariedade espiritual que comporta marcas de humildade e o desejo

de agradar, através de uma solicitação mútua. E nada mais.

O monge: Se nos prendermos apenas às considerações exteriores, com uma filosofia rudimentar, poderíamos vê-la como tal. Mas o julgamento espiritual, santificado pela luz da revelação e aprofundado pelas experiências da vida interior, vai muito além: distingue de maneira mais profunda e revela misteriosamente algo muito diferente do que expusestes. Para que possamos compreender mais depressa e com maior clareza, tomemos um exemplo, e comprovaremos, em seguida, a sua exatidão, conforme a Palavra de Deus.

Digamos que um aluno procurou um mestre para se instruir. Suas fracas aptidões e, mais ainda, sua preguiça e falta de concentração impediram-no de obter qualquer sucesso em seus estudos, e inseriram-no na categoria dos preguiçosos, daqueles que não alcançam resultado algum, Muito atingido pelos seus fracassos, não sabia que fazer, nem como lutar contra seus defeitos. Encontrou, certa vez, um colega, companheiro de classe; e lhe expôs seus aborrecimentos. O colega interessou-se por ele e se propôs ajudá-lo: "Estudemos juntos, disse o amigo; seremos mais estimulados, ficaremos mais satisfeitos e conseguiremos obter maior sucesso". Puseram-se, pois, a estudar juntos, cada um comunicando ao outro suas observações. Que aconteceu, após algum tempo? Começou a tomar gosto pelo estudo, sua negligência transformou-se em entusiasmado esforço, a inteligência parece ter-se aberto e influiu enormemente em sua vontade e conduta. Quanto ao que sempre fora capaz, tornou-se mais esclarecido e ainda mais aplicado. Por essa influência recíproca, obtiveram verdadeiro êxito. E é muito natural, porque o homem nasceu na sociedade; por intermédio dos outros é que desenvolve sua inteligência, aprimora sua conduta, educação e vontade. Numa palavra: tudo recebe do convívio e comunicação com seus semelhantes.

Assim sendo, já que a vida dos homens consiste em relações muito estreitas e em fortes influências mútuas, aquele que vive com certa cate-

goria de pessoas, participa de seus hábitos e de sua conduta. Os homens frios tornam-se entusiastas, os rudes ficam mais delicados, os preguiçosos entregam-se à atividade pelo vivo interesse que experimentam por aqueles que os cercam. O espírito pode dar-se ao espírito, atuar favoravelmente sobre outrem, atraí-lo à oração e à atenção. Pode reconfortá-lo no desânimo, desviá-lo do vício, despertá-lo para a santidade. É assim que, pelo mútuo auxílio, os homens tornam-se mais fervorosos, mais ativos espiritualmente e mais humildes. Eis o segredo da oração pelos outros, segredo que explica o piedoso costume, entre os povos cristãos, de implorarem orações mútuas.

Tal verdade permite-nos ver que a oração não agrada a Deus como as reivindicações e diferentes intercessões agradam aos maiorais deste mundo, mas faz-nos saber que a oração, pela sua própria essência e poder, purifica e eleva a alma daquele para quem é oferecida, prepara-o para a união com Deus. Se a oração recíproca daqueles que vivem no mundo é tão benéfica, podemos deduzir o quanto a oração pelos mortos é também mutuamente salutar, em virtude dos estreitos laços que unem o mundo celeste e o nosso. É assim que as almas da Igreja terrena podem unir-se às da Igreja celeste ou, o que vem a ser a mesma coisa, os vivos unirem-se aos mortos na unidade da Igreja. Tudo o que acabo de dizer é uma argumentação psicológica, mas basta abrir a Sagrada Escritura, para verificar sua exatidão.

1. Jesus Cristo disse ao apóstolo Pedro: "Orei por ti, para que tua fé não desfaleça". Podeis ver, então, que a oração de Cristo, pelo seu poder, fortalece o espírito de São Pedro e o encoraja, quando sua fé é posta à prova,

2. Quando o apóstolo Pedro estava na prisão, "a Igreja orava por ele incessantemente". Tal fato mostra-nos o auxílio que a oração fraterna significa, nas circunstâncias difíceis da vida.

3. Mas o preceito mais evidente sobre a oração pelos outros é dado

pelo apóstolo Tiago: "Confessai uns aos outros os vossos pecados e orai uns pelos outros para que sejais curados. A oração fervorosa do justo tem grande poder".

Eis a clara confirmação dos argumentos psicológicos já expostos. E que dizer do exemplo que nos dá o apóstolo São Paulo? Diz um consagrado autor que o seu exemplo deveria ensinar-nos o quanto a oração mútua é necessária, já que um asceta tão santo e tão sábio reconhece precisarmos dessa ajuda espiritual.

Eis como ele formula seu pedido na Epístola aos Hebreus: "Orai por nós, porque estamos convictos de possuir uma consciência boa, com a vontade de nos comportar bem" (Hb 13,18). Quando consideramos essas palavras, quão pouco sensato nos parece entregarmo-nos exclusivamente a nossas próprias orações, quando um homem tão santo e tão favorecido pela graça pede, em sua humildade, que as orações do próximo - neste caso, os hebreus - se juntem às suas. Na humildade e comunhão de amor, não devemos desprezar ou rejeitar o socorro das orações, mesmo do mais insignificante dos fiéis, uma vez que o espírito iluminado do apóstolo Paulo não manifestou, sobre este ponto, a menor dúvida. Ele pede a oração de todos em geral, sabendo que o poder de Deus torna-se perfeito na fraqueza e no amor. A oração pode, pois, algumas vezes, encontrar sua perfeição entre aqueles que parecem rezar pouco. Penetrados pela força desse exemplo, observamos ainda que a oração mútua fortalece esta unidade do amor cristão ordenado por Deus; ela dá testemunho da humildade espiritual daquele que faz o pedido, e parece, por assim dizer, estimular o espírito daquele que reza. Eis o que encoraja a mútua intercessão.

O professor: Vossa análise e provas são admiráveis e justas, mas seria interessante que vós mesmos nos fizésseis conhecer o método e a forma real da oração pelos outros. Se a fecundidade dessa oração resulta de um interesse vivo pelo nosso próximo e da influência constante do espírito

daquele que reza sobre o espírito daquele que pediu a oração, não correrá essa alma o risco de se distrair da presença ininterrupta de Deus e de sua expansão diante dele? Se pensarmos, com compaixão, em nosso próximo, pedindo por ele, uma ou duas vezes ao dia, o auxílio de Deus não será o suficiente para influenciar e fortalecer sua alma? Em suma, gostaria de saber, exatamente, em que consiste rezar pelos outros.

O monge: A oração oferecida a Deus por quem quer que seja não deve e não pode afastar-nos da presença divina, porque, se ela é oferecida a Deus, deve dar-se, evidentemente, em sua presença. Quanto ao método, é preciso observar que a força dessa espécie de oração concentra-se na verdadeira compaixão cristã pelo próximo, e que ela atua em sua alma na medida dessa compaixão. Assim sendo, quando nos lembramos do próximo, ocasionalmente ou no momento fixado para fazê-lo, é bom colocá-lo na presença de Deus, e formular a oração nos seguintes termos: "Misericordioso Deus, seja feita a tua vontade. Tu que desejas que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade, salva e socorre teu servo N… Aceita este desejo que exprimo como um grito do amor que ordenaste".

Repetireis essa oração cada vez que vossa alma sentir o desejo, ou podereis repeti-la no vosso terço. A experiência demonstrou-me o quanto é proveitosa àqueles por quem é oferecida.

O professor: Vosso modo de ver e vossos argumentos, a conversa edificante e os pensamentos que ela desperta são tais, que me sinto empenhado em guardá-los cuidadosamente na minha memória, e expressar-vos todo o respeito e reconhecimento de meu coração.

O peregrino e o professor: Chegou o momento de partirmos. Do fundo do coração, pedimos vossas orações por nossa viagem e por nossa amizade.

O staretz: Que o Deus da paz, que ressuscitou dentre os mortos aquele

que se tornou, pelo sangue de uma aliança eterna, o grande Pastor das ovelhas, Nosso Senhor Jesus Cristo, vos torne aptos a cumprir sua vontade em toda espécie de bem, que ele realize em nós o que lhe for agradável, por Jesus Cristo, ao qual seja dada a glória pelos séculos dos séculos. Amém (Hb 13,20-21).

Adverte-se aos curiosos que esta obra foi composta em tipologia EB Garamond e Zallman Caps, em GNU/Linux (CRUX), com os softwares livres LaTeX, Vim, Zathura e GIMP.